



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGLIN

Graziela Hahn

O boom do bullying: uma análise histórica de sua performatividade

Florianópolis

2021

Graziela Hahn

O boom do bullying: uma análise histórica de sua performatividade

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Daniel do Nascimento e Silva.

Florianópolis

2021

Hahn, Graziela
O Boom do bullying: uma análise histórica de sua
performatividade / Graziela Hahn ; orientador,
Daniel do Nascimento e Silva, 2021.
112 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de PósGraduação em Linguística, Florianópolis,
2021.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Bullying. 3. Performatividade.
4. Iterabilidade. 5. Habitus. I. Silva, Daniel do
Nascimento
e. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Graziela Hahn

O boom do bullying: uma análise histórica de sua performatividade

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Atilio Butturi Jr, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Marco Antonio Lima do Bonfim, Dr.

Universidade Estadual do Ceará

Prof. Pedro Souza, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Dr. Daniel do Nascimento e Silva

Orientador

Florianópolis, 2021.

Ao Carlos e aos meus queridos pais e irmãos, pelo apoio no caminho.

AGRADECIMENTOS

Escrever esta dissertação foi um processo de crescimento cercado por diferentes pessoas que, ao longo dos últimos dois anos, tornaram o caminho mais leve. De modos diferentes, mas não menos importante, cada pessoa contribuiu expressivamente para que eu pudesse chegar ao fim desse processo.

Entre todos, meu primeiro agradecimento se dedica ao meu orientador, Daniel. Sua inteligência, seu carisma, sua sabedoria e seu respeito ao outro enquanto ser humano foram responsáveis por grande parte nesse processo de amadurecimento e para que este trabalho chegasse até aqui. A liberdade que me proporcionou durante estes anos e todas as palavras com que me tratou, têm contribuído não apenas com minha formação acadêmica, mas com meu crescimento pessoal, além de trazer leveza ao trabalho que nem sempre nos encontra em nossa melhor forma. Foram dois anos de intensos desafios – em muitos aspectos – e faltam palavras para expressar minha gratidão e todo significado e exemplo que o Daniel tem para mim e para meu trabalho. Obrigada por sempre acreditar em mim.

Sou também grata aos membros da banca de qualificação deste trabalho, Atilio e Pedro. Obrigada por suas palavras, por suas contribuições e por seus olhares apurados ao meu texto, antes tão imaturo. Atilio é uma pessoa de grande importância na minha vida acadêmica, alguém que me resgatou, na época da graduação, quando eu quase desistia. Depois, na seleção para este curso de mestrado, me apresentou ao Daniel e, de certa forma, me colocou no caminho em que estou hoje. Lembro-me como se fosse ontem de suas palavras de acalanto e de como falou por (e de) mim em nossa entrevista de seleção. Obrigada por, enquanto professor, me conhecer tão bem e por não desistir de mim. Ao Pedro, que foi meu professor na graduação quando estive em regime domiciliar, muito obrigada pelo olhar atento, por suas orientações e indicações de leitura. A poesia em suas palavras faz com que pensemos as coisas do mundo de um jeito singular.

Deixo também meu agradecimento e minha gratidão aos professores das disciplinas que cursei no mestrado, que contribuíram igualmente ao meu crescimento e acrescentaram, sem dúvida alguma, muito ao que sei e em minha caminhada acadêmica. Fábio Lopes, Rosângela Pedralli, Edair M^a Gorski, Cristiane L. Volcão, Sandra Quarezemin, Rodrigo

Acosta Pereira, Maria Inêz P. Lucena e Daniel do Nascimento e Silva. Cada um de vocês foi essencial durante minha formação.

Minha família e meu namorado também foram, cada um a seu modo, importantes – na verdade, essenciais, para chegar até aqui. Meus pais Márcia e Valdero, por não deixarem faltar apoio e por não deixarem de acreditar em mim e em minha capacidade de ir cada dia mais longe. Sua força de vontade, seu amor e sua educação foram – e são – com certeza, formadores de grande parte do que sou. Aos meus irmãos, o Gustavo, por estar sempre por perto e admirado com minha vontade de estudar, e ao Giovanni, que chegou junto com meu ingresso no mestrado e ensinou desde seu primeiro dia, não apenas a mim, como nunca desistir da vida e a enfrentar as dificuldades. Ao Carlinhos, meu par, que me estende a mão e caminha ao meu lado em cada decisão tomada e em cada sonho compartilhado. Obrigada pelo colo nos dias difíceis e por ser calmaria quando eu sou tempestade. Obrigada por se orgulhar de mim e por me dar força para continuar. Não poderia deixar de lembrar também dos meus avós, Valmiro, Olívia, Marcolino e Flonísia (em memória), por se orgulharem tanto de sua neta e contribuírem em muito na minha educação, na minha trajetória e em meu crescimento pessoal.

Aos meus amigos, obrigada por estarem sempre por perto, nas horas boas tanto quanto nas horas difíceis. Ao João, que há anos vem sendo um grande amigo, para toda e qualquer hora, que entende minhas angústias e tem os melhores conselhos para qualquer situação. À Suéllen, que está comigo há 24 anos de vida e não solta minha mão por nada. À Rhayanne, que chegou tem menos tempo, mas está aqui como se fosse por toda a vida. Ao Gean, que estende a mão sem olhar quantas horas da madrugada vai perder em um hospital – isso e muito mais. Aos meus sogros e minha cunhada, Rodrigo, Marlete e Nayara, que me receberam muito bem desde sempre e se tornaram família. À Angélica, minha nutricionista excepcional, que me proporciona saúde com mais leveza e menos estresse, tornando-se amiga em todos estes anos. Agradeço também aos amigos que, apesar de a vida adulta ter levado para um pouco mais distante, estão sempre por perto me incentivando, parabenizando e contribuindo em algo no meu crescimento: Bruna, Anderson, Natália, Márcia, Michelli, Patrícia, Priscila. Aos meus colegas de mestrado, por partilhar as angústias e os conselhos. Aos familiares mais distantes, que estão sempre na torcida.

Não menos importante, agradeço imensamente a Deus, que não cansa de me proporcionar novas e melhores chances a cada dia que passa. Enquanto os últimos anos foram duros com algumas pessoas, não me senti desamparada em nenhum momento.

Por fim, meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pela bolsa de mestrado concedida, sem a qual a realização desse trabalho não seria possível. Ter a oportunidade de dedicação exclusiva na formação acadêmica é, de fato, um privilégio.

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (FOUCAULT, 1984).

RESUMO

A presente dissertação, inscrita no campo da Linguística Aplicada, dialoga de perto com outros campos do conhecimento e aborda, principalmente, a ideia de que a linguagem é uma forma de ação. Fundamentalmente, discutimos as possíveis formas que essa ação pode assumir, abordando a violência e sua manifestação na forma do *bullying*. Na medida em que vemos a violência não apenas como um conceito destrutivo, mas também capaz de fazer outras coisas, procuro entender como a significação e a ressignificação dos sujeitos, através do *bullying*, se tornam possíveis e se delineiam a partir de uma violação do outro. De forma a esboçar a maneira danosa e violenta em que o *bullying* se manifesta, realizo uma análise das formas simbólicas investidas contra as vítimas, por meio das quais uma série de efeitos têm origem. Analisam-se, principalmente, depoimentos disponíveis em meio público digital, os quais compõem o documentário *Marcas de uma geração*, disponível no YouTube. Abordamos os modos pelos quais diferentes sujeitos são diminuídos, depreciados, excluídos e violentados através do *bullying*, revelando o modo como a linguagem é utilizada para ferir o outro, especialmente aquele que representa o gênero, a raça, o corpo que não se quer aceitar. Essa discussão sobre o papel central do *bullying* no processo de formação do sujeito significa, no limite, que outros campos, outras abordagens críticas, além dos estudos da linguagem, deveriam incluir a questão dessa forma de violência em suas abordagens.

Palavras-chave: *Bullying*. Performatividade. Iterabilidade. *Habitus*.

ABSTRACT

The present thesis, inscribed in the field of Applied Linguistics, dialogues closely with others areas and discusses, mainly, the idea that language is a form of action. Fundamentally, the shapes that action might take and discuss violence and its manifestation as *bullying*. As we see violence not solely as a destructive concept, I try to understand how signification and resignification of subjects, through *bullying*, become possible and take shape by the violating others. In an attempt to expose the harmful and violent way that *bullying* develops, an analysis of the symbolic ways promoted against the victims is conducted through which a series of effects originate. We analyse, mainly, testimonials available to the public on the internet, which are part of the documentary "*Marks of a generation,*" available on Youtube. We discuss, in the present work, the ways different subjects are diminished, depreciated, excluded and abused through *bullying*, revealing how language is used to hurt others, especially if those persons represent a gender, a race or a body shape which are not accepted. That discussion about the main role *bullying* plays in the process of formation of the subject means, in its limit, that other fields, other critical approaches, besides language studies, should include such type of violence in their discussions.

Palavras-chaves: *Bullying*. Violence. Performativity. Iterability. *Habitus*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados que compõem o grupo de análise **Erro! Indicador não definido.**18

SUMÁRIO

RESUMO	10
SUMÁRIO.....	13
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	22
LINGUAGEM E VIOLÊNCIA: PENSANDO SOBRE O <i>BULLYING</i>	22
Plano do capítulo	22
O que é <i>bullying</i> ?	23
A linguagem é violenta?	28
CAPÍTULO 2	39
PERFORMATIVIDADE E ATOS DE FALA: A DIMENSÃO PERLOCUCIONÁRIA DO <i>BULLYING</i>	39
Plano do capítulo	39
A trajetória do performativo em Austin.....	40
A teoria dos atos de fala	43
Condições de felicidade	44
A dimensão perlocucionária do <i>bullying</i>	46
CAPÍTULO 3	53
ITERABILIDADE EM QUESTÃO E O CASO <i>BULLYING</i>	53
Plano do capítulo	53
O que é e como surgiu a iterabilidade.....	53
A questão da responsabilidade	57
Iterabilidade, performatividade e <i>bullying</i> : o que fazemos com a linguagem e a questão da intenção	60
O que iterabilidade e <i>bullying</i> têm a ver?.....	63
CAPÍTULO 4	71
<i>BULLYING</i> : PERFORMANCE VIOLENTA E AS NOÇÕES DE <i>HABITUS</i> E CAMPO EM PIERRE BOURDIEU	71
Plano do capítulo	71

Uma compreensão possível	73
O que <i>habitus</i> e <i>bullying</i> tem a ver? A cultura do <i>bullying</i> enquanto <i>habitus</i> de um campo	80
CAPÍTULO 5	84
A REIVINDICAÇÃO DA NÃO VIOLÊNCIA	84
Plano do capítulo	84
A não violência a partir de Judith Butler	84
A sujeição e a resignificação das vítimas de <i>bullying</i>	87
O sujeito e a agência em Butler	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	101
ANEXO A – Depoimentos	103

INTRODUÇÃO

O único modo pelo qual nós, linguistas, podemos contribuir para os temas práticos que envolvem a linguagem é dotar um olhar crítico de nossa própria prática. Nunca é tarde demais para começar a fazer exame de consciência e perguntar a nós mesmos se por atos ou omissão não nos desviamos da responsabilidade de ver a linguagem como um fenômeno social com todas as implicações políticas e ideológicas de daí decorrem. (RAJAGOPALAN, 2004).

Tratar de violência é tratar de um fenômeno que atinge o meio social de diferentes formas e em diferentes esferas. Sem escolher etnia, escolaridade ou classe social (entre outros), a violência é um problema ao qual todos estamos sujeitos, diariamente, podendo sermos atingidos por uma de suas manifestações a qualquer momento. Na presente pesquisa, abordamos a problemática da violência linguística, sem anular a existência de suas demais formas, concentrando-nos em uma especificidade: o *bullying*.

Ao longo do texto, buscamos mostrar de que forma o *bullying* se configura como violência e, mais especificamente, como violência linguística, com o intuito de abordar suas dimensões performativas. Também discutimos a questão de como, ao longo do tempo, em diferentes épocas e contextos sociais, as pessoas vêm lidando com esse problema social que, cada vez mais, ganha espaço nas discussões acadêmicas e populares. Ao longo de nossa articulação, discutimos a forma como o *bullying* vem ganhando força e atingindo cada vez mais, em diferentes proporções, sujeitos que estão em processo de formação – ou, como veremos que diz Butler (1997), sujeitos que estão em reiteração constante.

Na década de 1980, na Noruega, o Prof. Dr. Dan Olweus realizava o primeiro estudo relacionado ao *bullying*, quando estudava a tendência suicida entre jovens em idade escolar. A partir dos estudos de Olweus (1973), a comunidade, de forma geral, passou a entender o *bullying* como um fenômeno que está relacionado a problemas principalmente comportamentais e sua dinâmica está marcada pela existência de participantes nos papéis de diferentes categorias de sujeitos (agressor, vítima, testemunha, etc).

Com frequência, vemos notícias relatando ocorrências ou consequências de *bullying*. Esse é um problema que atinge, principalmente, crianças e jovens em idade escolar, mas que

transcende os muros da escola e pode ser encontrado no meio de convívio familiar, no trabalho, nas universidades, etc. Trata-se de um fenômeno discursivo que, no Brasil, ganhou relevância nas discussões e maior visibilidade, de um modo geral.

O assunto ganhou notoriedade a partir do final de 1990. O fenômeno, que já existia, chegou para nós com o nome de *bullying* e continua a ser chamado por esse nome estrangeiro por conta da falta de um único termo específico que seja capaz de nomear a especificidade da violência na qual consiste o *bullying*. Durante muito tempo, comportamentos agressivos (verbal ou fisicamente), apelidos, chacotas, etc, eram vistos como inofensivos ou até mesmo naturais na infância. Porém, a partir do que chamo aqui de *boom do bullying*, com a chegada do termo e o início dos estudos e discussões relacionados a ele, além de sua definição e reconhecimento, esta questão passou a ganhar visibilidade e a trazer para as discussões uma série de práticas que eram, antes, facilmente apagadas. Para entendermos, vejamos a definição dada por Fante (2005):

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência (...) (FANTE, 2005, p. 27).

Há estudos que mostram casos de pessoas que foram expostas ao *bullying* e enfrentam consequências físicas e emocionais, a curto ou longo prazo (LOPES NETO, 2005). Para exemplificar, podemos observar o relato de Matheus:

(1) A principal motivação do bullying que eu sofria era o fato de eu ser muito afeminado, assim... e ter minha sexualidade o tempo todo questionada para além do que seria normal né, que é ser heterossexual. E... foi algo que... que antes mesmo de eu ter a minha identidade como gay eu já era questionado a respeito disso. Antes mesmo de eu entender o que era sexualidade, do que era atração sexual, é... através do meu comportamento as pessoas já me questionavam, já me maltratavam por causa disso. A gente sempre tenta reagir de alguma forma, seja tentando não se importar, seja... é... chorando, depois, sozinho (...). Eu acho que eu acabei desenvolvendo coisas que eu chamo de “técnica da sobrevivência da sociabilidade”, porque... eu sou muito calculista hoje, no sentido social, no que eu posso, do que eu não posso fazer, dependendo do lugar que eu tô, eu tenho que, sei lá, calculando o tempo odo é... como me adaptar. Eu acho que isso é algo que eu desenvolvi que eu não tinha, assim... é... a

gente acaba perdendo um pouco dessa espontaneidade, eu acho, pra sobreviver mesmo, assim... sem um conflito muito grande, sabe?! (...) Acho que o regime que a gente tem hoje, da... né... operado pelo machismo, pela masculinidade hegemônica, é tão forte, tão forte, que uma coisa mínima já tenciona isso, traz um conflito muito grande (...). E... assim, eu sou uma pessoa que gosto de pintar a unha... Então, por exemplo, dependendo do lugar que eu tô, eu, intuitivamente, escondo as mãos pra não mostrar que eu tô com a unha pintada, por exemplo, e é um cálculo que é... é chato de ficar fazendo o tempo todo, mas eu também não sei como viver de outra forma. (MATHEUS).

Matheus, sobre quem falaremos melhor no segundo capítulo, é um jovem de 24 anos de idade, homem, homossexual, estudante universitário e é uma das vítimas que compõem nosso quadro de análise. Uma das primeiras coisas que nos chama a atenção no relato de Matheus é a forma como ele se expressa. O jovem conta sua história com um tom de tranquilidade (conforme vemos no documentário), relatando sua experiência com uma maturidade e um olhar sobre a violência da sua formação, muito diferentes daqueles que sofreram de forma *mais severa*. No entanto, sua postura atual não deixa escapar o fato de que, ainda assim, as consequências por estar constantemente submetido ao *bullying* trouxeram uma resignificação para ele, enquanto sujeito.

A partir de relatos como o de Matheus, o presente trabalho busca discutir o *bullying* como uma violência linguística que ocorre, principalmente, através de atos de fala performativos (AUSTIN, 1962), cujos efeitos são perlocucionários. Adiante, veremos que isso ocorre devido à iterabilidade discursiva (DERRIDA, 1990), propriedade de todo signo linguístico presente em diferentes campos e utilizado conforme determinados *habitus* (BOURDIEU, 1990).

É nesse sentido que os depoimentos que compõem o presente estudo surgem para dar luz à teoria. Ao longo de nossa discussão, falamos sobre a violência e seu caráter performativo, que age sobre o outro. É justamente a discussão sobre a performatividade que abre vários modos significativos de repensar a identidade e a linguagem. A partir daí temos um modelo para repensar as relações entre a linguagem e a identidade que, segundo Pennycook (2018), enfatiza a força produtiva da linguagem na constituição da identidade. Isso significa dizer que em vez de a identidade ser um construto dado previamente e refletido no uso da linguagem, diante da violência (entre tantas outras coisas), ela coloca o sujeito, segundo Butler (1997; 2010), em resignificação.

Para que toda a articulação proposta por esse estudo seja explanada, a estrutura metodológica desta pesquisa caracteriza-se como descritiva, exploratória, aplicada e de cunho qualitativo. Dessa forma, a metodologia da presente pesquisa pode ser descrita da seguinte forma: A ideia inicial era de escolher pessoas em idade adulta, com a justificativa de que a partir dessa fase seria possível observar suas posturas, pensamentos e ressignificações cuja origem fosse o *bullying*. Após decidir que a busca seria por pessoas com tais características, o segundo elemento a ser considerado foi que se buscasse esse tipo de sujeito com suas falas disponíveis em meio público e digital. A escolha por dados disponíveis na referida esfera justifica-se pelo fato de que, em certo nível, esperava-se que as falas dessas pessoas fossem muito mais espontâneas e que, de algum modo, representassem um discurso de resistência ao *bullying*. Por esse motivo, a busca por dados foi realizada em meio digital, buscando pessoas que falassem sobre o assunto em redes sociais como facebook, twitter, YouTube, etc, justamente por serem canais em que as pessoas têm, muitas vezes, a postura de falar da maneira que esperávamos, de forma natural e por iniciativa própria. Outro ponto que se buscava alcançar na escolha dos sujeitos que comporiam a presente pesquisa, era a heterogeneidade: buscávamos pessoas de diferentes orientações sexuais, características físicas, raça, gênero etc.

Com essas especificações em mãos, a busca por pessoas que cumprissem tais requisitos começou. É claro que, de um modo geral, o censo comum – nosso conhecimento de mundo – sabia que existem milhares e milhares de pessoas assim *lá fora*. No entanto, encontrar tais sujeitos falando sobre o assunto foi um grande desafio. Quando chegávamos ao ponto de precisar trocar as especificações escolhidas, devido às dificuldades em achar quem se encaixasse no perfil que se buscava, deparamo-nos com o documentário intitulado *Marcas de uma geração* (LACERDA, NETTO E MORATO, 2017). O referido documentário foi elaborado exatamente da forma que buscávamos encontrar nossos sujeitos. Trata-se de uma produção com seis pessoas, vítimas de *bullying*, que contam suas experiências, medos, consequências e ressignificações a partir da violência.

A construção narrativa do relatório por trás do documentário foi disponibilizada a nós pelos autores (LACERDA, NETTO E MORATO, 2017). A partir desse momento, os sujeitos que já conhecíamos ficaram ainda mais compreensíveis para nós. Com isso, vale ressaltar que tanto o documentário original quanto nós, optamos por manter os nomes

originais dos entrevistados – mas somente o primeiro nome. No nosso caso, essa escolha justifica-se pelo fato de alcançarmos os dados em via pública.

Após toda a busca, então, encontramos os sujeitos que compõem o grupo de análise do presente estudo e que consistem em um grupo de seis pessoas em fase adulta, ambos universitários, os quais foram protagonistas de *bullying* quando crianças ou adolescentes, sofreram diferentes efeitos e relatam suas experiências com essa violência através de entrevistas disponíveis em meio público e digital, a rede social *YouTube*.

Quadro 1:

Vítimas	Título
	Marcas de uma geração: Relatos sobre Bullying
Laryssa	
Ana Luiza	Publicado em:
Álvaro	Segundo semestre de 2017
Gregório	
Matheus	Disponível em:
Depoimento anônimo	https://www.youtube.com/watch?v=AG9XnVaSesw&t=694s%2C03

A escolha desses depoimentos, entre tantos outros relatos de vítimas que são diariamente vítimas da violência, justifica-se, basicamente, pela questão da maneira como os próprios entrevistados relatam a cena do *bullying*: todos os sujeitos em questão vivem uma situação pós-*bullying*, na qual conseguem olhar para si mesmos em outros contextos, em outro tempo e espaço, e percebem criticamente as modificações e os processos pelos quais passaram e que vão ao encontro do que buscamos mostrar com a presente pesquisa. Dessa forma, para

que teoria e dados conversassem, se explicassem e complementassem, determinados conceitos foram abordados com vistas a nortear as discussões que foram fundamentais para a realização desse estudo. Assim, essa pesquisa parte da teoria sobre a performatividade (AUSTIN [1970], RAJAGOPALAN [2010], BUTLER [1997], SILVA [2010]); sobre iterabilidade (DERRIDA [1990; 1991; 1991a; 1991b]), sobre sujeição e ressignificação em Butler (1993; 1997); e sobre *habitus* e campo em Bourdieu (1990); além dessas questões, o pilar de toda essa discussão proposta é a questão da violência na linguagem apresentada por Silva (2010; 2013; 2014).

Em termos de sequência argumentativa, esta dissertação segue a seguinte estrutura: no primeiro capítulo temos uma apresentação inicial de uma das concepções de linguagem que servem como base para as discussões teóricas que vêm adiante. Silva (2010) e Butler (1997) nos servem como base para entender que a violência pode acontecer através da linguagem e nos mostram de que forma isso é possível, caracterizando essa violência como simbólica. Seguimos falando de violência, violência na linguagem e *bullying* enquanto tal.

Na sequência, o segundo capítulo consiste em um aprofundamento e debate sobre a teoria dos atos de fala – locucionário, ilocucionário e perlocucionário – mostrando como, a partir de Austin (1962), a linguagem tem seu funcionamento performativo. Dessa forma, a ideia do segundo capítulo consiste em mostrar como a linguagem age sobre os sujeitos inseridos na cena de interlocução, apontando que essa questão influencia diretamente na ocorrência, interpretação e situação social do *bullying*.

No terceiro capítulo, abrimos espaço para a crítica de Derrida (1990) ao performativo e mostramos que, na visão do autor, a iterabilidade é o que permite que um determinado discurso performativo aconteça. A visão derridiana traz para a discussão a capacidade natural de citabilidade discursiva e aponta de que forma um mesmo discurso pode agir de diferentes formas sobre os diferentes sujeitos. Ao longo da presente seção, mostramos de que forma o *bullying* se articula com a visão de Derrida (1990).

O quarto capítulo é um espaço de discussão a respeito das noções de campo e *habitus*, apresentadas por Bourdieu (1991) para explicar o porquê de alguns sujeitos agirem de determinadas maneiras em certas circunstâncias. A partir da discussão do autor, nossa articulação segue mostrando como o comportamento de *bullying* se constitui dado determinados campos e *habitus*. A ideia central dessa seção é abordar a disseminação do *bullying* enquanto violência e postura comportamental.

Por fim, o último capítulo é uma discussão em torno de Butler (1997; 2010), trazendo a autora novamente para o debate para nos falar a respeito do processo de formação dos sujeitos e sua ressignificação frente a cenas de violência. A ideia central dessa seção é abordar a questão das identidades dos sujeitos envolvidos no *bullying*, apontando a ressignificação como uma das consequências no processo de sujeição.

Anexo ao fim da presente pesquisa, encontram-se as transcrições das entrevistas que serviram como base (e dados) para que pudéssemos discutir os problemas fundamentais na construção de um debate sobre como o mundo social funciona em relação a violência e no qual os interlocutores dessa cena estão em constante interação.

Dito isso, ressaltamos que o objetivo geral dessa pesquisa consiste em investigar como os atos de fala, entre outros fatores, que geram *bullying* funcionam, na medida em que esses são entendidos como uma forma de violência linguística, para apontar de que forma ele abala e modifica estruturas corpóreas e psíquicas mais ou menos fragilizadas. Para tal, buscamos identificar o caráter perlocucionário do *bullying*; verificar o funcionamento dos atos de fala em relação ao *bullying*; descrever os casos de *bullying* com vistas a avaliar o caráter performativo da violência e abordar o processo de ressignificação dos sujeitos vítimas de *bullying*.

CAPÍTULO 1

LINGUAGEM E VIOLÊNCIA: PENSANDO SOBRE O *BULLYING*

Parte do problema da vida política contemporânea é que nem todo mundo conta como sujeito. (BUTLER, 2009, p. 54).

PLANO DO CAPÍTULO

O estudo das relações entre a linguagem e a vida social, em especial no que diz respeito às ramificações, tais como classe social, etnia, gênero, raça, sexualidade etc, têm sido um grande tema de investigação científica da sociolinguística, segundo Moita Lopes (2013) e, mais recentemente, da Linguística Aplicada, especialmente no Brasil. Nesse sentido, o presente capítulo trata sobre o problema da violência na linguagem para mostrar que o *bullying* se enquadra como uma forma de ocorrência dessa violência e que, enquanto tal, tem efeitos sobre as vítimas, abalando e modificando estruturas corpóreas e psíquicas de diferentes maneiras. Na primeira parte do presente capítulo, discutimos o que é o *bullying* e quais elementos estão envolvidos em sua ocorrência, os quais serão aprofundados nas demais seções e discutidos conforme os dados.

Em seguida, apresento um breve panorama sobre o que é falado a respeito de *bullying* no Brasil e no mundo, mostrando os trabalhos de maior relevância e referência no assunto. Na sequência, abordamos a questão da violência na linguagem, aprofundando a discussão que mostra como o *bullying* se caracteriza como tal seu funcionamento. É importante mencionar que o termo *bullying* não é traduzido para a maioria dos idiomas por conta de não haver um termo específico que corresponda, em tradução, a toda abrangência e significação da expressão – problema que será tratado com mais detalhes ao longo da discussão deste primeiro capítulo.

Dessa forma, esse primeiro capítulo apresenta uma ampla discussão a respeito da relação entre linguagem e *bullying*, com o objetivo de responder de que forma funcionam os atos de fala violentos em relação à vítima. Para que isso seja possível, a perspectiva de cada indivíduo que sofreu *bullying* e que compõe nosso quadro de testemunhas é fundamental para

dar luz à teoria, mostrando-nos diversas questões a serem pensadas e discutidas ao longo desse texto. Caminhemos adiante.

O que é *bullying*?

Bullying é uma palavra de origem inglesa que designa atos repetitivos de agressão e intimidação contra um indivíduo que não é aceito por um grupo, geralmente na escola. Entre as diversas motivações que serviram como fundamento para as agressões que as vítimas relatam ao longo desse trabalho, destacam-se determinadas características corporais de pessoas que não se enquadram no padrão socialmente estabelecido, sobre as quais olharemos com maior atenção mais adiante. Inicialmente, o termo *bullying* foi usado por Dan Olweus (1987) para se referir à ocorrência de violência entre os jovens, principalmente em idade escolar, ao estudar a tendência suicida entre estes e concluir que, em sua maioria, haviam sofrido algum tipo de ameaça ou exclusão no contexto escolar. Os estudos sobre *bullying* são muito recentes, principalmente no Brasil, onde tal fenômeno é tratado como atitude comportamental, em que alguém – o agressor – faz ou fala, de forma repetitiva, algo contra outra pessoa – a vítima –, de forma a desempenhar um poder sobre ele, através de apelidos maliciosos, xingamentos, exclusões, ameaças, brigas, etc, (Olweus, 1987, 1993, 1999, [Weinhold, 2000], [Fabre-Cornali, Emin e Pain, 1999]).

A literatura que trata do tema mostra-nos que o *bullying* é entendido como um conflito entre diferentes pessoas, mas que difere de outras formas de conflito, ao passo que, no *bullying*, há uma certa intenção (consciente ou não) de prejudicar a vítima em questão. É nesse sentido que, para Fante (2005b):

O bullying tem como característica a ocorrência de ações agressivas, intencionais, repetitivas e sem motivação aparente, que causam dor, angústia ou intimidação. O que propicia a ocorrência do bullying é a existência de um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima, e se deve ao fato de o agredido não conseguir se defender, por não ser tão forte quanto o agressor ou por possuir características psicológicas ou físicas que o tornam alvo de discriminação. (FANTE, 2005, p. 41).

Com relação ao ponto destacado acima, Olmedilla (1995) aponta que por se tratar de um comportamento no qual a relação entre agressor e vítima é um tanto quanto extensa, por se tratar de um comportamento repetitivo, suas consequências, em diversos aspectos (pessoal, institucional, social, etc) são incalculáveis. No entanto, como Olweus (1999) aponta, existem

comportamentos que não podem ser classificados como *bullying*. Sendo assim, Olweus (1999) elenca características que especificam determinada violência como *bullying*:

i) Comportamento agressivo e com a intencionalidade de causar danos, degradante e ofensivo e que causa desagrado na vítima;

ii) Ocorre repetidamente em um espaço de tempo;

iii) Constitui-se como um relacionamento interpessoal que se caracteriza por um desequilíbrio de força, que pode ocorrer de diversas maneiras.

Em outros lugares como na França, por exemplo, Fabre-Cornali, Emin e Pain (1999) mostram que *bullying* é toda forma de mau uso da força, todas as formas de violência que estão presentes na escola ou que perturbem a vida escolar da vítima, até mesmo com indelicadeza, perturbações e barulhos. Envolvendo diferentes manifestações linguísticas e comportamentais, o *bullying* caracteriza-se por atuar em sua forma direta ou indireta. Na forma direta, o *bullying* acontece através de ameaças, ofensas verbais, expressões e gestos aliados ao ato de fala, de forma que causam, inicialmente, mal-estar nas vítimas. Por outro lado, na forma de manifestação indireta, o *bullying* se caracteriza como exclusão da vítima de determinados grupos, tratamentos com indiferença, difamação, entre outros (OLWEUS, 1993). Ainda, o autor também nos mostra que a manifestação da violência em sua forma física também ocorre quando o assunto é *bullying*. No entanto, o autor aponta que quase sempre se chega à agressão física por resposta da vítima ao agressor e consideravelmente menos por parte do agressor em relação à vítima. Dentre os fatores que mais se percebem como motivação para o *bullying*, segundo Smith (2006), estão as características físicas, socioeconômicas, raciais e de orientação sexual. Além desses estereótipos que motivam a manifestação dessa forma de violência, a função do *bullying* para o agressor é realizar uma afirmação de poder interpessoal por meio da agressão. Martins (2005) afirma que os agressores costumam agir com dois intuitos, sendo i) demonstrar poder e ii) conseguir uma afiliação junto a outros colegas.

Pesquisas desenvolvidas mundo a fora, como com Fonzi et.al. (1999), Ortega e Mora-Merchan (1999), Almeida (1999), Morita et.al. (2000), Olweus (1993, 1999, 2001), entre outros, mostram que muitos jovens relatam estar envolvidos em casos de *bullying*, tanto como vítima, quanto como agressor. No Brasil, a ABRÁPIA – Associação Brasileira

Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência – realizou um estudo que mostra que a dimensão do problema pode ser ainda maior aqui. No referido estudo, realizado com 5.785 jovens, 40,5% admitiram estar diretamente envolvidos, sendo destes 16,9% vítimas, 10,9% vítimas-agressores e 12,7% como agressores (ABRAPIA, 2004). Para explicar no que consiste o *bullying*, Constantini (2004) fala que

Trata-se de um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação transgressora individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo (...) definido como intimidadores nos confrontos com uma vítima. (CONSTANTINI, 2004, p. 69).

É importante, também, notar que o *bullying* pode ocorrer em qualquer contexto social e econômico, principalmente entre os jovens, presente em diversos ambientes, tais como universidades, famílias, trabalho, vizinhança, etc, mas é encontrado, conforme vimos acima, principalmente na escola. Trata-se de algo que, à primeira impressão – e para muitos – parece algo bobo, sem importância; no entanto, conforme veremos adiante com os dados obtidos para o presente estudo, muitas vezes certos apelidos, que podem até parecer inofensivos aos olhos de algumas pessoas, acabam afetando física e emocionalmente a vítima, abalando e modificando estruturas corpóreas e psíquicas mais – ou menos – vulneráveis.

Dessa forma, concebemos o *bullying* como uma situação onde o agressor exerce determinado poder sobre a vítima – poder este que ele se autodenomina detentor. Em linhas gerais, vimos, então, o *bullying* como uma situação desigual de poder, onde a vítima geralmente não possui recursos para evitar as agressões e se defender. O problema dessa (e de diversas outras) forma de violência é a questão de que ela ocorre principalmente com crianças e adolescentes em idade escolar, período de formação do sujeito – em todos os âmbitos. Segundo Moita Lopes (2018), o processo de formação de identidade do ser humano é performativo, através do qual ele se constitui social, histórica, cultural e discursivamente. Algumas dessas pesquisas acima mostram que as consequências causadas pelo *bullying* podem se concretizar de diferentes formas, dentre elas a baixa autoestima, ansiedade, medo, sintomas físicos e emocionais, cefaleia, desânimo escolar, depressão, tendência suicida e suicídio, entre outros. Não obstante, os efeitos que o *bullying* provoca podem refletir não apenas na vida escolar, como também a longo prazo, na vida adulta. (BANDEIRA, 2009; OLWEUS, 1993).

Pesquisas como de Lopes Neto e Saveedra (2003) reafirmam que experienciar o *bullying* traz consequências imediatas e a médio ou longo prazo, e estão diretamente relacionadas à severidade e frequência dessa violência no meio social em que estão inseridos os referidos sujeitos. Para exemplificar esse ponto, olhemos para a seguinte situação: Ana Luísa, a primeira vítima que compõe o grupo de relatos a ser analisado, é uma jovem mulher, negra, 25 anos de idade, está na última fase da faculdade e relata ter sido vítima de *bullying* durante boa parte da infância e adolescência. Para contar sua história, Ana Luísa, diferentemente dos demais colegas que veremos adiante, gravou seu depoimento no ambiente de seu próprio quarto, registrado por uma amiga muito próxima. No caso dela, a gravação ocorreu de forma mais natural e intimista, possibilitando que informações fortes e delicadas fossem, de certa forma, além de ditas, revividas, pois a jovem se deixou levar pelos sentimentos em diversos momentos de sua fala, se mostrando muito emotiva em diversos momentos, o que fica fortemente evidenciado em seu tom de voz e expressões corporais e faciais. Quando fala sobre os impactos que sente, Ana Luísa relata que

(1) Isso me impacta até hoje, e eu tô formando na faculdade, vou entrar no mercado de trabalho tendo crise de ansiedade, tipo assim, constantes, emagrecendo, tendo que... as vezes, tendo ataque de claustrofobia nos lugares mais inesperados, por causa disso. E... você não percebe que é por causa de que alguém, tipo, te chamou de cresbunda, ou porque falou que você não pertencia ali, ou porque falava assim: - ah, mistura aí esse tanto de cor de lápis porque não tem sua cor aqui. (ANA LUÍSA).

Vejamos, Ana Luísa relata, sempre muito emocionada, como sente até os dias de hoje as consequências da violência que sofreu na infância e adolescência. Para ela, ter passado o que passou a tornou uma pessoa diferente. Nesse momento da entrevista, a jovem enfatiza bem essa questão do medo que sente hoje, já adulta, em enfrentar certas situações e como a maturidade lhe fez perceber que o *bullying* foi o principal causador de tudo isso em sua vida. O efeito perlocucionário da violência linguística sob a qual ela estava exposta, e sobre o qual falaremos no próximo capítulo, deixou nela marcas que a jovem considera irreparáveis. Ana Luísa conta que teve um trabalho muito grande para se reconstruir após o *bullying* e só quando mais velha, ao tentar lidar com as consequências e problemas, percebeu quão grandes foram os danos que sofreu – emocional, física e mentalmente. A jovem conta que teve amigos que cometeram suicídio por causa de *bullying* na adolescência e argumenta que, em alguns casos, o suicídio – o não viver – é a única forma que algumas vítimas encontram para não

sentir mais dor. Nesse momento, tentando conter as lágrimas, Ana Luísa relata como tentava se proteger da violência que sofria. Ainda, esse trecho do relato da jovem nos mostra a construção desordeira dos corpos que são vítimas de *bullying*, uma vez que o contexto em que as crianças e os jovens estão inseridos em suas fases de descobertas e construção da independência – formação de si enquanto sujeitos – afeta diretamente o que elas se tornarão em seguida.

Outro ponto a ser observado é que existe, entre os jovens principalmente, uma necessidade de pertencimento àquela comunidade em que estão inseridos e a determinados grupos; quando são vítimas de *bullying*, conforme vimos Ana Luísa relatar, a vítima deixa de se sentir pertencente ao lugar em que estava. A jovem vai relatando a maneira como se sentia exatamente dessa forma. Ao contar essa parte de sua história, Ana Luísa se mostra um tanto preocupada a maneira como se sente nos dias de hoje, tantos anos após ter sido vítima de *bullying*. As consequências dessa forma de violência, para ela, ainda são visíveis em sua rotina, como algo que mesmo que ela diga que superou, aparenta ser uma ferida muito sensível que, ao toque, volta a doer, quando ela fala, em um de seus primeiros dizeres, o seguinte:

(2) Eu tive um trabalho muito grande pra tentar me reconstruir de novo, e aí... foi aí que eu reparei quanto dano tinha sido feito. Porque você vai se diminuindo tantas vezes que você não tem noção de quanto que você tá, basicamente, enterrado. Mas... você não tem noção do quanto você se quebrou pra, tipo assim, desaparecer. Cê vira, basicamente, pó... emocionalmente, mentalmente, fisicamente. (ANA LUÍSA).

Para a jovem, determinados usos linguísticos parecem ser mais carregados do que outros (SILVA, 2010) e ela fala a respeito da maneira como esses a feriram ao longo do tempo. Para Ana Luísa, o significado das expressões linguísticas, que eram usadas contra ela, geraram efeitos duradouros em sua vida e a maneira como era chamada pelos colegas trouxe consequências psicológicas muito fortes para a jovem, como vemos através do que ela mesma relata. Observando por esse lado, tal ponto nos remete ao âmbito da significação, levando-nos a perceber a força da linguagem exercida por determinadas palavras em determinados contextos, mostrando-nos que palavras como *cresbunda*, apelido que deram para Ana Luísa na escola, *que era o cabelo que eu tinha na cabeça, as meninas tinham na bunda* (ANA LUÍSA), são expressões que trazem a injúria para a cena. Vale lembrar, também, que em

casos como o de Ana Luísa, a injúria racial se faz presente – cenas de preconceito racial perpassam cenas de *bullying*.

O fato de algumas palavras serem mais adequadas a determinados contextos do que outras é algo que não se deve deixar de lado, dado o fato de que os contextos não podem ser vistos isolados da linguagem. Os significados que surgem nessa interação, então, agem e influenciam os sujeitos de diferentes maneiras, devido às suas vulnerabilidades. Por isso, ao vermos o *bullying* como um fenômeno social e de ampla e principal ocorrência entre os jovens, cujas ações podem acarretar sérias consequências para a vítima, o que pouco se fala, no entanto, é que antes de ser um fenômeno puramente social, o *bullying* é, também, um fenômeno linguístico. Portanto, para compreender o caminho que esse trabalho percorre, é preciso ter em mente que abordamos o *bullying* como uma forma de violência linguística, com o argumento central de que a língua, quando utilizada com essa finalidade, abala e modifica estruturas corpóreas e psíquicas de diferentes maneiras.

É nesse sentido que tratamos da relação entre violência e significação, especialmente através da violência na linguagem – uma relação que gera certa forma de desorientação, conforme explicam Silva e Alencar (2012) – como se aquele que sofre essa violação perdesse o contexto da situação. Assim, os autores explicam que no momento em que a linguagem é utilizada com a finalidade de causar dano ao outro, temos um contexto de significação gerado pela violência linguística em que não só se perde o chão, como também uma série de (re)ações se tornam possíveis.

A linguagem é violenta?

Constituinte do ser humano, podemos também entender a linguagem como aquilo que conduz o pensar humano, produzindo realidade e sujeitos sociais. Enquanto seres constituídos de linguagem, como de tantos outros elementos, Silva (2010) aponta a violência como constituinte da humanidade e como algo que está presente em nós como uma capacidade – a ser desenvolvida ou não, enquanto Butler (1997) argumenta, como veremos adiante, que as palavras que ferem são também as palavras que possibilitam a existência humana. A violência sobre a qual Silva (2010) se refere não diz respeito apenas à sua forma física, mas a suas diversas formas de manifestação. Um dos exemplos retratados por Silva

(2010) é a violência simbólica, a que se dá através da linguagem, por meio de palavras que podem nos ferir tanto ou mais do que um ‘tapa na cara’. Também Saviani (1983) nos explica porque tratar a violência linguística como violência simbólica:

Por que violência simbólica? Os autores tomam como ponto de partida que toda e qualquer sociedade estrutura-se como um sistema de relações de força material entre grupos ou classes. Sob a base da força material, e sob sua determinação, erige-se um sistema de relações de força simbólica cujo papel é reforçar, por dissimulação, as relações de força material. É essa ideia central contida no axioma fundamental da teoria. Senão vejamos o seu enunciado: “Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força. (BOURDIEU e PASSERONI, 1975, apud SAVIANI, 1983, p. 29).

Assim, Bourdieu (1975) explica que a questão do poder das palavras está implicada na supressão inicial da questão relacionada aos usos da linguagem e, por conseguinte, das condições sociais de utilização das palavras. Para tanto, explicando de que forma a violência simbólica se dá, Saviani (1983) argumenta que esta se manifesta de diversas formas e em todas elas podemos ver a ação da linguagem, que é (ou se torna) pejorativa, ofensiva, violenta. Dessa forma, por esse caminho podemos passar a chamar a o bullying de violência simbólica, como uma violência que é primeiramente linguística, e que se dá na interação social, na troca linguística entre os indivíduos.

Para exemplificar melhor como se dá a questão da violência simbólica, Bourdieu (1990) explica que violência simbólica e poder simbólico “existem no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mito, etc. –, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações”. (BOURDIEU, 1990, p. 149). O autor vale-se da noção de violência simbólica como uma forma de desvendar o mecanismo que faz com que as pessoas vejam como natural as ideias sociais dominantes. Bourdieu (1990) nos mostra que a violência simbólica se desenvolve através das instituições e dos agentes que ali atuam, como uma forma de exercer uma certa autoridade. Um dos exemplos que o autor utiliza para demonstrar seu pensamento é a transmissão de apropriações por meio da escola, com seus conteúdos e formas de ensinar, entre outros pontos, que são próprios da classe dominante e que revela uma violência simbólica aqueles (nesse exemplo da escola, o aluno) que não pertencem a essa classe elitista – as pessoas de classes populares. A noção de violência simbólica explicada por Bourdieu (1990) é eficaz para mostrar como aqueles que são

dominados, ou seja, as vítimas, aceitam seu papel: os dominados/as vítimas, segundo o autor, sentem-se, percebem-se ou deslocam-se a esse não lugar (SILVA, 2012), por conta de uma dominação imposta através da aceitação das regras e por conta de uma certa incapacidade de conhecimento de direito ou morais, as práticas linguísticas, etc.

Ao desenvolver sua teoria, Bourdieu (1990) mostra que em sua percepção os seres humanos são dotados de quatro tipos de capitais. Tais capitais são, para o autor, i) o capital econômico, que consiste na renda financeira dos indivíduos; ii) o capital social, que consiste no ciclo de convívio e amizades de cada pessoa; iii) o capital cultural, que nada mais é do que a educação de cada sujeito, seus diplomas e seu envolvimento com arte e iv) o capital simbólico, que consiste na honra, no reconhecimento e no prestígio que cada um tem diante da sociedade. Na concepção de Bourdieu (1990), é através do último capital, o capital simbólico, que algumas – se não todas – diferenças de poder são socialmente definidas. É, pois, através do capital simbólico que outras pessoas (e até instituições) podem, na visão do autor, tentar persuadir (entre outras coisas) outros sujeitos. Dessa forma, tais afirmações significam dizer que, conforme o autor aponta, a violência simbólica ocorre justamente porque há uma desigualdade entre os sujeitos. Bourdieu (2012) também explica que a violência simbólica consiste em algo que, muitas vezes, aquele que sofre e aquele que pratica não possuem exatamente uma consciência do que está havendo.

Essas questões relacionadas à violência e suas diversas formas de manifestação – física, linguística ou simbolicamente, entre outras – têm sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, em diferentes campos teóricos. Em *Excitable Speech*, Judith Butler (1997) – uma das principais autoras sobre o tema – teoriza a respeito da violência das palavras e, ao problematizar nossa condição de seres constituídos de linguagem, a autora explica que somos vulneráveis ao poder formativo da linguagem. Butler (1997) afirma que o primeiro insulto ao qual somos expostos é nosso próprio nome e, para exemplificar, a autora nos mostra que “uma criança, ao receber um nome, experimenta não apenas uma possibilidade primária de existência da vida social, mas é apresentada à primeira injúria linguística que se aprende” (BUTLER, 1997, p. 78). Ser chamado por um nome, explica a autora, é também uma das condições pelas quais um sujeito é constituído na linguagem. Paradoxalmente, o mesmo nome que pode ser uma ofensa, uma injúria, traz ao sujeito a possibilidade de existência social. Na visão da autora, somos vulneráveis não apenas porque a vulnerabilidade surge com a própria vida, mas também porque essa vulnerabilidade se perde em sua origem uma vez que precede a

formação do *eu*. (BUTLER, 2019). A autora explica que o nome, a forma como somos chamados, funciona como um endereçamento, que se trata, segundo a autora, de um modo de resposta a algo que foi dito a mim. Por isso, Butler (2019) argumenta que

Mais enfaticamente, no entanto, o que nos vincula moralmente tem a ver com a forma como somos endereçados pelos outros de maneiras que não podemos evitar ou prevenir; esse impacto pelo endereçamento do outro nos constitui primeiramente contra nossa própria vontade ou, talvez, posto de maneira mais apropriada, antes da formação da nossa vontade. (BUTLER, 2019, p. 159).

Nesse sentido, Butler (1997) explica que não é possível imaginar um corpo sem nome – essa é uma coisa que não existe, diz a autora; os sujeitos são chamados de “isto” ou “aquilo”. Os termos que facilitam o reconhecimento das pessoas são eles próprios convencionados, os efeitos e os instrumentos de um ritual social que decide, frequentemente por exclusão e violência, as condições linguísticas dos sujeitos sobreviventes. Assim, se a linguagem pode sustentar o corpo, argumenta Butler (1997), também pode ameaçar sua existência. Também nesse sentido, Silva e Alencar (2014) afirmam que os contextos de uso não podem ser vistos como cenas isoladas de um eterno presente, onde dois ou mais indivíduos intencionais interagem; os contextos são, ao contrário, atos históricos e sociais onde dois ou mais agentes sociais interagem por meio da linguagem. (SILVA; ALENCAR, 2014, p. 260).

Ainda, segundo os autores, o que tais agentes sociais pronunciam não são propriamente palavras, “carregadas” de significado violento ou não. Eles também explicam que a linguagem que fere o outro é a mesma linguagem que oferece possibilidades de existência linguística ao sujeito. Eles apontam que, dessa forma, a violência linguística pode ser vista além de algo que destrói a significação e a identidade do sujeito, mas também como algo que as constitui. Ainda, entre outras questões, a teoria da performatividade que Austin (1976) desenvolve instiga, de certa forma, uma discussão a respeito da responsabilidade, algo que está justamente ligado, de forma direta, como veremos, ao *bullying*.

É nesse sentido que Butler (2019) explica que ser violado significa ter a oportunidade de pensar a respeito dessa violação, de descobrir os mecanismos de sua distribuição, de descobrir quem mais sofre com fronteiras permeáveis, com uma violência inesperada, com a despossessão e com o medo, e de perceber a forma como sofrem. (BUTLER, 2000, p. 10) e também que, construídos e constituídos nas práticas sociais, os usos linguísticos são sempre, de maneira geral, comportamentos sociais, culturais e, sobretudo, intencionais – ressaltando, ainda, a questão de que *intenção* é um conceito complexo, o qual em diversos casos é refeito,

como quando um agressor diz *tive a intenção de brincar, apenas*, por exemplo; outros, como os que geram *bullying*, vão muito além da intenção, como veremos adiante. Com isso, percebemos que tanto a violência quanto a significação produzem efeitos. Também a esse respeito, Silva e Alencar (2012) argumentam que os agentes sociais não pronunciam propriamente palavras carregadas de significado – violento ou não – mas atos de fala (Austin, 1962) que funcionam ou falham, precisamente porque “ecoam ações prévias” (BUTLER, 1997, p. 51). Esses contextos de uso são tipificados (BOURDIEU, 1991) ou ritualizados (DERRIDA, 1977), evocam poder, afeto e adesão, entre outros agentes sociais.

Para compreender melhor tal ponto, retomemos o que nos fala Ana Luísa. Ao trazer seu depoimento, a jovem aborda o assunto relatando que, para ela, os preconceitos estão sempre presentes e aparecem na forma de *bullying* contra pessoas que são diferentes, por terem aparência diferente e por não estarem no padrão estabelecido pela sociedade. A jovem conta que sofreu por sua cor, classe social e condição financeira. Recuperando o apelido de *cresbunda*, Ana Luísa conta que tentou pedir ajudar para resolver o problema, mas não teve apoio:

(3) *É... eu virei pra professora, eu contei pra ela isso e ela falou assim: - Você é? E falei assim: - Não, mas tá me incomodando. (...) Aí ela falou assim: - Então tá, então ignora. (ANA LUÍSA).*

Ao longo de sua fala, a jovem relata que sofria quieta e tentava ignorar toda a situação, as ofensas e o fato de estar sendo constantemente violentada, enquanto o agressor passava impune pela situação. Ela diz que o *bullying* agiu sobre ela causando humilhações, exclusão e ridicularizações, deixando nela marcas que considera irreparáveis:

(4) *E isso vai se mostrando em outras áreas da vida, então... minha habilidade emocional de lidar com qualquer coisa era nula, zero (...). Eu tenho ansiedade severa, e aí?! Isso me impacta até hoje... e eu tô formando na faculdade, vou entrar no mercado de trabalho tendo crise de ansiedade, tipo assim, constantemente... emagrecendo... tendo que... as vezes tendo ataque de claustrofobia nos lugares mais inesperados por causa disso. E... cê não percebe que é por causa de que alguém, tipo, te chamou de *cresbunda*, ou porque falou que você não pertencia a ali, ou porque falaram assim: - Ah, mistura aí esse tanto de lápis porque não tem sua cor. Cê não vai entender, enquanto cê tá tendo uma crise de ansiedade por causa de uma prova, ou por*

causa de uma coisa assim, que a raiz é uma série de violações que você sofreu ao longo da vida. (ANA LUÍSA).

Esse trecho do depoimento de Ana Luísa nos leva a outro ponto em relação ao *bullying*, mostrando-nos que ele pode ter poder transformador e duradouro sobre suas vítimas, com cenas traumáticas que ficam se repetindo, o que aponta para trauma e iterabilidade¹, mostrando-nos que o performativo produz uma série de efeitos sobre os diferentes sujeitos. Nesse sentido, podemos afirmar, conforme Butler (2019), que a violência é certamente uma forma de expor, da maneira mais aterrorizante, a vulnerabilidade primária humana. A violência é algo que nos coloca sob total controle do outro, à vontade do outro. Segundo Butler (2019),

Na medida em que cometemos violência, estamos agindo no outro, colocando o outro em risco, violando o outro, ameaçando expurgar o outro. De certa forma, todos nós vivemos com essa vulnerabilidade ao outro que faz parte da vida física (...). Essa vulnerabilidade, no entanto, torna-se altamente exarcebada sob certas condições sociais e políticas, especialmente aqueles em que a violência é um modo de vida e os meios para garantir a autodefesa são limitados. (BUTLER, 2019, p. 49).

Portanto, a autora nos mostra que quando afirmamos ter sido feridos pela linguagem, atribuímos a ela uma agência, um poder de prejudicar que nos coloca em posição de objeto de sua trajetória prejudicial. Além disso, Butler (1997) explica que a situação da fala não é um simples contexto que pode ser definido com facilidade por limites espaciais e temporais, o que, segundo a autora, denota que ser ferido pela fala é sofrer uma perda de contexto, ou seja, não saber onde você está. Isso se dá, de certa forma, pelo que explica Butler (1997), devido ao fato de que a linguagem é pensada principalmente como agência, como um ato com consequências, pois, segundo a autora, fazemos coisas com a linguagem, produzimos efeitos com a linguagem e fazemos coisas para a linguagem. Nesse sentido, a linguagem age, e age contra nós, conforme Butler (1997) explica, mas algumas palavras ferem mais do que outras; outras nem sequer ferem, dado o contexto. A autora argumenta que o poder de uma palavra ferir também está relacionado com o poder interpelativo da linguagem.

É, ainda, por esse sentido que a forma como se chama outra pessoa, de maneira ofensiva; ele pode agir de maneira inesperada e isso inaugura um sujeito na fala que usa a

¹ Conceito desenvolvido por Jacques Derrida (1990), a partir de sua releitura do performativo austiniano, que consiste, grosso modo, na possibilidade que todo signo possui de poder ser repetido na ausência de seu contexto, significado ou intenção original. A discussão a respeito desse conceito se aprofunda no terceiro capítulo deste trabalho.

linguagem para combater a chamada ofensiva. Butler (1997) argumenta que o fato de um ato de fala poder ser imprevisto, deve ser o que constitui sua lesão e coloca sua vítima fora de controle. Segundo a autora, ser tratado de maneira prejudicial não é apenas estar aberto a um futuro desconhecido, mas não saber a hora e o local de seu ataque, sofrendo a desorientação da situação como efeito de tal discurso. Ana Luíza, conforme vimos acima, nos mostra que esse *futuro desconhecido* pode aparecer, também, na forma reativa, através de atitudes como *descontar* no outro aquele sentimento em si. Isso fica evidenciado quando a jovem relata sobre suas reações de xingamento e que, aos poucos, foi se transformando em sua repressão, como *quanto mais invisível eu aparecer, ou seja, não aparecer, menos eles vão me notar, menos eu vou ser o alvo*.

Ana Luísa também diz que

(5)(...) Quando alguém implicava com meu cabelo e tal... eu já tive duas reações bem violentas na situação. Eu xinguei o jovenzinho lá na aula, e ele ameaçou contar pra professora. E a outra foi uma menina que colou no meu cabelo e eu dei um chutasso nela, na primeira série... 7 anos e eu lá – gestos de luta – Mas.... Quando... à medida que eu fiquei mais velha eu internalizei (...). A minha reação primária que era, tipo assim, de violência ou de xingar, ela basicamente foi encolhendo. Eu não falava, eu simplesmente... quanto mais invisível eu aparecer, ou seja, não aparecer, menos eles vão me notar, menos eu vou ser o alvo. Então eu acho que a partir daí que tem aquela anulação do ser, né?! Você vai se anulando aos poucos, quem você é, não pra você ser igual a quem te... que te... tipo, oprime, mas 'pra' você simplesmente parar de ser o alvo, pra ir quebrando um pedacinho de quem você é, pra simplesmente ver se desaparece. (ANA LUÍSA).

Ana Luísa se queixa dos nomes pelos quais foi chamada na época em que sofria *bullying*, do comportamento das pessoas (agressores) e de como precisou se diminuir e se anular para tentar um escape da violência. Esse ponto que ela chama de *anulação* chama a atenção justamente porque o termo remete ao que ela sentia na época, como se deixar de existir, de alguma forma, no meio de seus agressores, fosse o suficiente para que a violência tivesse um fim. O anular-se ao qual Ana Luísa se refere, diz respeito também a sua existência corporal, nos termos de Butler (1997), conforme ela relata ao dizer que percebia,

indiretamente, era que a linguagem utilizada agia contra ela e que de alguma forma seu corpo pedia que aquilo não persistisse por mais tempo.

Cenas como as que Ana Luísa relata, além de outras que veremos adiante nesta discussão, mostram-nos algumas instâncias do *bullying* que deixam clara a forma como ele funciona: primeiro, existe um certo padrão nesse tipo de comportamento; segundo, é citacional – repetido, de formas diferentes – pelo fato de as pessoas repetirem certa postura comportamental – tópico que trataremos melhor no segundo capítulo; terceiro, é cultural, pois existe uma cultura da prática dessa violência, que inclusive vem sendo questionada e, em certa medida, contida. Além disso, o *bullying* tem se mostrado uma prática cujos efeitos são perlocucionários, o que também será mostrado adiante e pode até ter um certo caráter intencional, mas que pode – e vai – muito além de uma simples intencionalidade. Nesse sentido, Austin (1970) nos mostra que ao olharmos para a linguagem como forma de ação e não apenas como forma de descrição do mundo, elementos como contexto, sujeito(s) a ação e seus respectivos efeitos, entram em discussão e ponto de análise. Quem trata da questão da responsabilidade é Santos (2014) e em sua visão é nesse sentido que o debate sobre a responsabilidade entra em questão e envolve/exige uma análise crítica a respeito dos limites dos atos de fala e da ideia que se tem deles como um acontecimento cuja origem e fim estão pré-determinados. Adiante veremos que também Derrida (1991) desafia essa questão com o conceito de iterabilidade, tratando da impossibilidade de se estabelecer a origem precisa do ato de fala no sujeito que emite um determinado enunciado – mas, isso é assunto para daqui a pouco.

Butler (1997) e Austin (1970) nos fazem perceber as complexidades em torno da compreensão da linguagem como ação. Butler (1997), nesse sentido, discute aspectos políticos em torno do debate sobre as formas de injúria verbal, valendo-se da possibilidade que a linguagem possui de, através de determinados enunciados, injuriar, incitar e ofender. Na concepção da autora também surge a questão da responsabilidade, no ponto em que se torna necessário encontrar uma origem/uma causa/motivação para o discurso ofensivo/injuriioso. Olhando sob tal perspectiva, Butler (1997) explica, ainda, que em se tratando das maneiras pelas quais a linguagem ameaça, a violência parece estar ligada à dependência primária de qualquer pessoa que fala.

Para responder, então, a pergunta que intitula essa seção, Butler (1997) explica que a noção de que a fala fere parece depender da relação inseparável e incongruente entre corpo e

fala, mas também, conseqüentemente, entre a fala e seus efeitos. A autora argumenta que para decidir a questão do que é uma ameaça, ou, de fato, o que é uma palavra que fere, uma simples observação das palavras não será suficiente e nem as circunstâncias, por si só, fazem as palavras ferirem. Ao passo que a fala está sempre, de certa forma, fora do nosso controle, a afirmação de que um discurso não apenas comunica o ódio, segundo Butler, (1997), mas constitui um ato prejudicial e pressupõe não apenas que a linguagem age, mas que ela age sobre seu destinatário de maneira prejudicial. Ou seja, a lesão não está presente nas convenções que um determinado ato de fala invoca, mas nas conseqüências específicas que um ato de fala produz. Assim, segundo Butler (1997), aquele que ouve um determinado enunciado se machuca como conseqüência dele. A autora explica que esse tipo de enunciado também ordena ao sujeito que ele ocupe uma posição social subordinada. É esse tipo de enunciado que traz a violência à cena, aquele que expõe uma vulnerabilidade prévia à linguagem.

Segundo Butler (1997), os termos ofensivos marcam um lugar discursivo de violência. É nesse sentido que a autora defende a questão de que afirmar que uma vida pode ser lesada implica em afirmar sua precariedade. Assim, essa precariedade mostra que a possibilidade de poder ser atingido de forma violenta está sempre aberta às possibilidades, pois o corpo está exposto, sempre, de alguma forma, aos outros – e não somente aos que conhecemos. Butler (2019) argumenta, também, que afirmar que a vida é precária consiste em afirmar que a possibilidade de sua manutenção depende, fundamentalmente, das condições sociais e políticas, e não somente de um impulso interno para viver. Segundo a autora, ainda, a condição precária é uma condição geral de existir e designa a condição politicamente induzida, na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. Para Butler (2019), essas populações estão mais expostas a doenças, pobreza, fome, deslocamento e violência sem nenhuma proteção. A condição precária também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações expostas à violência. (BUTLER, 2019).

Em se tratando do modo como as palavras podem machucar e até mesmo ameaçar o corpo, Judith Butler (1997) recorre à elaboração de Nietzsche sobre a constituição do sujeito moral, aquela que atribuirá responsabilidades por determinadas ações. A esse respeito, Silva (2010) argumenta que

Um ser é machucado, e o vocabulário que emerge para moralizar essa dor é aquele que isola um sujeito como a origem intencional de um ato ofensivo. O sujeito é criado então numa ficção por meio da qual é posicionado como “causa” de um ato ofensivo. Butler (id.ibid) enfatiza que na concepção de Nietzsche o sujeito “só pode vir a existir dentro das restrições de um discurso moral e de responsabilidade”. (SILVA, 2010, p. 31).

De tal modo, então, Silva (2010) nos mostra que a cena da ofensa ocupa um lugar central no modelo de subjetividade que Butler apresenta, fazendo uma releitura do performativo austiniano. Embora a violência seja um aspecto constituinte da nossa relação com o mundo, Silva (2010) questiona em sua tese se a linguagem é por si violenta ou se os signos se tornam violentos a partir dos usos que fazemos. O autor nos responde que a linguagem pode ser uma forma de manifestação da violência, cuja semântica se altera conforme o uso dos signos. Silva e Alencar (2013) defendem que para definir o que é violência linguística, é necessário partir da pressuposição de que a linguagem é um modo de ação. “Postular que a linguagem viola o corpo ou uma estrutura de afetos implica afirmar que a linguagem não é mera representação de eventos ou situações no mundo, mas uma forma de agir, no caso, violentamente”. (SILVA e ALENCAR, 2013, p. 136). Nesse sentido, podemos dizer que é no campo desses usos linguísticos que agem violentamente o lugar onde o bullying ocorre, dada a maneira como uma determinada pessoa, o agressor, se utiliza dos signos linguísticos em seus atos de fala, de forma a desempenhar uma ação negativa sobre o outro, a vítima. Nos termos de Silva e Alencar (2013),

Chamamos de violentos os usos linguísticos que, ao posicionarem o outro – especialmente aquele que representa a raça, o gênero, a sexualidade e o território que não se quer habita – num lugar vulnerável, acabam por insultar, injuriar ou violar sua condição. Entendemos ser este um fato situado, em que certos recursos da língua são empregados para ferir. Dito de outro modo, quando um sujeito ou um grupo de sujeitos usa a língua para diminuir, depreciar, desdenhar ou abominar um grupo social ou um indivíduo específico, ele ou ela está usando a língua violentamente, i. e., está afetando uma estrutura de afetos que se sustenta na linguagem. (SILVA e ALENCAR, 2012, p. 137).

O caso do *bullying*, por exemplo, é uma forma de disseminação da violência na linguagem. Por se tratar de um fenômeno que ocorre inicialmente através da linguagem, é por meio de determinadas formas linguísticas, mais ou menos carregadas, que tal violência tem início. Conforme o discurso proferido e conforme a interpretação dada ao ato de fala é que surgem as diferentes reações e consequências do bullying. No entanto, Butler (1997) explica que o fato de a linguagem poder apresentar um trauma não é motivo para proibir seu uso. Segundo a autora, não existe uma linguagem purificada de seu resíduo traumático, o que nos mostra que é na troca linguística, na interação social, que a violência simbólica ganha força. É nessa percepção do agir sobre o outro que estudiosos como Austin, por exemplo, se

dedicaram a explicitar o caráter performativo da linguagem, em que ele argumenta que dizer algo é, necessariamente, fazer algo, realizar uma ação no mundo, sobre o que falaremos melhor no capítulo que segue.

CAPÍTULO 2

PERFORMATIVIDADE E ATOS DE FALA: A DIMENSÃO PERLOCUCIONÁRIA DO *BULLYING*

O que me move politicamente, e aquilo para o qual eu quero criar espaço, é o momento no qual um sujeito... afirma o direito de ter uma vida vivível quando nenhuma autorização anterior para tal, existe, quando nenhuma convenção que torna isso possível está claramente disponível. (BUTLER, 2004).

PLANO DO CAPÍTULO

Em alguns momentos na seção anterior o termo *performativo* foi mencionado. A ideia, pois, deste capítulo, consiste em nos aprofundarmos na relação entre tal conceito e o *bullying*, com vistas a compreender de que maneira a linguagem age, e age performativamente, trazendo diferentes efeitos de acordo com o ato de fala em questão. Para tanto, nos apropriaremos da teoria de Austin, pensando: de onde vem e qual a importância deste termo – performativo – para o trabalho em questão? Arrisco-me, aqui, a traçar uma breve trajetória neste segundo capítulo, dentro dos limites que o contexto permite, para responder a tais questionamentos.

Para que isso seja possível, a organização do presente capítulo se dá da seguinte forma: Na segunda seção iniciamos abordando as questões da teoria da performatividade, buscando mostrar a trajetória do performativo austiniano, sua funcionalidade e relevância para a presente pesquisa. Na terceira seção abordamos a forma como Austin (1962) cria a teoria dos atos de fala, com o intuito de mostrar de que forma o *bullying* está inserido nesse contexto enquanto violência na linguagem – conforme estabelecido no capítulo anterior. Em seguida, a quarta seção é a parte destinada a dar voz para as discussões em torno das necessárias para que um ato de fala tenha de fato seu efeito performativo sobre o sujeito – as chamadas condições de felicidade. Por fim, a quinta seção, por sua vez, é o espaço para a discussão a respeito da dimensão perlocucionária do *bullying*, que dialoga com os depoimentos para mostrar as diferentes instâncias em que tais efeitos são percebidos. Assim como nas seções

anteriores, trazemos os dados empíricos, ao longo do texto, para dialogar e comprovar aquilo que fala a teoria.

A organização sistematizada proposta no presente capítulo nos ajuda a entender como o *bullying* consiste em um ato de fala performativo, cujos efeitos sobre suas vítimas são perlocucionários. A discussão que segue nos mostrará de que forma ocorre tal funcionamento. Portanto, caminhemos.

A trajetória do performativo em Austin

A teoria sobre a performatividade tem início com John Langshaw Austin (1962), quando o autor, em um primeiro momento, defendia que os enunciados produzidos pelos falantes podem ser divididos em dois grupos: o grupo dos enunciados utilizados como forma de representação de alguma coisa no mundo (sendo esse mundo real ou imaginário) – os constativos – e o grupo dos enunciados que não têm esse caráter de representação e que não são nem falsos, nem verdadeiros – os performativos. Dessa forma, em sua elaboração, Austin (1962) propôs uma contraposição entre os enunciados constativos e performativos, como uma proposta de levar as pessoas a perceberem que a linguagem é uma forma de ação.

O autor, um filósofo renomado, vinha mostrando seus pensamentos ao mundo e ganhou ainda mais reconhecimento com as conferências de William James, na Universidade de Harvard, proferidas alguns anos antes de sua morte. Essas conferências foram publicadas no ano de 1962, um ano após a morte de Austin, e marcaram a história da filosofia atual com um de seus termos mais marcantes, o performativo, e os discursos de tal conferência estão reunidos na obra *How to do things with words* – cujo título significa “Como fazer coisas com as palavras”.

Para defender seus argumentos, Austin (1962) se colocou em contraposição a tudo que vinha sendo um certo consenso dentro da filosofia até aquele momento: as pessoas usam a linguagem para dizer o verdadeiro e o falso sobre algo. É, pois, nesse sentido, que Austin (1962) fica conhecido como quem questiona o caráter descritivo da língua, mostrando que na verdade determinadas afirmações não servem para descrever coisa alguma, mas sim para realizar ações. A esse respeito, Bourdieu (1975) afirma que Austin tem razão ao dizer que as enunciações servem tanto para descrever um estado de coisas ou um fato qualquer, como

também par executar uma ação, isso porque, segundo Austin (1962), o poder das palavras reside no fato de não serem pronunciadas a título pessoal por alguém que é apenas o ‘portador’ delas.

O ponto principal de Austin (1962), então, passou a ser investigar os enunciados performativos. Segundo o autor, como vimos acima, o performativo não serve para explicar algo ou descrever alguma coisa, mas para executar ações no mundo, como o ato de casar alguém. É nesse sentido que ele afirma que dizer *Eu vos declaro marido e mulher* torna, instantaneamente, aquelas pessoas, casadas. Austin (1962) também aponta que é possível reconhecer em qualquer língua casos em que a enunciação de certas frases corresponde a realização de ações – segundo ele, os verbos que fazem parte dessas ações são os verbos performativos. Austin (1962) explica que a especificidade do discurso performativo está no fato de que não basta que ele seja compreendido, é também necessário que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito. Nesse sentido, o autor explica que o reconhecimento só tem lugar em um contexto adequado, ou seja, um determinado pronunciamento, além de dever ser proferido por uma pessoa autorizada a fazê-lo, apta a (re)produzir tais discursos específicos. Portanto, para a elaboração dos conceitos de sua teoria, o autor argumenta que o uso das palavras, em diferentes contextos, é o que determina seu sentido. Sendo assim, Austin (1962) chega à conclusão de que determinadas sentenças em uso são, na verdade, ação, afirmando que *dizer é fazer*.

Austin (1962), ao longo da construção de sua teoria, tenta fixar critérios para estabelecer se um enunciado de fato é, ou não, um performativo por excelência. Ao fazer isso, depara-se com alguns problemas, dentre os quais dois ganham maior ênfase, sendo que i) nem todo enunciado performativo tem verbo na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, na forma afirmativa e na voz passiva, como é o caso de *Proibido fumar* e ii) nem todo enunciado na primeira pessoa do singular, na forma afirmativa e na voz ativa é performativo, como é o caso de *Eu jogo videogame*. Rajagopalan (2010) nos mostra que Austin, em suas reflexões sobre enunciados performativos e atos de fala, se deu conta da recursividade da própria noção de performatividade. No entanto, “a recursividade da performatividade deve ser justaposta à tese, já estabelecida por Austin, de que no fim das contas tudo o que há são os enunciados performativos” (RAJAGOPALAN, 2010, p. 15).

Austin (1962), ao argumentar que a linguagem é ação sobre o outro, daí seu caráter performativo, se depara com um outro problema, o qual consiste na questão de que podem

haver enunciados performativos sem nenhuma palavra relacionada à ação que executam. Para exemplificar, olhemos para o exemplo de uma placa de trânsito com o sinal de *curva perigosa à direita*, em que o símbolo equivale a dizer *Eu te alerto para o fato de que a curva é perigosa*, o que exerceria na pessoa a conscientização de que deve tomar cuidado e, instantaneamente a faria ir mais devagar. Diante de constatações assim, Austin (1962) propõe a distinção entre performativo explícito e performativo implícito (ou primário), onde o segundo seria uma forma de redução do primeiro. Porém, as conceituações propostas pelo autor se complicam novamente quando ele percebe que o performativo primário também se aplica aos enunciados constativos, desfazendo-se a distinção entre constativos e performativo, dado o fato de que se pode transformar qualquer constatação em performativo ao usar verbos específicos. Portanto, a conclusão à qual Austin (1962) chega é a de que todo enunciado é performativo, afirmando que

Até aqui observei duas coisas: que não existe nenhum critério verbal para distinguir o enunciado performativo do enunciado constativo, e que o constativo está sujeito às mesmas infelicidades que o performativo. [...] a fórmula ‘afirmo que é’ inteiramente parecida com a fórmula ‘te previno que’, fórmula a qual, como dissemos, serve para tornar explícito o ato de fala que efetuamos; e, além disso, que não se pode nunca emitir um enunciado qualquer sem realizar um ato de fala deste gênero. Temos talvez necessidade de uma teoria mais geral dos atos de fala e nesta teoria nossa antítese constativo-performativo terá dificuldades para sobreviver. (AUSTIN, 1998, p. 119).

Então, Austin (1962) abandona a dicotomia ‘constativo x performativo’ e o termo ‘performativo’ torna-se característica, por assim dizer, de todo e qualquer enunciado, e para tanto, da linguagem. De certa forma, essa definição de que toda a linguagem é performativa, se tratada diretamente “ao pé da letra”, traz para a discussão a ideia de que todo enunciado, todo ato de fala, faz algo, realiza uma ação. No entanto, ‘fazer’ é verbo transitivo, o que indica que precisa de um complemento para a continuidade da ação – ou como diria um professor de gramática no ensino fundamental, ‘quem faz, faz *algo a alguém*’; e ainda, segundo Austin (1962), a condição de uso de uma dada sentença é o que determina seu significado.

Sob essas perspectivas, podemos perceber o *bullying* como um fenômeno que se realiza performativamente, na medida em que o uso de determinadas sentenças atinge o outro e o faz se sentir atingido por aquilo que lhe foi dito. A vítima, em si, como temos visto, é quase sempre um sujeito fragilizado ao ponto de aceitar ou passar a se perceber como alguém que é aquilo que falam ou que se sente extremamente atingido (machucado, ofendido) por

determinado discurso. Um caso que exemplifica muito bem esse ponto é, novamente, o exemplo que Ana Luísa, nossa conhecida do capítulo anterior, relata sobre o apelido de *cresbunda*. Como você deve se lembrar, em (1) – o primeiro trecho do depoimento que abordamos – Ana Luísa relata sua inquietude com a forma através da qual era designada por aqueles que a agrediam verbalmente. No contexto em que estavam inseridos a vítima e os agressores, o termo *cresbunda* constituiu a construção performativa de uma vulnerabilidade. Portanto, para que se possa entender tal afirmação, caminhemos adiante.

A teoria dos atos de fala

Com vistas a explicar como essas ações se dão, Austin (1962) trabalha na elaboração da teoria dos atos de fala, elencando três atos de fala distintos. De forma sintetizada, podemos dizer que os atos de fala consistem na tentativa de fazer alguma coisa – realizar uma ação – simplesmente falando. E, conforme vemos, há de fato uma série de coisas que podem ser feitas apenas falando, como promessas, perguntas, ordens, exigências, etc, e cada uma dessas coisas consiste em um ato de fala específico.

O primeiro ato de fala é o *ato locucionário*, o qual, nos termos do autor, consiste no ato de dizer, propriamente, determinado enunciado. Nesse sentido, reconhecer que o sujeito produz um ato locucionário consiste no primeiro estágio dentro da análise dos atos de fala. Dizer isso significa dizer que o falante utiliza de uma sequência de palavras que formam frases gramaticalmente estruturadas de acordo com a língua que ele utiliza. Sendo assim, para considerarmos a dimensão locucionária de um ato de fala, segundo Austin (1962), a condição essencial para que um enunciado possa ser reconhecido como um ato de fala consiste no fato de que ele deve ser produzido segundo as convenções da língua daquele sujeito. Ainda, segundo o autor, antes de se atribuir qualquer intensão ao enunciado que um falante produz, bem como suas eventuais consequências, é necessário que se reconheça que ele é formado por frases que são compreensíveis pelos interlocutores.

O segundo, chamado de *ato ilocucionário*, é o ato de fala que se refere às ações que o falante pretende realizar ao produzir determinados enunciados. Os ilocucionários são, por sua vez, atos que se referem a realização de ações como pedidos, cumprimentos, promessas etc. Para exemplificar, podemos olhar para o ato de pedir algo a alguém: o ato de pedir, nos termos do autor, diz respeito a uma ação a ser realizada pelo interlocutor em um momento

futuro. Para que o pedido, esse ato ilocucionário, se realize, uma das condições necessárias é de que o falante diga exatamente o que ele quer que o interlocutor realize. O interlocutor, por sua vez, precisa acreditar que o falante tem o poder de fazer aquele determinado pedido. Na sequência lógica da situação, também o falante precisa acreditar que o interlocutor seja capaz de realizar aquilo que ele está pedindo. Sendo assim, o ato ilocucionário de pedir consiste em uma tentativa, por parte do falante, de que o interlocutor realize aquilo que está sendo solicitado.

E, o terceiro, é o ato chamado de *perlocucionário* e que aqui nos interessa em particular, pois é ele o que está mais ligado ao *bullying* – conforme veremos adiante. O ato perlocucionário consiste nas consequências ou efeitos que a fala causa ao interlocutor – ele age sobre as ações, crenças e/ou pensamentos do outro. Nesse sentido, Austin (1962) explica que o ato perlocucionário é como uma consequência do ilocucionário, como quando alguém promete (fazer uma promessa é um ato ilocucionário, pois o falante transmite essa intencionalidade com relação ao objeto da promessa), traz para o interlocutor o efeito de criar expectativas, por exemplo – que é o ato perlocucionário correspondente, é o efeito gerado sobre o outro, sobre aquele que recebe a promessa e fica na expectativa de que o objetivo seja alcançado.

É interessante notarmos que o conceito de ato de fala esclarece o funcionamento de diversos aspectos relevantes ao uso da linguagem, mas que, por outro lado, incorporar tais conceitos nos estudos linguísticos traz uma série de desafios, dentre os quais podemos mencionar três mais relevantes no que diz respeito a esta pesquisa, uma vez que vai ao encontro do que se busca aqui responder, conforme apontado por Trask (2004), sendo 1) a dificuldade inerente à interpretação do conjunto de condições necessárias para a realização de qualquer ato de fala; 2) a complexidade da interpretação das condições de felicidade – mencionadas anteriormente e 3) a ausência de uma correspondência entre as formas linguísticas e os atos de fala que se realizam.

Condições de felicidade

Austin (1962), na formulação de sua teoria, explica que há uma série de fatores externos à linguagem e ao sujeito que contribuem para um enunciado ser, ou não,

performativo, para que ele – de fato – ocorra: são as chamadas condições de felicidade. É, pois, nesse sentido, que Austin (1962) nos explica que o simples fato de alguém proferir um enunciado performativo não garante sua realização.

Para que um enunciado performativo seja bem-sucedido, para que aquela ação seja de fato realizada, as circunstâncias no mundo devem ser adequadas. No caso de as circunstâncias não serem adequadas, no entanto, não dizemos que um performativo é falso, mas sim nulo, ao passo que ele não realiza nenhuma ação naquela situação de interação social específica. Exemplificando, olhemos para o seguinte exemplo: a) uma cena de casamento tipicamente religioso e heteronormativo; caso uma pessoa comum, que não seja um padre ou outro membro da Igreja – devidamente autorizado a realizar a cerimônia – suba ao altar e diga aos noivos *Eu vos declaro marido e mulher*, o proferimento performativo não se realizará, uma vez que a pessoa não possui poder ou autoridade para, de fato, casar duas outras pessoas. Portanto, foi por situações como essa que Austin (1962) denominou as chamadas condições de felicidade, um conjunto de critérios que precisam ser satisfatórios para que um enunciado seja performativo.

Segundo o autor, observando o exemplo da cerimônia de casamento acima, quando o enunciado *eu vos declaro marido e mulher* é proferido, ele realiza uma ação, a ação expressa pelo verbo. Considerando que exista ali, nesse caso, um homem e uma mulher, vestidos de forma adequada, com uma figura religiosa condizente, em uma igreja – entre outros fatores – o ato de fala, ao ser proferido, realiza a ação de casar duas pessoas. Assim, no instante seguinte ao ato de fala ser pronunciado, algo acontece no mundo e aquelas pessoas não são mais as mesmas de antes daquilo que foi dito. Portanto, é essencial que a análise dos atos de fala leve em consideração tanto as formas linguísticas empregadas, quanto um conjunto de condições adicionais, ou seja, a realização dos atos de fala leva em consideração também a escolha de determinadas formas linguísticas e as condições pragmáticas do seu uso, conforme cada enunciado e contexto social.

Entender as condições de felicidade é o que faz com que o falante seja, ou não, bem-sucedido ao realizar ações com a linguagem. Nesse sentido, baseando-se em Austin, Trask (2004) explica que

Enunciados como *arrume seu quarto, você me empresta uma caneta?*, etc, não têm valor de verdade, mas podem ser mais ou menos adequados às circunstâncias ou, como também se diz, podem ser mais ou menos felizes. Um enunciado como *arrume seu quarto* é um enunciado infeliz se a pessoa não tiver autoridade sobre a outra, e

um enunciado como *eu vos declaro marido e mulher* não surte efeito a menos que tenham sido preenchidas uma série de condições. Assim como se diz que os enunciados podem ser mais ou menos felizes, as condições para que um ato de fala tenha sucesso são frequentemente chamadas de condições de felicidade. (TRASK, 2004, p. 42).

Ao percebermos que a realização de determinados atos de fala e seu fazer performativo necessitam das condições de felicidade para sua realização, surge o questionamento de que: existe, também para a violência, condições de felicidade? E aqui, responder a tal questionamento nos afastaria, em certa medida, de nossa discussão central. Portanto, resumidamente, vale lembrar algo que nossa argumentação até o momento não nos deixa escapar e que é o fato de que existe, obviamente, todo um contexto envolvendo as situações de interação social que favorece, ou não, a realização de determinadas ações, dentre as quais está a violência, inclusive a linguística.

A dimensão perlocucionária do *bullying*

Até aqui vimos que a linguagem pode ser violenta e que ela pode agir sobre nosso interlocutor de diferentes maneiras, causando diferentes efeitos. Com isso, podemos olhar agora, com mais atenção, para o funcionamento da dimensão perlocucionária do *bullying*, abordando especificamente seus efeitos sobre as vítimas. Considerando, como vimos segundo Austin (1962), que a perlocução consiste no efeito de determinado ato de fala sobre o interlocutor, conseguimos perceber que através do efeito performativo desse determinado ato de fala, o outro – a vítima – pode sentir-se encorajado, amedrontado, assustado, convencido etc. Com base nessas questões, podemos perceber que o *bullying* consiste em uma violência de dimensão perlocucionária. Para explicar o que quero dizer, olhemos para o caso de Matheus.

Matheus, jovem de 24 anos de idade, homem, homossexual, estudante universitário, é uma das vítimas que compõem nosso quadro de análise. Tomei conhecimento de seu relato, assim como dos demais, a partir do documentário *Marcas de uma geração* (Lacerda, Netto e Morato, 2017). Em seu relato, Matheus se abriu profundamente ao contar parte de sua história com relação ao *bullying*. O jovem foi entrevistado na praça de alimentação da universidade que frequenta, em Minas Gerais. Ao longo de seu relato, o jovem traz fotos de sua infância e

adolescência e tudo o que fala parece ser fortemente movido por esses retratos, pois, diferente dos outros, Matheus aparenta gostar muito de suas imagens anteriores. Essa questão é facilmente perceptível por conta da forma carinhosa com que ele olha para seu antigo *eu*. Para o jovem, seu antigo *eu* retoma sua essência como criança. Além disso, Matheus deixa transparecer que tais fotografias funcionam como uma motivação para resgatar a espontaneidade que relata ter perdido por conta da violência. Matheus afirma, a esse respeito, que

(6) Eu acho que eu gosto bastante dessas fotos, assim. É, são fotos que mostram que eu fui de fato uma criança bem diferente no sentido... eu acho que, sei lá, os pais têm uma expectativa muito forte em cima dos meninos de que ele vai crescer, vai gostar de futebol, vai gostar de brincar de carrinho e isso não aconteceu comigo (...). Então, hoje quando eu vejo essas fotos, eu vejo um poder muito grande nelas de mostrar que eu e milhares de outras crianças que eram assim existiram, sabe? E que não tem nenhum motivo para oprimir, tratar mal, subjugar a gente. (MATHEUS).

Através do relato de Matheus, em inúmeros trechos – conforme veremos ao longo do texto – os atos de fala proferidos contra ele agiram performativamente e possuem, até hoje, efeitos perlocucionários. A exemplo, o fato de ele ter desenvolvido a consciência de que alguém ser diferente não dá ao outro o direito de lhe subjugar consiste em um forte e marcante efeito perlocucionário. Na sequência, o jovem segue seu depoimento contando sua relação com a violência que sofria durante boa parte da infância e adolescência e em diversos momentos de sua fala a dimensão perlocucionária do *bullying* pode ser percebida. Um ponto muito marcante – se não toda sua fala – é quando o jovem diz

(7) Eu acho que a gente fica muito tempo sendo tratado mal pelos outros e acaba guardando algumas feridas de... de parece que você ser quem você é, é errado, sabe?! (MATHEUS).

Nitidamente, e não apenas com o relato de Matheus, podemos perceber que o *bullying* age sobre suas vítimas causando traumas em diferentes proporções e que se manifestam nos sujeitos de diferentes maneiras. Um ponto em comum entre as vítimas dessa análise consiste no fato de que todas relatam um momento marcante – no sentido traumático do termo – em suas vidas enquanto vítimas de *bullying*. No caso de Matheus, ele relata o seguinte:

(8) *Ah, eu acho que o caso que mais me marcou foi... na 6ª série, que... é... eu, tipo, sentava mais pra trás assim, e aí tinha um menino que era muito babaca, escroto, que tipo, ele tava na escola só pra zoar mesmo, e aí ele não prestava atenção em nada na aula e ele sentava, tipo assim, a uma fila de distância da minha, só que um pouco mais pra trás, e aí... é... tava começando a febre do celular... os alunos estavam começando a ter celular na época, e aí, tipo, ele levou o celular pra escola e, tipo, foi a sensação, assim, aí... teve um momento em que ele pegou o celular tipo vibrando e tentou enfiar em mim, porque ele achou que eu fosse gostar, sabe?! Então... aí eu lembro que, tipo, eu levantei e... é... fiquei muito, muito, muito nervoso, chorando e tremendo, e aí eu cheguei na professora e gritei com ela, que eu não aguentava mais aquilo porque, tipo, me enchia o saco todo dia, é... e esse foi o ponto mais físico, sabe?! Porque antes era tudo muito verbal, assim... mas sei lá, eu acho que chega num ponto em que as pessoas acham que têm liberdade de encostar em você e eu fiquei, nossa... muito puto com isso! Foi algo que me marcou muito, assim... (MATHEUS).*

No trecho acima, um dos pontos que podemos notar é quando Matheus diz que *antes era tudo verbal*, ou seja, ele já vinha, em torno de seus 10 a 11 anos de idade, sofrendo uma série de ataques linguísticos – e que nos remetem ao conceito de iterabilidade, sobre o qual trataremos melhor no próximo capítulo –, aos quais vinha aguentando *na sua* – como dizem os mais jovens. Enquanto *aguentava*, as palavras – o *bullying* sob o qual estava sendo submetido – agiam sobre ele, de uma forma que inicialmente ele tinha sequer consciência. Como em inúmeros outros casos, as palavras abriram espaço para agressões físicas, como a forma relatada acima. A reação do jovem em *fiquei, nossa... muito puto com isso* e a expressão facial que faz ao falar isso deixam transparecer o tanto que aquela criança estava abalada e como, ainda hoje, esse efeito perlocucionário reflete no Matheus de treze anos depois.

Vale ressaltar que a dimensão perlocucionária do *bullying* sobre Matheus não consiste apenas na maneira como ele se sentia, mas também nas coisas que ele passou a aprender como um sujeito que se ressignificou. De acordo com Austin (1962), o perlocucionário – esse efeito do que é dito – pode ser algo não esperado por aquele que o diz, ou vice-versa, o que nos mostra inúmeras possibilidades de consequências para um ato perlocucionário. Nesse sentido, os atos de um enunciado ocorrem simultaneamente, são relativos ao contexto de fala e às pessoas que falam, e são interpretáveis com uma amplitude, muitas vezes, difícil de ser descrita nos limites de uma análise linguística. Matheus, em seu

relato, nos mostra que existe uma acumulação, e isso vai se somando em termos de perlocução – se mostrando através dos efeitos sobre ele. Butler (1997), a esse respeito, afirma que nenhum termo ou enunciado pode funcionar performativamente sem a acumuladora e dissimuladora historicidade da força (BUTLER, 1997).

É a iterabilidade, pois, que nos faz perceber tais questões quando, ao olharmos para as vítimas, notamos uma manifestação da violência linguística que é sempre acumuladora, no sentido em que as vítimas guardam em si os sentimentos gerados pela violência simbólica sofrida, até que, em certo ponto, esse tipo de acumulação age – abala e modifica estruturas corpóreas e psíquicas que reagem de diferentes maneiras e em diferentes momentos a essa violência; e dissimuladora ao passo que muitas vezes as vítimas se sentem culpadas por estarem nessa posição, pois julgam a si mesmas como merecedoras de tal (BUTLER, 1997). Um bom exemplo desse tipo de situação em que a vítima julga merecer esse tipo de situação pode ser o que Ana Luísa, a quem já conhecemos no primeiro capítulo e que fala:

(9) (...) eu acho muito triste de olhar, tipo, para uma criança, basicamente, de 14 anos e saber que ela era totalmente infeliz com a vida dela e com as coisas e ela não tinha a menor... ideia de como mudar aquilo. Tipo assim, noção zero, porque ela achava que aquilo ali era normal... e que ela nunca ia encaixar, e ela nunca taria com os coleguinhas maneiros, ela nunca ia pertencer. (ANA LUÍSA).

Vejamos, nesse trecho a jovem toma um certo distanciamento da criança que ela foi utilizando da narrativa em terceira pessoa, evidenciando o que ela deixando claro ao longo de sua fala: que aquela era, de fato, outra pessoa. Ana Luísa mostra a questão de que ela está justamente no grupo de pessoas que julgavam a si mesmas como merecedoras de estarem em tal situação, merecedora do lugar de vítima do *bullying*, por conta de um efeito perlocucionário sobre ela, que era tão forte e marcante ao nível de ser capaz de fazer com que ela acreditasse que estava *certo* estar constantemente submissa à injúria do outro. O que a jovem relata nos mostra seu sentimento de incapacidade, por um longo tempo, para lidar com a situação e fazer por si algo para mudar o contexto. Em contraposição a casos como o de Ana Luísa, temos o Matheus, sobre quem falávamos há pouco. Em seu relato, Matheus nos faz perceber que ele sentiu a negatividade da violência, mas que, em linhas gerais, o efeito perlocucionário sobre ele foi um pouco diferente:

(10) E aí, quando eu vejo essas fotos em que a minha infância eu era muito mais espontâneo, eu fazia o que eu queria, é... e essa espontaneidade foi começando a ser violentada, é... isso traz algo negativo, assim. E aí eu acho que ver essas fotos me lembra que essa espontaneidade não tem nada de negativo, que eu posso ser quem eu sou, que não tem nenhum problema em ser gay, em ser afeminado... E eu gosto muito dessas fotos por isso. Elas me empoderam de certa forma, sabe?! Sei lá, eu acho que minha subjetividade fica mais forte ao ver essas fotos, ao saber que a minha origem é... era espontânea e alegre. E eu tento buscar um pouco disso pra mim hoje, também. (MATHEUS).

Nesse trecho, Matheus fala mais um pouco sobre as fotografias da infância e adolescência. Em sua reflexão é muito interessante perceber a maneira como ele busca força e positividade em cenas que não são típicas para isso. Diferentemente de Ana Luísa, Matheus sentiu de outra forma os efeitos perlocucionários do *bullying*, assim como para cada sujeito, individualmente, reafirmando o que venho tratando, esses efeitos são distintos. Assim, vemos que o poder perlocucionário da fala através do agir performativo da linguagem possuem tamanha força que são capazes de transformar qualquer pessoa em vítima e ela, enquanto vítima, transforma-se, coloca-se em tal lugar. A esse respeito – o lugar de vítima – outra diferença que vemos no grupo de entrevistados é que nem todos têm uma história bonita e clichê de superação e tal situação pode ser evidenciada ao olharmos para casos como de Gregório.

Gregório é um jovem homem, negro, 25 anos de idade, homossexual e também estudante universitário. Sua entrevista foi realizada no espaço público de circulação da universidade em que estuda, quando estava em um momento de aula livre – conforme nos mostra o documentário em questão. Para falar sobre sua história, trouxe fotos da época de sua infância e adolescência, quando era vítima de *bullying* e não apenas demonstrou ser muito aberto aos fatos, como trouxe outra perspectiva para a discussão: Gregório não apenas já esteve na posição de se sentir merecedor da violência que sofria, como já foi aquele que sai do lugar de vítima para o lugar de agressor. Para entender, vejamos a forma como ele sentiu os efeitos perlocucionários do *bullying*:

(11) Teve uma época que, assim logo no início do semestre, quando eu entrei eu engordei bastante, aí as pessoas comentavam e tal, aí faziam uma brincadeirinha, e

isso me incentivou a emagrecer e eu quase... eu entrei em estado anoréxico, quase evolui pra bulimia. Isso foi uma das coisas que me influenciou a emagrecer, porque eu não queria voltar a sofrer bullying por estar gordinho... Faz mal quando eu vejo uma foto minha é... eu... eu olhava assim... “nessa época foi muito triste, olha como eu era”. As vezes eu até penso “as pessoas estavam certas de fazer bullying comigo”, coisas do tipo, só de olhar minhas fotos antigas. É uma fase triste, eu não queria... Eu acho que eu melhorei, de alguma maneira eu me sinto melhor. A minha infância não foi boa, por ‘n’ motivos, bullying era uma delas. (GRAGÓRIO).

Para entender do que Gregório fala, devemos olhar por etapas. Primeiramente, um dos efeitos perlocucionários do *bullying* sobre ele consiste no fato de que ainda hoje, no presente, ele declara que dá razão aos agressores e se reconhece, em alguns momentos, como merecedor dessa violência, remetendo novamente à questão da força do *bullying* em colocar qualquer pessoa nessa posição de inferioridade e ainda como algo que se mostra em sua vida, em seu consciente até hoje. Além disso, outro efeito fortemente marcado pela performatividade é perceptível quando ele fala que o *bullying* o incentivou a emagrecer – ou seja, a violência a qual estava exposto lhe fez perceber, em alguma medida, uma questão que, no fim, lhe incomodava e a qual ele quis modificar.

Em segundo lugar, o mesmo ato de fala violento que agiu sobre ele fazendo com que ele se sentisse merecedor da violência, é o ato de fala que agiu sobre ele trazendo, como outro efeito perlocucionário, uma motivação – muito grande, segundo ele – para não ser mais do jeito que ele era – trouxe para ele uma necessidade de mudança, como se mudar determinada característica física fosse tirar ele da posição de vítima que ele vinha ocupando. Nesse sentido, Gregório fala que a vontade de mudar, no caso dele emagrecer, surgiu como um mecanismo de defesa contra o *bullying* pois, em sua visão, se ele não estivesse mais acima do peso, o *bullying* teria fim – o que veremos em breve que, no caso dele, funcionou.

Há também que se chamar a atenção para o fato, em terceiro lugar, de que Gregório chama o *bullying* de *brincadeirainha*, algo erroneamente denominado por uma grande parte da sociedade, principalmente a sabermos a essa altura que o *bullying* consiste de fato em uma violência, e que traz inúmeras consequências para a vida de quem sofre. Claro que nesse sentido também nos cabe ressaltar que esse pensamento/modo de falar não é único e exclusivo de Gregório, mas sim de grande parte das pessoas que negligenciam a ocorrência dessa (e de outras) violência. Com casos como os que temos discutido até aqui, conseguimos perceber

que o caráter perlocucionário do *bullying* está no significado de cada palavra em relação ao sujeito que a recebe e no contexto em que é dita. Dizer isto, implica em dizer que a situação poderia ser oposta, como quando Gregório relata seu papel de agressor, que surge como outra manifestação do ato perlocucionário sobre ele:

(12) A gente era um grupinho na sala e as pessoas... ninguém confessava o que a gente falava, então a gente sentia o conforto em falar o que a gente quisesse. A gente falava tudo com todo mundo, assim. Tinha umas meninas lá que eram da zona rural e a gente fazia bullying com elas, por elas serem de uma zona rural da cidade, bullying de todos os sentidos, tipo: ah sei lá... “não tô vendo seu cabelo, tô vendo só poeira” porque tem terra, sabe?! A gente fazia bullying e elas eram... elas não falavam nada, elas ficavam lá tímidas e tal. Tanto que eu fui um monstro, a gente foi um monstro. (GREGÓRIO).

O jovem relata que na época escolar, na transição do ensino fundamental para o ensino médio, ele emagreceu porque, como já mencionado anteriormente, sentia a necessidade de mudar para não ser mais vítima. Foi quando ele passou do lado do oprimido para o lado do opressor e passou a utilizar as palavras que sentia, as ofensas que vivia, a violência que sofria contra outras pessoas. É interessante perceber que Gregório se utilizava de ofensas que antes agiam contra ele; ele se apropriou do tipo de discurso utilizado contra ele para colocar outros na posição que antes ele ocupava, e que ainda nos remete ao ponto de que existe uma certa cultura do *bullying*, como dito no início do presente trabalho. Dessa forma, para entender as outras dimensões que essa violência possui e sobre as quais age, abordaremos, na sequência, a questão da iterabilidade discutida por Derrida (1990).

CAPÍTULO 3

ITERABILIDADE EM QUESTÃO E O CASO *BULLYING*

Tenho o direito de ser igual quando a diferença me inferioriza. Tenho o direito de ser diferente quando a igualdade me descaracteriza. (SOUZA SANTOS, 1999).

PLANO DO CAPÍTULO

Até aqui, temos pensado e discutido a respeito da problemática da violência na linguagem, sobre o *bullying* enquanto tal e como essas questões se articulam com as teorias dos atos de fala e da performatividade, bem como com o funcionamento da linguagem, em certo (ou vários) nível (is). Neste terceiro capítulo, então, discutiremos a noção de iterabilidade (DERRIDA, 1991) articulada a Butler (1997), mostrando que esses autores complexificam o performativo de Austin (1970). Os elementos que considero essenciais para a discussão que este capítulo propõe estão organizados de forma a levar-nos a compreender como o sujeito passa a repetir determinados discursos com certa finalidade.

Para compreender a forma como nossa discussão flui, primeiramente iniciamos a segunda seção com a questão da propriedade de repetição que todo signo possui, a qual o faz romper com seu contexto original, a iterabilidade, conceito desenvolvido por Jaques Derrida (1990). Na sequência, a terceira seção traz Butler (1997) de volta ao texto em diálogo com a iterabilidade, olhando especificamente para as questões de intenção e responsabilidade do falante ao proferir determinado enunciado.

Na quinta seção discutimos de forma mais explícita dados empíricos que dizem respeito a iterabilidade de resistência, mostrando-nos as reações diversas dos diferentes sujeitos em questão. Por fim, a sexta seção finaliza o presente capítulo com uma discussão mais aprofundada no que diz respeito a relação entre iterabilidade e *bullying*.

O que é e como surgiu a iterabilidade

Algum tempo após a teorização austiniana sobre o performativo, Derrida (1991) faz sua leitura a respeito do tema e oferece um conceito complementar para explicar seu

pensamento: iterabilidade (ou citacionalidade). O autor busca discutir a teoria de Austin para mostrar a possibilidade que todo signo possui de poder ser repetido na ausência de seu referente e na ausência de seu significado ou intenção. A crítica derridiana teve seu desenvolvimento com início na conferência *Assinatura, Acontecimento, Contexto* (1972; 1988), em duas etapas, sendo que na primeira Derrida descreve o conceito clássico de escritura e na segunda analisa criticamente a reflexão de Austin sobre performatividade linguística.

De maneira geral, a discussão de Derrida (1991) é uma forma de desconstrução de uma série de conceitos propostos por Austin (1962) a respeito dos atos de fala e, nessa desconstrução derridiana, a noção de sujeito também está inclusa. Para o autor, toda a construção do performativo como um acontecimento se vale da análise de elementos que Austin (1962) chama de ato de fala total e que, na visão derridiana, é preciso partir deles, problematizando a questão da comunicação.

Nesse sentido, Derrida (1991) parte da polissemia do termo *comunicação*, que pode ser utilizado tanto no sentido de *transmissão de significados* quanto como *passagem de movimentos para situar a escrita clássica*. Na concepção do autor, essa escrita clássica se trata de um meio de comunicação que se realiza em um espaço homogêneo, cujo ponto de partida é a linguagem, no qual ela apenas estenderia a comunicação da ação do tempo e no espaço, suprimindo a ausência de interlocutores, mas sem causar ruptura na relação interlocutória. Sob essa perspectiva, a palavra falada seria o referente, enquanto a escrita seria a representação da comunicação. Dessa forma, podemos perceber também que a comunicação escrita possui marcas que não se esgotam no momento da inscrição. Além disso, a comunicação, nos termos derridianos, carrega em si a força da ruptura com o contexto de produção, tanto em relação ao referente quando ao produtor. Derrida (1991) mostra que, além disso, existe a possibilidade aberta para a citação, ou seja, para a extração de um determinado enunciado e sua reagrupação, o que mostra sua total independência. Para explicar o funcionamento do conceito de iterabilidade e a maneira como ele funciona, Derrida (1991), na segunda etapa de sua conferência, argumenta partindo de seis pontos das ideias de Austin que elenca como fundamentais, sendo:

- 1) Segundo Derrida (1991b), Austin parece considerar apenas os atos de fala como atos de comunicação;

- 2) Para Austin, os atos de fala comunicam não um conteúdo de sentido, mas uma ação;
- 3) Os enunciados performativos não possuem um referente fora de si, mas produzem seu próprio referente;
- 4) Para os performativos, o valor de verdade foi substituído pelo valor de força;
- 5) Os performativos são enunciados-eventos, ou seja, trata-se de acontecimentos singulares e originais que requerem necessariamente de um contexto;
- 6) A análise da “linguagem ordinária” exclui tudo o que é considerado “não sério”.

Aqui, com esses pontos elencados por Derrida (1991), notadamente conseguimos perceber sua crítica ao fato de que para Austin (1962) são as condições do ato de fala que direcionam o performativo. Por outro lado, ainda, a crítica derridiana aponta que Austin parecia fazer um movimento de relacionar as forças do ato de fala com a intenção do falante, de onde, para Derrida (1991), parece surgir a força ilocucionária. Na visão derridiana, a força ilocucionária de um ato de fala consiste naquilo que se quer fazer, quanto a força perlocucionária consiste naquilo que se quer fazer com que o outro faça. Nesse sentido, podemos afirmar, conforme Derrida (1991), que a iterabilidade consiste na possibilidade estrutural do todo do signo: a possibilidade de ser repetido na ausência não somente de seu referente, mas também na ausência de seu significado ou intenção determinada. Cada momento único, presente e singular de realização do ato é, senão, a repetição de outro ato, um momento já acontecido, em acontecimento, a acontecer (BUTLER, 1997), e é essa imbricação que lhe permite a performatividade. Para explicar seu posicionamento crítico, Derrida (1991), ao explicar a iterabilidade, recorre à noção de comunicação e escrita para falar também que

Se se capta a noção de escrita na sua acepção corrente – o que não quer, sobretudo, dizer inocente, primitivo ou natural-, é necessário ver aí um meio de comunicação. Deve-se mesmo reconhecer aí um potente meio de comunicação que alarga para muito longe, senão infinitamente, o campo da comunicação oral ou gestual (...). Não descreverei todos os modos desta extensão no tempo e no espaço. Deter-me-ei, pelo contrário, neste valor de extensão ao qual acabo de recorrer. Dizer que a escrita alarga o campo e os poderes de uma comunicação locutória ou gestual, não será pressupor uma espécie de espaço homogêneo da comunicação? (DERRIDA, 1990, p. 351).

É nesse sentido que, ao falar sobre como a função da escrita é comunicar, Derrida (1991) tenta caracterizar a ausência que parece intervir de maneira específica no funcionamento da escrita pois, segundo o autor, o que está escrito pode avançar na ausência do destinatário adotado anteriormente, mas também de qualquer destinatário determinável em geral. Dessa forma, Derrida (1991) afirma que para um enunciado ser repetível, ou seja, iterável, necessariamente ele precisa ser dotado da capacidade de ser reproduzido na ausência

total do destinatário. Segundo a perspectiva derridiana, essa capacidade que o signo possui em ser iterável carrega em si uma força de ruptura com o seu contexto. O autor mostra que é a iterabilidade essencial do signo que promove essa ruptura e lhe permite ser isolado, utilizado em outro contexto, sem perder qualquer possibilidade de comunicação

Quando Derrida (1991) fala a respeito de ruptura, ele fala sobre a questão da busca por uma totalidade absoluta que de tanto tentar abarcar todas as coisas, acaba em uma multiplicidade de perspectivas – no caso do enunciado iterável, em uma multiplicidade de significados discursivos. Para mostrar seu posicionamento e exemplificar o que está falando, o autor cria ao conceito de iterabilidade, segundo o qual a escrita deve ser necessariamente legível e, para tal, é preciso que seja passível de repetição. Derrida explica que é

A possibilidade de repetir e, pois, de identificar as marcas está implicada em todo código, faz deste uma grande comunicável, transmissível, decifrável, iterável por um terceiro, depois para todo usuário possível em geral. Toda escrita deve, pois, para ser o que ela é, poder funcionar na ausência radical de todo destinatário empiricamente determinado em geral. Toda escrita não é uma modificação contínua da presença, é uma ruptura da presença, a “morte” ou a possibilidade da “morte” do destinatário inscrita na estrutura da marca [...] (DERRIDA, 1991b, p. 19).

Derrida (1991) argumenta que essa característica de poder romper com o contexto de produção não é uma marca somente da escrita, mas também da oralidade e que ocorre principalmente por conta da capacidade discursiva que o enunciado possui de poder ser citado, por outro sujeito, em outro contexto. Essa propriedade, por sua vez, é proveniente do fato de que os enunciados produzem sentidos (outros ou não) tanto na ausência do referente quanto na ausência do significado. Nesse sentido, o autor insiste que

É nesta possibilidade que gostaria de insistir: possibilidade de destaque e de enxerto citacional que pertence à estrutura de toda marca como escrita, antes mesmo e fora de todo horizonte de comunicação semiolinguística; na escrita, isto é, na possibilidade de funcionamento cortado, num certo ponto de seu querer dizer “original” e sua pertinência a um contexto saturável e impositivo. Todo signo linguístico, falado ou escrito (no sentido corrente dessa oposição), em pequena ou grande escala, pode ser citado, posto entre aspas; por isso ele pode romper com todo contexto dado, engendrar ao infinito novos contextos, de modo absolutamente não saturável. Isso supõe não que a marca valha fora do contexto, mas, ao contrário, que só existam contextos sem nenhum centro absoluto de ancoragem. Essas citacionalidade, essa duplicação ou duplicidade, essa iterabilidade de marca não é um acidente ou anomalia, é aquilo (normal/anormal) sem o que uma marca já não poderia sequer ter funcionamento dito “normal”. Que seria de uma marca que não se pudesse citar? E cuja origem não pudesse ser perdida no meio do caminho? (DERRIDA, 1991, p. 25; 26).

Entende-se, então, que a repetição ocorre no sentido de iteração, como uma característica inerente à escrita. A partir do trecho acima, conseguimos perceber que, para

Derrida (1991), não há citação sem iteração. A noção de iterabilidade também demonstra a impossibilidade de ser estabelecida a origem precisa do enunciado. Isso acontece, segundo o autor, justamente devido a sua força de ruptura – ruptura, essa, entre o querer dizer original e sua intenção de comunicação presente. Ainda, o autor insiste na possibilidade de destaque e enxerto citacional, inerente a estrutura de toda marca falada ou escrita. Segundo ele, isso significa que todo signo possui em si uma força de ruptura com o sujeito que o emite e com a intenção desse sujeito.

O entendimento da noção de sujeito é discutido por Derrida (1991) a partir do trecho acima e, para ele, nem mesmo a primeira pessoa, tão adorada por Austin (1962) na construção da performatividade, pode fugir da iterabilidade. Derrida (1991) explica que

A escolha da primeira pessoa poderia *parecer* facilitar as coisas, uma vez que se estaria corretamente tentado a pensar que aquele que diz *Eu* e fala dele responde melhor à hipótese idealizante de “saying what he means”: a intenção daquele que fala é muito próxima, crê-se, absolutamente presente àquilo que se diz. Mas nada é menos certo: o funcionamento do *Eu*, é bem sabido, é tão iterável, senão substituível, quanto outra palavra. (DERRIDA, 1991, p. 90).

Esse *eu* ao qual o autor se refere nos faz pensar que, em certa medida, aprendemos a utilizar da iterabilidade desde sempre em nossa língua, afinal, aprendemos a citar, aprendemos a repetir aquilo que vemos ou vimos outros fazerem, a partir do nosso próprio *eu*, que é uma citação. Dizer isso significa dizer que recebemos um nome e passamos a repeti-lo – aprendemos a dizer *eu* e passamos a empregar/repetir essa palavra. Dessa propriedade iterável de rompimento com o contexto original, enunciados carregados de violência, injúria e agressão, assim como qualquer outro discurso, surgem. Uma pessoa, muitas vezes, repete com uma determinada pessoa um comportamento, uma fala, que vê em outro contexto. Quando esse *eu* assume um determinado enunciado e passa a fazer uso desse, surge a questão da responsabilidade, sobre o qual discutiremos na seção seguinte.

A questão da responsabilidade

Quando o *eu*, sobre quem falávamos na seção anterior, assume um determinado enunciado e passa a fazer uso dele, surge a questão da responsabilidade do falante. Para Derrida (1991), o problema da fonte ou da origem de um ato de fala está estritamente ligado com a questão da responsabilidade. É nesse sentido que, para o autor,

(...) não se sabe mais onde está a identidade do “locutor” ou do “ouvinte” (visivelmente identificado como *eu consciente*), onde está a identidade de uma intenção (desejo ou não desejo, amor ou ódio, prazeres ou sofrimento) ou de um efeito (prazer ou não prazer, vantagem ou desvantagem, etc.). Eis uma outra razão pela qual há na origem de todo *speech act* sociedades (mais ou menos) anônimas, de responsabilidade limitada, uma multiplicidade de instâncias, senão de “sujeitos”, de significados abertos ao grande parasitismo, tantos fenômenos que o “eu consciente” do locutor e do ouvinte (últimas instâncias da teoria dos *speech acts*) é incapaz de incorporar como tais e, na verdade, faz tudo para excluir. (DERRIDA, 1991, p. 106).

Para autor Derrida (1991), isso significa que os enunciados citados, que se perdem de seu contexto original, têm seu valor (re)estabelecido conforme sua utilização por cada sujeito. Na formulação dessa ideia, Derrida (1991) fala sobre o sujeito enunciatador, referido por diferentes recursos linguísticos, como a utilização desse *eu*, primeira pessoa, na oralidade e sua assinatura na escrita. Para o autor, nesse sentido, o que importa realmente na questão da comunicação não é o meio de transporte do discurso (oralidade ou escrita), nem sequer a real intenção do falante ou sua assinatura, interessa, pois, a legitimidade do enunciado que é justamente sua capacidade de ser repetível. Assim, Derrida (1991) mostra que as escolhas discursivas do sujeito estão no campo do indecidível, devido ao fato de o sujeito não ser plenamente consciente e não ter total domínio de suas intenções. Segundo o autor, existem diversas dificuldades quando se trata da responsabilidade do sujeito e seu ato de fala, por isso, para ele, a responsabilidade fica nesse campo o qual chama de campo do indecidível, uma vez que

(...) esse indecidível abre assim o campo da decisão ou da decidibilidade. Exige a decisão na ordem da responsabilidade ético-política. É mesmo sua condição necessária. Uma decisão só pode advir além do programa calculável que destruiria toda responsabilidade transformadora em efeito programável de causas determinadas. Não há responsabilidade moral ou política sem essa prova e essa passagem pelo indecidível. Mesmo se uma decisão parece só tomar um segundo e não ser precedida por nenhuma deliberação, ela está estruturada por essa experiência do indecidível. (DERRIDA, 1991, p. 155; 156).

Ao articular as perspectivas discutidas até aqui em relação a linguagem como forma de ação no mundo, parece-me equivocado encarar a violência linguística como mero resultado do caráter injurioso de certas formas linguísticas. Digo isso porque vemos, conforme Derrida (1991), que a linguagem funciona através de contínuos processos de deslocamento, repetição e citação de enunciados em diferentes contextos. Com isso, acredito que possamos olhar sob a perspectiva de que os elementos envolvidos da (re)produção de sentidos violentos na/pela linguagem, em práticas interacionais situadas, dizem respeito aos efeitos performativos de determinados atos de fala. Tais atos de fala, ao serem pronunciados, evocam e atualizam contextos cujos significados sociais são violentos e levam suas vítimas a ocuparem um lugar

de vulnerabilidade/precariedade/abjeção. Esses lugares surgem a partir da ação de sujeitos com certas atividades específicas, como é o caso da violência e, em nosso caso, o *bullying*.

Nesse sentido, ao discutirmos a respeito dos efeitos da injúria verbal, o *culpado* por esta é aquele que a profere, aquele que através da sua fala realiza a ação de ofender, insultar ou degradar o outro. Também nessa linha de raciocínio, Butler (1997), tal qual Derrida (1991), acredita que o discurso violento é também citacional e que esse caráter apresenta uma série de consequências. A autora também diz que afirmar que a fala de ódio é citacional não consiste em negar a responsabilidade do falante. Isso quer dizer, pois, que o sujeito faz uso de uma determinada fala injuriosa é responsável por ela, embora não seja ele a origem desse discurso. Para Butler (1997),

Se a fala de ódio é citacional, isso significa que quem a utiliza não é responsável por esse uso? (...) Eu afirmaria que a citacionalidade do discurso pode ser eficaz para acentuar e intensificar nosso sentido de responsabilidade por ele. Aquele que diz a fala de ódio é responsável pela maneira em que tal fala é repetida, por revigorar tal fala, por estabelecer contextos de ódio e injúria. A responsabilidade do falante não consiste em reconstruir a linguagem *ex nihilo*, mas antes em negociar as heranças de uso que restringem e possibilitam esse discurso do falante. (BUTLER, 1997, p. 27).

Nesse sentido, Butler (1997) nos mostra que o enunciado não deve ser compreendido como um ato [único e singular, mas sim como uma prática iterável e citacional em que o discurso produz os efeitos que nomeia. Portanto, analisando as implicações da noção de sujeito no que diz respeito a sua responsabilidade pelo ato de fala, é desafiador tentar estabelecer a origem de um ato de fala no sujeito que o enuncia. Na perspectiva de Butler (1997), a responsabilidade vem da força da ruptura com a intenção de comunicação. Por esse motivo, a partir do que a autora argumenta, vemos que tratar o sujeito como origem da causa e da intenção do ato de fala violento não abriria espaço para uma análise mais ampla de como a linguagem produz violência, como é o nosso caso com o *bullying*.

Sendo todo enunciado iterável, o *bullying* não pode fugir da mesma questão. Um ato de fala que caracteriza o *bullying* é sempre iterável, está sempre citando outras falas e é atravessado por inúmeras cargas de significados diferentes. A repetição da fala violenta contra as vítimas de *bullying* caracteriza-se como uma fala com efeitos somáticos, que vão acarretando novas e mais intensas consequências. Quando falamos de repetição no *bullying*, estamos falando tanto da questão da iterabilidade, dessa citacionalidade própria do discurso, como temos visto, quanto da questão da constante repetição de um determinado enunciado

contra uma vítima específica, como podemos ver no relato anônimo, com o qual já tivemos contato, quando a pessoa fala que:

(13) e nessa escola eu passei por muita coisa e... pessoas iam na minha casa me ameaçar por fofocas que alguém contou. Criavam histórias sobre mim, e assim... Era uma perseguição diária. Eu pedi minha mãe, implorei minha mãe pra mudar de escola. Eu mudei de escola e as coisas não melhoraram. Nessa outra escola eu continuava gordinha, então continuava esse problema pra eles. (ANÔNIMO).

Não apenas com esse exemplo, mas no relato de todas as vítimas sobre as quais estamos discutindo, percebemos que mesmo que o discurso seja o mesmo, esse sujeito carrega em si efeitos somáticos, acumulados a cada cena de violação à qual é submetido. Para entender do que estou falando, caminhemos adiante seção a fim de discutir as consequências do *bullying* de acordo com a crítica derridiana ao performativo de Austin.

Iterabilidade, performatividade e *bullying*: o que fazemos com a linguagem e a questão da intenção

Existem inúmeros aspectos que geram controvérsia entre Austin (1962) e Derrida (1991), ganhando destaque o problema da construção de sentido em relação a performatividade e a intencionalidade, que mobiliza também os conceitos de comunicação e iterabilidade. Na visão derridiana, o autor critica a questão de que a comunicação performativa se torna a comunicação de sentido intencional, mesmo se esse sentido não possuir referente na forma de uma coisa ou de um estado de coisas anterior ou exterior. As acepções iniciais de Austin na construção de sua teoria são, para Derrida (1990), coerentes aos critérios elencados que elenca. No entanto, para Derrida (1990), a partir da segunda conferência Austin começa a se complicar com sua teoria, quanto percebe que as condições de felicidade não funcionam como lei para o performativo. Ao longo da construção da teoria da performatividade, Austin (1962) vai deixando alguns pontos de lado em suas considerações e é Derrida (1991) quem retoma algumas dessas exclusões. Segundo Derrida (1991), uma das exclusões austinianas na construção de sua teoria é justamente a questão da possibilidade de todo enunciado performativo, assim como qualquer outro, poder ser citado. Em sua argumentação, Derrida (1991) diz que um enunciado performativo não seria possível de

ocorrer sem o que o autor chama de revestimento citacional. Para o autor, então, um enunciado performativo só pode ocorrer se de fato nele não fosse identificável qualquer forma de citação. Ele ainda diz que

É por isso que existe uma especificidade relativa, como diz Austin, uma “pureza relativa” dos performativos. Mas esta pureza relativa não se eleva *contra* a citacionalidade ou a iterabilidade, mas *contra* outras espécies de interação no interior de uma iterabilidade geral que faz estragos na pureza pretensamente rigorosa de qualquer acontecimento de discurso ou de qualquer *speech act*. (DERRIDA, 1990, p. 369).

A partir desse ponto, vale lembrar que não apenas na visão derridiana, mas nas teorias da significação de um modo geral, a noção de intenção opera de acordo com a *espiritualização* (Silva, 2013), dos conceitos. A esse respeito, Silva (2013) fala que quando não se quer, ou não se pode explicar o surgimento de um enunciado em sua interação social, apela-se para uma noção, segundo ele, interior e espiritual – como a noção de intenção. Olhando para esse ponto e para o que nos fala Derrida (1991), podemos questionar: quando um sujeito cita, ele tem a intenção de fazer/promover aquilo que fala? Para tentar responder tal questionamento, pensemos em alguns pontos.

Primeiramente, de acordo com Derrida (1991), a propriedade discursiva de ruptura minimiza, por um lado, a força da intenção do sujeito que produz/reproduz determinado enunciado. No entanto, por outro lado, essa mesma força da ruptura enfatiza sobre a vítima. Isso significa dizer, nos termos de Butler (1997), que quando a interpelação tem a intenção de ser prejudicial, ela exerce sua força sobre o que prejudica. Nesse sentido, podemos dizer que a linguagem não funciona, em primeira instância, a partir de uma intenção comunicativa ou de representação, mas sim como o exercício de uma influência efetiva que se faz sobre o outro.

Em segundo lugar, podemos dizer que a intenção é algo que faz parte do meio social. No entanto, a transparência dessas intenções – para si e para o outro – é um problema para as questões que envolvem a linguagem e, também, a violência. Uma parte desses problemas tem a ver com o uso da linguagem, através do uso das palavras, e outra no agir de acordo com tais palavras, isso porque, como já vimos em Derrida (1991), há uma ruptura entre a linguagem e a intencionalidade do falante. A ruptura, a possibilidade de citação, demonstra que o enunciado é independente em relação a consciência e intenção do falante.

Um terceiro ponto a ser levado em consideração é a questão de que ainda que a teoria austiniana pressuponha a existência de um sujeito, esse, segundo Silva (2017), não possui

mais o domínio pleno sobre a significação a ser intencionalmente transmitida ao ouvinte. Derrida (1991), a esse respeito, também nos mostra que a noção de sujeito intencional se deve a noção austiniana de *uptake*, que diz respeito a possibilidade de o ato ilocucionário também estar ligado a produção de certos efeitos no ouvinte. Isso significa dizer que em qualquer situação de fala não há exatamente um *controle* do sujeito falante sobre sua intenção, já que ela se realiza justamente através do *uptake*.

Partindo desses pontos, podemos ver como para Derrida (1991) a intencionalidade, desde a visão austiniana, está relacionada aos pensamentos e sentimentos do locutor. Essa intencionalidade é mobilizada em três momentos de sua teoria, sendo 1) como um elemento constitutivo da performatividade; 2) como um valor ilocucionário específico no conjunto de forças possíveis e 3) como uma pretensão perlocucionária satisfeita ou contrariada. Dessa forma, com a crítica derridiana do performativo conseguimos perceber que estamos abordando duas visões ao mesmo tempo contrárias e complementares, como em Austin, que mostra como o ato de fala atualiza sua força no momento em que ele acontece, o que não significa que ele seja destituído de história, mas ao contrário: sua força vem do rito, da história de sua fórmula; e Derrida (1991) mostra essa questão com precisão ao discutir a noção de rito como fundadora da noção de ato e mostrando, em sua argumentação, que é a iterabilidade própria ao rito que aciona a citacionalidade necessária para o funcionamento do significante.

Essa complexa discussão em torno da intencionalidade mostra-nos, segundo Silva (2017), que a centralidade de seu reconhecimento consiste em significados pragmáticos

Com isso, o autor nos mostra que as intenções podem ser reconhecidas, mal interpretadas, reformuladas, entre outros. Isso significa dizer que, em diversas situações, os papéis que os interlocutores ocupam acabam por ser mais decisivos do que as intenções individuais propriamente. Silva (2017), aponta que as intenções são, geralmente, feitas e refeitas na história natural e no futuro dos discursos. Ainda, nesse sentido, a renegociação das intenções não significa que as intenções não participem da produção do significado indireto de palavras prejudiciais.

Nessa lógica, ao articular as perspectivas discutidas até o momento, em relação a linguagem como forma de ação e da maneira a qual a performatividade funciona, parece-me ser mais ponderado olhar esses referidos enunciados, que (re)produzem a violência na/pela

linguagem como sendo práticas enunciativas situadas, nas quais o efeito performativo de determinados dizeres produz uma atualização de contexto – iterabilidade – gerando significados socialmente violentos. Nesse mesmo sentido, Campagnon (2007) defende que a citação é sempre questão de discurso, de enunciação; não há citação que engaje apenas o enunciado, que se libere dos sujeitos da enunciação e que não tenha intenção de persuadir.

O que iterabilidade e *bullying* têm a ver?

Os dizeres violentos, como já sabemos, deslocam o interlocutor para um lugar de vulnerabilidade, precariedade, abjeção. Esses dizeres, podemos inferir, são violentos devido a sua iterabilidade e sua citacionalidade, ou seja, devido a sua ruptura com o contexto original e sua utilização em outro contexto. Ainda, tais discursos violentos o são por conta das intencionalidades envolvidas na situação de interação entre os sujeitos, como no *bullying*, direcionado do agressor para a vítima. Tais contextos, agora, podemos perceber que são produto da ação de agentes sociais de atividades específicas, no nosso caso, o *bullying*. É nesse sentido que, aqui, abordamos a complexa relação existente entre iterabilidade e *bullying*, ao passo em que o último é decorrente de uma problemática (como vimos) relação de intencionalidade.

Olhando sob tal perspectiva, observando atentamente os processos de contextualização que compõem a presente pesquisa, o fato de que o discurso violento desloca, como dito acima, a vítima, pode ser exemplificado através de casos como os que Laryssa relata. Laryssa é uma jovem de 24 anos de idade, também estudante universitária, branca, heterossexual e de origem humilde. Seu depoimento foi gravado em espaço aberto e durou cerca de quinze minutos. Em sua fala, um dos diversos pontos interessantes a ser pensado, ao qual a jovem atribui grande relevância, é a questão de como as pessoas, de modo geral, tratam as crianças e como não dão a devida atenção aos casos de apelidos, agressões verbais e físicas, apelidos maldosos, entre outros, e que de certa forma esse comportamento acaba por encorajar atitudes de *bullying* em certo nível. Ela fala que

(14) As marcas que a gente fica é... por exemplo, quando eu era criança, eu era uma criança muito mais comunicativa. Eu falava com todo mundo, conversava com todo mundo, o tempo todo, e depois disso a gente fica mais fechado né?! Eu ainda sou bem comunicativa, mas é que você demora um tempo pra você conversar com uma pessoa,

ser mais aberto à pessoa. Você fica mais fechado porque cê não sabe o que a pessoa pode fazer, o que ela pode te julgar, porque ela pode te julgar, então você fica mais receoso, com o pé atrás, sem querer – principalmente hoje – falar da vida da gente. A gente quer ficar fechado quanto a isso. (LARYSSA)

Nessa parte do relato, Laryssa retrata bem a questão do quando a jovem fala sobre sair do lugar de *criança comunicativa* para *a gente fica mais fechado*. No caso dela, o deslocamento a colocou em uma posição de introversão, consequência do *bullying*, efeito iterável da violência que sofria na época da infância e da adolescência. Laryssa mostra que deixou de confiar nas pessoas, principalmente para diálogos, por medo do julgamento que o outro faria a respeito dela e por medo de que esse julgamento fosse violento e colocasse em um não-lugar ainda mais distante da pessoa que ela fora antes de ser vítima de *bullying*. Outras pessoas como Álvaro, mostram um quadro parecido, conforme veremos. Álvaro, um jovem branco, homossexual, 26 anos de idade, estudante universitário, que contribuiu com seu depoimento de forma muito mais espontânea do que os demais, trazendo algumas observações bem distintas em relação aos outros, com uma postura espontânea e segura representadas por sua postura e tom de voz ao falar. Álvaro mostrou uma perspectiva diferente dos demais em relação ao trauma gerado pelo *bullying* em sua vida, principalmente abordando pontos que o motivaram a mudar a partir do que vivenciou. Em um dos trechos de sua entrevista, o jovem relata que

(15) No começo eu... é... No começo eu ficava triste! Até que um dia que eu reagi, eu comecei a brigar com o menino que tinha... que tinha me xingado, fez um monte de coisa comigo. E aí eu peguei e... nós dois, no caso, a gente partiu pra agressão física. E aí, quando eu cheguei em casa, ainda, eu peguei e contei tudo pra minha mãe. Falei “ah, (faz barulhos que representam ele contado para a mãe), eu reagi e tal”. E tipo assim, a escola, professores, diretoria e todo mundo que trabalha ali, eles não ‘tão’ nem aí. Isso é fato! Ninguém tá nem aí! Pode falar que tá, mas ninguém tá nem aí, ninguém liga. (...) Aí... hm... Cheguei em casa, minha mãe me bateu, virou e falou assim: “Isso é pra você aprender a não deixar ninguém fazer nada com você. Porque se ninguém toma providência, então você vai lá e toma, e faz alguma coisa. Não deixe que ninguém te humilha, você não merece isso.”. E aí, depois disso, assim... quando alguém ia mexer comigo, eu pensava mil vezes “por que você tá fazendo isso comigo? Não!”

Então eu, eu deixei de me importar, deixei de trazer pra dentro de mim aquela sensação de inferioridade. (ÁLVARO)

Álvaro relata, bem diferente dos colegas, distintos que o *bullying* trouxe como efeito para sua vida, mas é extremamente cuidadoso na forma como relata sua experiência, contando outras histórias para mostrar que nem todos têm sobre si os mesmos efeitos que ele. Em seu relato, Álvaro mostra como usou da violência que sofreu para trabalhar em si mesmo mudanças que o tirassem daquele lugar deslocado. Outro ponto a ser observado é que Álvaro passa o depoimento todo tentando transparecer uma pessoa segura, confiante de si, mas acaba se contradizendo em alguns pontos, como quando fala, primeiro, que não se importa com o *bullying* e em seguida fala que *é impossível não ligar completamente pra esse tipo de ação*. Ou seja, mesmo aqueles que conseguem tirar algo de positivo de uma situação violenta, como motivação para mudar algo em sua vida, de certa forma foram, em algum momento, deslocados para o lugar de vítima, o lugar de quem sofre e sente as consequências da violência, como todas as pessoas – vítimas – sentem, e que ele mesmo relata quando fala sobre ser impossível não se importar com a situação.

Outro relato do nosso grupo de análise, que mostra cenas do *bullying* e no qual a vítima mostra como se sente deslocada é de alguém anônimo porque essa pessoa relata que ainda hoje não vive uma situação de superação de tudo o que viveu, transparecido principalmente na maneira como a jovem relatara sua história, com muita emoção, comoção e nervosismo em diferentes trechos. A vítima anônima relata que

(16) E já aconteceu de pedirem a chave ao professor da sala, e o professor dar a chave pros alunos e no final da aula me trancarem sozinha na sala, eles irem embora e eu ficar uma ou duas horas chorando dentro da sala, esperando alguém abrir, porque o professor não se deu ao trabalho de avisar que eu tava na sala. E... professores faziam piadinha e as vezes eu tava na sala e já aconteceu de 'fincarem' um lápis no meu braço, passarem o estilete e falar "ops...", e puxarem o meu cabelo, e me baterem, e fazerem várias coisas do tipo e eu simplesmente não saber o porquê. E quando eu perguntava o motivo daquilo, eram respostas do tipo "ah, você é gorda", "ah, não gosto de você, ninguém gosta de você". Isso me traumatizou muito. Foram anos aguentando isso, ficando trancada no banheiro e não poder fazer educação física, porque todo mundo ficava apontando e rindo. Eu desenvolvi transtornos alimentares, perdi muito peso e arrisquei muito a minha saúde por causa disso. E as brincadeiras continuavam, porque

acho que o problema era eu. E com isso eu desenvolvi depressão e síndrome do pânico, crise de ansiedade. Eu não consegui terminar o meu ensino médio porque eu tentei cometer suicídio, porque eu não tava aguentando mais. Eu tive que sair da escola. Até hoje isso é uma coisa que me persegue. (ANÔNIMO).

Em depoimentos como acima em (16), podemos perceber através da forma (principalmente) angustiante (que se pode observar no documentário em vídeo) que a jovem, diferente dos demais depoimentos que vimos, nos quais as vítimas relatam algum episódio de virada de superação, relatam que sentem as consequências do *bullying* até os dias de hoje. Mas então, o que há de comum entre depoimentos que apontam para consequências tão distintas? Essa é uma pergunta que o aparato teórico que temos visto aqui nos responde com grande facilidade: podemos perceber que o caráter iterável dos discursos performativos aponta para uma força perlocucionária que é capaz de instaurar a injúria, destruindo e produzindo significados e, por consequência, formas de vida desses sujeitos-vítimas. Quando digo *destruindo formas de vida*, estou falando desse deslocamento do sujeito de um lugar, *a priori* mais confortável do que o não-lugar, para o qual ele é levado quando vítima; estou me referindo ao fato de que essas pessoas acabam desconhecendo seu futuro de outra forma, carregam consigo as marcas que a violência produz, criando sujeitos possivelmente muito diferentes daqueles que seriam se não tivessem vivenciado tal experiência. É nesse sentido que, em se tratando de iterabilidade (DERRIDA, 1991), os exemplos apresentados até aqui citam outras abordagens parecidas, deslocadas de outro espaço e tempo, como tratam Butler (1997) e Silva (2012, 2013). Conseguimos perceber que todas as vítimas vivenciaram cenas semelhantes, foram vítimas de discursos extremamente semelhantes quando não idênticos. No momento em que ocorre a injúria, percebemos que as vítimas buscam por pessoas e/ou lugares que, tecnicamente, deveriam ofertar segurança. No entanto, o que vemos acontecer é o oposto, quando outros discursos ecoam, (re)produzindo uma nova violência contra a vítima.

Segundo Derrida (1991), a violência fundadora requisita sua própria repetição para transmitir aquilo que foi fundado num determinado tempo histórico. Em síntese, podemos dizer que a regra da iterabilidade exige a repetição do ato performativo, de forma que seu significado perpetue fora do contexto original. Aqui, portanto, conseguimos ver o quanto um ato de *bullying* é iterável e performativo. Com os exemplos apresentados para análise até aqui, ao longo do texto, conseguimos notar, ainda, certo padrão entre as vítimas. Via de regra, tudo que foge dos padrões heteronormativos, sociais, de beleza, etc, instaurados socialmente, tem

sido gatilho para casos de *bullying*: o pobre, o negro, homossexual, do interior, com cabelo enrolado, muito acima ou abaixo do peso/altura são vítimas em potencial. Esses atos de fala violentos valem-se da iterabilidade para agir performativamente, como quando o *anônimo* afirma que “*E quando eu perguntava o motivo daquilo, eram respostas do tipo: ah, você é gorda*”. Podemos ver em (16) que a vítima relata claramente o fato de tentar resolver seu problema mudando de escola e que, segundo fala, as mesmas formas discursivas a perseguiram. Ou seja, diferentes sujeitos valiam-se do recurso da iterabilidade para utilizar um discurso semelhante para praticar o *bullying*.

Também podemos notar que a iterabilidade em questão atua como um fator propulsor para práticas sociodiscursivas de resistência por parte das vítimas, como quando Ana Luísa, a quem já conhecemos, relata sobre sua forma de superar e conscientizar as pessoas sobre o *bullying*:

(17) Tem um post sobre isso no meu facebook, sobre o marco de um ano dessa transição, e foi aí que eu reparei assim: “cara, eu consegui!”. E terminar aquele texto, que foi um parto pra escrever... eu basicamente vivi todas aquelas emoções e eu... quando eu terminei eu publiquei, eu me senti nova, eu falei assim: “é aqui que eu quero estar”, e... passou! E essa foi a hora que, assim, eu “YES! VIDAAA!”. (Ela abre o post no facebook e mostra para as câmeras) Essa é a foto que, como eu tenho um apreço muito grande por memes, eu decidi basicamente colocar um grande, superando, pra marcar né, essa diferença entre a antiga Ana e a nova, basicamente. É tão engraçado que... a primeira foto, a de cima, teve tipo uma superprodução pra eu conseguir fazer ela. Meu cabelo não ficava certo de jeito nenhum, totalmente espigado. E aí a de baixo foi assim, basicamente eu, de pijama, aí falei assim, Júlia - que é minha irmã - pelo amor de Deus, tira uma foto aqui pra mim, rapidinho. E foi só isso! E... era tão importante, antes, que eu estivesse arrumada, com a aparência perfeita, e que tudo parecesse certo... agora isso é tão... tão fácil! Não tem muito o que pensar sobre o que ser e como eu devo parecer; é só natural, é só eu mesmo. A única coisa que eu queria acrescentar é que nunca banalizem o bullying, ele é real, é muito dolorido pra quem sofre, e que então nunca tente menosprezar o sentimento de alguma pessoa que tá passando por isso, porque... é foda! (ANA LUÍSA).

Através do depoimento de Ana Luísa, percebemos essa prática sociodiscursiva de resistência mencionada acima com o trecho em que ela fala sobre sua atitude encorajadora de

falar sobre o assunto em sua rede social, o *facebook*, fazendo uma postagem sobre o marco de sua transição de vítima para a superação. A jovem relata que reviveu todas aquelas emoções ao escrever seu texto, o que, sabe-se de acordo com os termos de Butler (2010) que consiste em uma forma de prática da resistência à violência, ao *bullying* no caso em questão. Outro momento de sua fala que deixa nítido seu posicionamento atual, após superar suas vivências enquanto vítima e que demonstra mais uma vez sua atitude de resistência está no fim de seu depoimento, quando ela finaliza pedindo para que as pessoas não menosprezem o *bullying* e os sentimentos que surgem a partir e por causa dele nas vítimas.

Entre inúmeras motivações, o *bullying*, tanto quanto outras formas de violência, é delineado a partir da produção normativa do sujeito, que é um processo de iterabilidade – as normas são repetidas, se naturalizam histórica e socialmente, enquanto, segundo Butler (1997), princípios morais são tomados como base, como gatilho para promover a violência. Os discursos (re)produzidos pelas vítimas que compõem nosso grupo de análise evidenciam que, quando à cena do *bullying*, além de experienciar o deslocamento ao não lugar que mencionamos acima, sofreram uma deslegitimação de sua própria identidade, como quando Ana Luísa conta em (16) que se forçava a ser alguém que não era na tentativa de se encaixar em um padrão socialmente estabelecido, quando na verdade, como ela mesma acaba percebendo tempos depois, é muito mais simples, é sua identidade, ser quem ela realmente era, sem forçar sua personalidade para buscar aceitação em um determinado grupo. A iterabilidade da prática do *bullying*, sob suas diversas manifestações – mais opacas ou mais notáveis discursivamente – trouxeram à cena ações de reexistência, abalando e modificando estruturas corpóreas e psíquicas mais ou menos vulneráveis.

Em relatos de *bullying* como os casos abordados até aqui e nos que veremos abaixo, nota-se que essa iterabilidade da violência é, de certo modo, velada, silenciosa, invisível. Ela ocorre através da não-ação – “não falaram nada, não ligaram” – ou com a falta de empatia por parte daqueles que deveriam ouvir e auxiliar nesse tipo de situação, fato que também contribui com a ocorrência dessa violência. O não ouvir, o negligenciar, é também um agir violento, iterável e performativo, dado seus efeitos sobre as vítimas. Vejamos, a seguir, três casos que representam o que estou argumentando aqui. Primeiramente, o caso de Ana Luísa:

(18) *Então... eu tive amigos que sofreram bullying de uma forma muito severa e se suicidaram. E aí? (choro). Então... eu fico muito feliz quando eu vejo pessoas falando*

de bullying cada vez mais, porque evitam disso acontecer de novo; porque a gente não tem dimensão de quanto a gente vai se anulando aos poucos e quanto a gente merece viver, ou de que a vida é uma coisa boa. A gente só quer que o sofrimento acabe. E as vezes não viver é a forma que a pessoa encontra de parar de sentir dor. Então, assim... nunca não confrontar o bullying, nunca não confrontar o agressor é uma coisa boa. (ANA LUÍSA).

Em (18) percebemos que Ana Luísa é muito insistente em sua prática de resistência ao *bullying*. Em grande parte do seu depoimento, mesmo quando fala emocionada a respeito de sua experiência. Na mesma linha de pensamento, temos outro trecho de relato de Laryssa:

(19) É brincadeira de criança? É criança implicando com criança... era muito estranho porque... toda essa teoria que tem de criança... é muito... “ah, é pura, é brincalhona”... as pessoas não sabem como criança pode ser má, pode fazer coisas ruins... Eu acho que talvez nem é da essência da criança, mas aquilo que ela vê em casa, que os pais fazem ou que veem outros pais fazendo, reproduz muito. Com criança é muito mais difícil de entender. (LARYSSA).

É notável a crítica que fazem todas as vítimas ao fato de que os adultos não reconheciam o *bullying* enquanto violência. Além disso, temos Álvaro, a quem conhecemos recentemente, falando no mesmo sentido:

(20) Ninguém tá nem aí! Pode falar que tá, mas ninguém tá nem aí. Ninguém liga. As pessoas gostam de fazer bullying... ah... por fazer. Pela, talvez, pressão social, de amigos, de querer fazer algum tipo de gracinha, ou até acho que de autoafirmação no meio de uma sala, no meio dos amigos. Então sempre gostam de menosprezar alguém ou procurar... eu não digo defeito, mas procurar talvez alguma coisa que a pessoa se sinta incomodada, que sabe que vai machucar, pra poder mexer com a pessoa. Então, ah... no meu caso, por exemplo, de que eu era muito gordo, eu era obeso, e aí sempre ficavam ah... “baleia”, “chupeta de baleia”, “ó o gordinho ali”, não sei o que... Aí se qualquer... gesto que você fazia falavam assim... “a lá, tá fazendo ballet”, “bichinha gorda fazendo ballet”, “se achando Bila Bilu”, e aí quanto mais você reagia... talvez triste, talvez de maneira negativa, se você expressasse que não tava feliz, era mais... era mais intenso o tipo de xingamento, era mais intenso o jeito que eles gostavam de

menosprezar, era mais pejorativo os tipos de chamado. Era bem... bem complicado. (ÁLVARO).

De diferentes maneiras, a partir dos dados apresentados, a iterabilidade se fez presente nas situações relatadas acima, a cada discurso utilizado em diferentes contextos contra outras ou as mesmas vítimas, pelo mesmo ou diferente agressor. Vemos isso com os enunciados utilizados para agredir as diferentes vítimas em diferentes instâncias e motivações, como Álvaro relatando a forma com a qual era agredido por estar acima do peso.

Aqui, no entanto, o que nos chama a atenção é a questão de como, de formas distintas, a violência se fez presente também pela não-ação daqueles que foram solicitados como alguém capaz de tirar a vítima do seu não-lugar. O fato de pessoas, teoricamente em posição de privilégio, com o poder de prestar auxílio às vítimas, não fazerem nada em relação à situação do *bullying* é algo comum visto em todos os depoimentos que compõem nosso grupo de análise. Em todos os casos, as vítimas relatam ter pedido algum tipo de ajuda em algum momento e não terem sido atendidas, levadas em consideração.

É nesse sentido que a iterabilidade em questão tornou o *bullying* algo cultural: quando uma vítima reclama e ninguém age em sua defesa; quando um discurso é reconfigurado em outro contexto, no qual a intencionalidade da ofensa se faz presente; como quando as vítimas – e até outras pessoas – falam sobre o assunto e precisam lidar com pessoas que dizem ser o *bullying* uma imaginação da vítima, porque se tratam, segundo eles, de discursos *normais*. Sendo assim, para entendermos mais sobre essa questão do *bullying* enquanto uma cultura violenta, caminhemos para a próxima seção, onde discutiremos as noções de *campus* e *habitus* a partir de Pierre Bourdieu para nos auxiliar nessa discussão.

CAPÍTULO 4

BULLYING: PERFORMANCE VIOLENTA E AS NOÇÕES DE HABITUS E CAMPO EM PIERRE BOURDIEU

Como um coletivo lida, afinal, com sua vulnerabilidade à violência? (BUTLER, 2019).

PLANO DO CAPÍTULO

Os estudos a respeito de linguagem e a cultura do *bullying* têm ganhado espaço e visibilidade nas discussões acadêmicas, sobretudo nas ciências humanas. Na mesma medida, as teorizações a respeito das ideologias relacionadas a esses desenvolveram problematizações e preocupações centrais nas discussões. Um dos pontos cruciais e de grande discordância é a questão das diferentes concepções de realidade social que, como veremos ao longo deste capítulo, implicam diretamente em nossas análises. Para tanto, este quarto capítulo propõe um panorama a respeito dos conceitos de *habitus* e campo (BOURDIEU, 2012), importantes para entender a realidade social, desenvolvendo a relação da violência, especialmente do *bullying*, com essas noções, com o objetivo de mostrar como os casos que compõem nosso quadro de análise exemplificam e dialogam de perto com a teoria. Para tanto, vamos adiante.

No final da seção anterior, falamos sobre o fato de o *bullying* ter se tornado uma prática cultural no Brasil. Para Bourdieu (2005), existem duas posturas principais com relação conceito de cultura, no qual, segundo o autor, por um lado a cultura e todos os sistemas simbólicos (dentre eles a linguagem) é responsável por um consenso quanto ao significado dos signos e quanto ao significado do mundo. Por outro lado, a cultura e os sistemas simbólicos, são considerados, de forma feral, instrumentos de poder, ou seja, de legitimação da ordem vigente.

Mas por que evocar tal questão a essa altura das nossas discussões? Ora, para responder como o trajeto do autor visa

(...) aliar o conhecimento da organização interna do campo simbólico – cuja eficácia reside justamente na possibilidade de ordenar o mundo natural e social através de discursos, mensagens e representações, que não passam de alegorias que simulam a

estrutura real de relações sociais – a uma percepção de sua função ideológica e política a legitimar uma ordem arbitrária em que se funda o sistema de dominação vigente. (BOURDIEU, 2005, p. 14).

Dessa forma, para Bourdieu (2005), a organização do mundo e o estabelecimento de um consenso a seu respeito constitui uma função lógica necessária que permite à cultura dominante, de uma formação social, cumprir sua função político-ideológica. O autor se detém na ideia central de que a organização interna dos sistemas de classificação obedece a um modelo socialmente estabelecido. Bourdieu (2005) assume uma postura em que, segundo ele, as interações simbólicas não dependem apenas da estrutura do grupo no qual se realizam, como também de estruturas sociais em que se encontram inseridos os agentes em interação – a estrutura das relações de classe. Na visão do autor, o sentido de um elemento linguístico depende tanto de fatores extralinguísticos como de fatores linguísticos, ou seja, do contexto e da situação em que este elemento é utilizado. Até o momento, as afirmações de Bourdieu (2005) vão ao encontro do que temos visto em Austin (1970) e Derrida (1990) – ponto que retomaremos mais adiante.

Bourdieu (2005), em seu posicionamento crítico, começa a dialogar com a questão da reprodução, que requer um modelo dinâmico, capaz de correlacionar o domínio das estruturas ao domínio das práticas através do *habitus*. Dentro do campo das ciências humanas, o conceito de *habitus* tem uma grande trajetória. Trata-se de uma palavra de origem latina, utilizada inicialmente pela tradição escolástica. A noção de *habitus* está ligada à noção grega de *hexis*, utilizada pelo filósofo Aristóteles para se referir às características do corpo, de comportamento, adquiridas em um processo de aprendizagem. Dentre os estudiosos que utilizaram o conceito de *habitus* em suas discussões, está Durkheim (1905), que empregou o termo fazendo uso de forma um pouco mais explícita, para designar um estado geral dos indivíduos, interior e profundo. Assim, aproveitando das discussões propostas por outros antes de si, Bourdieu (1983) retoma o conceito de *habitus* sob uma ótica diferente, propondo um problema sociológico.

Na visão do autor, a noção de *habitus* se refere aos esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados), os quais constituem sua cultura, ou melhor, seu modo de ser dado contexto em que está inserido (BOURDIEU, 1983). Nesse sentido, *habitus* pode ser entendido como (...) um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65). Através do que o autor

nos apresenta, então, percebemos o *habitus* como um princípio operador que leva em conta a interação entre dois sistemas de relações, as estruturas objetivas e as estruturas práticas. O *habitus*, segundo ele, completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, do mesmo modo que as práticas dos sujeitos constituídos por um *habitus* exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas. Portanto, caminhemos adiante para entendermos melhor como essa noção se aplica às nossas discussões.

Amplamente falando, vemos que a noção de *habitus* (BOURDIEU, 1991) é entendida como a principal força que impulsiona a ação social. Para o autor, uma grande parte das ações sociais que desempenhamos em nosso cotidiano são determinadas pelo nosso *habitus*, ou seja, nossas ações são pré-determinadas por um conjunto de disposições internalizadas, semiconscientes e semi-intencionais, as quais fazem com que nós façamos determinadas coisas em lugar de outras. No que diz respeito à violência, a visão de Bourdieu (1991) nos mostra que questões ligadas ao *habitus* podem ter um papel importante e influente na reprodução da desigualdade social. Olhando com mais atenção para o *habitus* linguístico, podemos perceber um uso de variações linguísticas em cada contexto específico que, para aquele campo, é um contemporâneo esperado.

Dada a indicação do autor de que a linguagem é, de certo modo, constitutiva de realidades sociais, Bourdieu (1998) mostra que essas (entre outras) são indicações claras de que os enunciados são dirigidos por um *habitus* que é socialmente estabelecido. Com isso, o autor nos mostra que esses enunciados não são movidos por uma deliberação totalmente consciente e que as intenções dos sujeitos têm, com efeito, pouco controle sobre a ação linguística.

Uma compreensão possível

Para aprimorar a compreensão da noção de *habitus* e o ponto em que esse conceito se aproxima do que temos tratado até aqui, outros aspectos precisam ser discutidos. Para chegarmos as conclusões esperadas, precisamos tratar também da noção de campo associada à de *habitus*. O conceito de campo também faz parte da obra de Pierre Bourdieu e consiste em uma noção que traduz concepção social do autor. Conforme suas palavras, campo seria, básica e resumidamente, um espaço de relações/interações entre grupos com diferentes posicionamentos sociais. Para o autor, nesse sentido, o campo é, também, um espaço de

disputa de jogo de poder. Na concepção de Bourdieu (1992), a sociedade em si é composta por vários campos, vários espaços dotados de uma certa autonomia, regidos por suas próprias regras. Para entender, ainda, do que o autor fala, é necessário que se entenda a interdependência entre os conceitos de *habitus* e campo.

Para Bourdieu (1983), os conceitos de *habitus* e campo se inter-relacionam em relação às determinações imediatas da situação. O *habitus*, segundo o autor, se desenvolve no campo. Para ele, o campo é um lugar com situações novas e imprevistas, o que exige uma necessidade de adaptação do *habitus*. Ainda, para o autor, a situação é, em certa medida, a condição que permite a realização de um determinado *habitus*. De forma geral, então, o conceito de *habitus* tem a ideia de identificar a mediação entre o sujeito e a sociedade, e essa é uma das questões centrais nas discussões propostas por Bourdieu (1992). Segundo o autor, a noção de *habitus* emerge nas discussões como uma concepção que dá conta de conciliar a oposição entre as realidades exteriores e individuais. Para Bourdieu (1992), o *habitus* não é um destino, como se vê, às vezes. Sendo produto da história, consiste em um sistema de disposição aberto, que é incessantemente confrontado por experiências novas e, assim, incessantemente afetado por elas. (BOURDIEU, 1992, p. 108).

Dizer isto, então, implica dizer, conforme o autor, que a noção de *habitus* é compreendida como um sistema de esquemas individuais, constituído socialmente de disposições estruturadas e estruturantes – estruturadas no que se refere ao social e estruturantes no que diz respeito a mente. Além disso, nos termos de Bourdieu (1992), o *habitus* é adquirido nas e pelas práticas de cada sujeito. Em um todo, pensar essa complexa relação entre o sujeito e a sociedade, baseando-se na noção de *habitus*, está diretamente ligado a questão de que o lado pessoal, o individual e o subjetivo são, ao mesmo tempo, sociais e coletivamente instrumentados. É nesse sentido que Bourdieu (1992) afirma que o *habitus* é uma subjetividade socializada (BOURDIEU, 1992, p. 101).

Para exemplificar a questão dessa subjetividade socializada, podemos olhar para como as vítimas desse estudo narram o *reforço* dado aos agressores – seja por encorajar ou pelo simples fato, como já mencionado no fim da seção anterior, de não fazerem nada quando a vítima pede socorro. No caso de Álvaro, podemos retomar o exemplo (19), quando ele fala que “Ninguém tá nem aí! Pode falar que tá, mas ninguém tá nem aí. Ninguém liga. As pessoas gostam de fazer bullying... ah... por fazer. Pela, talvez, pressão social, de amigos, de

querer fazer algum tipo de gracinha, ou até acho que de autoafirmação no meio de uma sala, no meio dos amigos. Então sempre gostam de menosprezar alguém ou procurar... eu não digo defeito, mas procurar talvez alguma coisa que a pessoa se sinta incomodada, que sabe que vai machucar, pra poder mexer com a pessoa”.

A partir do trecho acima, Álvaro nos mostra nitidamente a existência de um campo no qual o *habitus* do *bullying* é algo cultural. Digo cultural nos termos de Bourdieu (2005), como visto no início do presente capítulo, quando trazemos a concepção do autor de que a cultura é considerada um instrumento de poder. Nesse sentido, dizer que existe uma cultura do *bullying* é dizer que esse é um campo em que há uma disputa de poder por parte do agressor sobre a vítima. Além disso, ainda podemos observar casos como o que é relatado no depoimento anônimo:

(20) Creio eu que o fato de ser gordinha colocou um alvo nas minha costas e... sei lá... irritava as pessoas o fato de eu não ser igual a elas. E já aconteceu casos de eu ver alguém sofrendo bullying e eu não conseguir ficar quieta porque eu acho que ninguém merece isso e... puxaram a cadeira de uma menina, ela caiu e machucou as costas. Eu ajudei ela e no final da aula ela se juntou com as meninas que machucaram ela pra me bater. Porque as meninas não gostaram de eu ter ajudado ela e ela queria enturmar com as meninas. Então foram 5 meninas me batendo, da escola até na minha casa; e puxaram meu cabelo; e me arranharam e... me machucaram... muito. E pessoas viram, adultos viram, e ninguém fez nada. Eu tinha 11 anos. E isso foi uma coisa que me magoou muito (...). (ANÔNIMO).

Com o depoimento anônimo, mais uma vez percebemos o *bullying* como uma prática de grupo e uma prática cultural. Ou seja, estamos falando de um *habitus* característico de um determinado campo – nesse caso, conforme mencionado, estamos falando da escola, lugar em que o *bullying* está predominantemente presente. Podemos falar de cultura também no sentido de que a prática do *bullying* é algo que está tão presente no senso comum que acaba – infelizmente – de certa forma se tornando uma prática corriqueira. Ainda, a esse respeito, chama a atenção o fato de que, conforme relatam as vítimas em questão, existem pessoas às quais recorrem as vítimas, sem sucesso. Esses, e também os outros casos analisados, nos mostram como o agir do agressor é um *habitus* fortemente influenciado no Brasil, seja por apoio de colegas, trazendo uma agressão coletiva para a cena, mostrando seu enraizar na cultura do país.

É nesse sentido, então, que quanto mais se têm atitudes que *estimulam* tal prática, mais o *habitus* do *bullying* se torna cultural. Com isso, concordamos com a afirmação de Bourdieu (2012) de que a noção de *habitus* possui várias propriedades e que essa é uma noção importante para lembrar da questão de que os agentes têm uma história, eles são produto de uma história. Isso implica em dizer, nos termos do autor, que esses sujeitos também são produto de uma educação associada a determinado campo – além de serem, também, produto de uma história coletiva – assim como, claramente, é também o *bullying*.

Bourdieu (2012) nos mostra que o *habitus* consiste em um sistema aberto, que está constantemente submetido a experiências e, conseqüentemente, se transforma de acordo com essas experiências vivenciadas, consistindo justamente no que temos mostrado a respeito do *bullying*. Dizer isso significa dizer, então, que o próprio *habitus* de uma vítima de *bullying* pode ser modificado por conta do *habitus* do campo em que está inserida, o campo em que sofre essa violência. Em relação a esse ponto, o autor fala que

(...) Vou proceder imediatamente a uma correção: há uma probabilidade, aliás, inscrita no destino social associado a determinada condição social, de que as experiências venham a confirmar o *habitus*; ou, dito por outras palavras, as pessoas terão experiências em conformidade com as experiências que formaram o *habitus* dessas pessoas. (...) O *habitus*, por ser um sistema de virtualidade, só se revela em referência a uma situação. Contrariamente às afirmações que me são atribuídas, é na relação com determinada situação que o *habitus* produz algo. Ele é semelhante a uma mola, mas é necessário um desencadeador; e, dependendo da situação, ele pode fazer coisas opostas. (BOURDIEU, 2012, p. 62).

As explicações e afirmações de Bourdieu (2012), ditas de outra forma, significam dizer que é o *habitus*, de uma forma ou de outra, que constitui/compõe a situação e vice-versa. Segundo ele, cada pessoa, de acordo com o seu *habitus* enxergará certas coisas da mesma maneira – ou não. O *habitus* incentivará cada um a fazer, ou não, certas coisas. O autor fala que se trata de uma relação extremamente complexa, mas que para ele, a totalidade– sujeitos, consciência, etc. – é capaz de pensá-la (BOURDIEU, 2012).

Grosso modo, Bourdieu (2012) fala que o funcionamento de um *habitus* não depende apenas da sua natureza intrínseca, mas do lugar (o campo) onde esse *habitus* é exercido. Ainda, as explicações de Bourdieu (2012) deixam claro que se este campo em questão for outro, um mesmo *habitus* produzirá efeitos diferentes. De certa forma, então, é a noção de campo discutida pelo autor que nos permite pensar nessa descontinuidade. Para o autor, um campo é bastante semelhante a um jogo. Entre ambos, a diferença, segundo Bourdieu (2012) é que o campo é um lugar onde existe uma lei fundamental, com regras, mas onde não há quem

enuncie essas regras. Segundo o autor, cada campo possui suas regularidades, censuras, repressões, etc, sem isso ser propriamente instituído. Isso significa dizer que existe, em cada campo, princípios de organização que são próprios deles. O autor explica, a respeito desse *habitus* como uma ação dizendo que

A ação não é a simples execução de uma regra, a obediência a uma regra. Os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas, não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam. Nos jogos mais complexos (...) eles investem os princípios incorporados de um *habitus gerador*: esse sistema de disposição pode ser pensado por analogia com a gramática gerativa de Chomsky com a diferença de que se trata de disposições *adquiridas pela experiência*, logo, variáveis segundo o lugar e o momento. Esse “sentido do jogo”, como dizemos em francês, é o que permite gerar uma infinidade de “lances” adaptados a infinidade de situações possíveis, que nenhuma regra, por mais complexa que seja, pode prever. (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Para o autor, é nesse sentido que construir a noção de *habitus* consiste. Adotar a noção de *habitus* como um sistema de esquemas adquiridos significa construir o agente social em sua verdade de operador prático de construção de objetos (BOURDIEU, 2012). Para Bourdieu (2012), a necessidade, as condições e os condicionamentos sociais, descobertos até o ponto mais íntimo do sujeito: é no que o *habitus* consiste, é no que ele se constitui. Também nesse sentido é que o autor propõe um modelo da relação entre os *habitus* e os campos. Para ele, esse modelo é uma (e a única) maneira rigorosa de reintroduzir os agentes singulares em questão sem que isso leve a uma *história sem sentido*. Sistemas de disposições – *habitus* – de senso prático e de estratégia estão ligadas ao esforço para sair do objetivismo estruturalista, sem cair – segundo o autor – no subjetivismo.

Essa noção de sistema de estratégia a qual Bourdieu (2012) se refere, funciona como instrumento de uma ruptura com o ponto de vista objetivista e com ação sem um agente suposto pela corrente estruturalista. O autor diz que a noção de estratégia é

(...) produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais. (...) O sentido do jogo não é infalível; ele se distribui de maneira desigual, tanto numa sociedade quanto numa equipe. (BOURDIEU, 2012, p. 81).

É nesse sentido, pois, que a noção de *habitus*, para o autor, como sentido do jogo, é o jogo incorporado, transformado em natureza. Bourdieu (2012) explica que o *habitus* como social inscrito no corpo, no seu biológico, permite produzir uma quantidade infinita de atos de jogo que estão inscritos no jogo, em estado de possibilidades e exigências. Essa comparação com o jogo é feita pelo autor para explicar que

Pode-se falar de jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, *obedece a certas regularidades*. O jogo é o lugar de uma necessidade imanente, que é ao mesmo tempo uma lógica imanente. Nele não se faz qualquer coisa impunemente. (...) Quem quiser ganhar nesse jogo, apropriar-se do que está em jogo, apanhar a bola, ou seja, um bom partido e as vantagens a ele associadas, deve ter o sentido do jogo. (...) O jogo social é regrado. (...) Posso dizer que toda a minha reflexão partiu daí: como as condutas podem ser regradas sem ser produto da obediência a regras? (BOURDIEU, 2012, p. 83).

Então, para responder seus questionamentos em discussão, o autor explica que

Para construir um modelo do jogo que não seja nem o simples registro das normas explícitas, nem o enunciado das regularidades, mas que integre umas e outras, é preciso refletir os *modos de existência diferentes* dos princípios de regulação e regularidade das práticas; há, naturalmente, o *habitus*, essa disposição regrada para gerar condutas regradas e regulares, à margem de qualquer referência a regras; e, nas sociedades onde o trabalho de *codificação* não é muito avançado, o *habitus* é o princípio da maior parte das práticas. (BOURDIEU, 2012, p. 83;84).

Para Bourdieu (2012), o que ele chama de campo consiste nas sociedades que se desenvolvem, cada qual à sua maneira, de forma relativamente autônoma. Nesses campos, nessas sociedades, existe sempre a possibilidade de grandes acontecimentos; estes acontecimentos são, segundo o autor, encontros de séries causais independentes, ligados a esferas de necessidades diferentes, não param de crescer e, desse modo, a liberdade é ministrada por estratégias do *habitus*, levando-se em consideração necessidades de ordem diferente (BOURDIEU, 2012).

Em *Coisas Ditas*, Pierre Bourdieu (2012) explica que algumas noções que ele elaborou, como a noção de *habitus*, nasceram da vontade que ele tinha de mostrar/lembrar que existem outros princípios geradores das práticas, ao lado – ou além – da norma expressa e explícita. Para o autor, é preciso supor que as pessoas obedeçam ao que ele chama de *sentido do jogo* (grifos do autor), para entender as coisas que elas fazem. De acordo com Bourdieu (2012), para compreender as práticas das pessoas em cada campo, é preciso reconstruir o capital de esquemas informacionais que os tornam capazes de produzir pensamentos e práticas sensatas e regradas, como uma forma de obediência a determinadas regras. Essas regras, segundo o autor, dizem respeito ao

(...) *habitus* como sistema de disposições para a prática é um fundamento objetivo de condutas regulares, logo da regularidade das condutas, e, se possível prever – as práticas (neste caso, a sanção associada a uma determinada transgressão), é porque o *habitus* faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias. Dito isto, essa tendência para agir de uma maneira regular (...) não se origina numa regra ou numa lei explícita. É por isso que as condutas geradas pelo *habitus* não têm bela regularidade das condutas deduzidas de um princípio legislativo: o *habitus está intimamente ligado com o fluido e o vago*.

Espontaneidade geradora que se afirma no confronto improvisado com situações constantemente renovadas, ele obedece a uma *lógica política*, a lógica do fluido, do mais-ou-menos, que define a relação cotidiana com o mundo. (BOURDIEU, 2012, p. 98).

E, ainda, Bourdieu (2012) também trata da questão da interação entre pessoas com *habitus* diferentes. Ele diz que para pessoas que fazem parte de um mesmo grupo, pessoas, estas, que possuem o mesmo *habitus*, a fluidez na interação é espontânea. No entanto, quando se trata da interação entre pessoas com *habitus* diferentes, o conflito é uma grande questão. Dito isso, podemos ver que ao se falar de conflito, estamos nos referindo ao grande tema desse estudo, a violência. Ora, é através da interação com *habitus* diferentes que surgem os conflitos e, pois, são os conflitos que predisõem a ocorrência de todas as formas de violência, inclusive o *bullying*. Ao falarmos nesse sentido, no que diz respeito a interação de diferentes *habitus*, estamos falando de pessoas acostumadas com ambientes e interações sociais distintas – o que não é nenhuma novidade. No entanto, o que nos chama a atenção é que, de acordo com os relatos sobre os quais estamos discutindo, parece-me correto afirmar que, como relatam os jovens, a principal motivação para o *bullying* é justamente a questão que envolve os diferentes *habitus*: características, comportamentais e físicas distintas. Uma grande motivação parece ser o fato de que alguém ser diferente do padrão socialmente estabelecido – qualquer sujeito que não seja branco, heterossexual, com peso *na média*, cabelo liso, etc, não é socialmente aceito e sim deslocado ao lugar de vítima do *bullying*. Gregório, a quem conhecemos anteriormente, iniciou seu depoimento falando de suas características que ele mesmo identificou como motivação:

(21) Eu demonstrava ser afeminado, era assim... comportamentos diferentes. E apenas porque eu era afeminado, apenas por causa disso, e algumas vezes porque eu era negro também. (GREGÓRIO).

Também vemos o mesmo com o relato anônimo:

(22) (...) eu sempre fui mais alta que os meus coleguinhas e sempre fui gordinha, e eu notei que isso começou a incomodar algumas pessoas. E isso pra mim nunca fez diferença, porque eu nunca, nunca notei isso. Eu comecei a notar quando as pessoas começaram a notar e vários coleguinhas se afastaram de mim por influência de outras pessoas, e foi aí que eu comecei a notar que tinha alguma coisa errada. (ANÔNIMO).

Com esses, entre os outros trechos relatados, conseguimos perceber que características que não deveriam importar como algo ruim, no que diz respeito à diferença,

forma o *habitus* de sujeitos que são constantemente violentados. O agressor, por sua vez, possui um *habitus* distinto – na maioria das vezes – de sua vítima e usa esse argumento como justificativa para seus atos. No entanto, precisamos entender ainda mais como essa relação se dá. Para tal, caminhemos adiante.

O que *habitus* e *bullying* tem a ver? A cultura do *bullying* enquanto *habitus* de um campo

Bourdieu (2012) afirma que é a noção de *habitus* que explica o fato de que as condutas sociais adquirem uma forma orientada a uma finalidade. Para ele,

Os agentes de algum modo caem na sua própria prática, mais do que a escolhem de acordo com um livre projeto, ou de que são empurrados para ela por uma coação mecânica. Se isso acontece dessa maneira, é porque o *habitus*, sistema de disposições adquiridas na relação com um determinado campo, torna-se eficiente, operante, quando encontra as condições de sua eficácia, isto é, condições idênticas ou análogas àquelas de que ele é produto. O *habitus* torna-se gerador de práticas imediatamente ajustadas ao presente, e mesmo ao futuro inscrito no presente, quando encontra um espaço que propõe, a título de chances objetivas, aquilo que ele carrega consigo a título de *propensão*, de disposição, porque se constitui pela incorporação das estruturas de um universo semelhante. (BOURDIEU, 2012, p. 130).

Nesse sentido, a articulação proposta por Bourdieu (2012) nos faz pensar mais especificamente – neste momento – da questão do *habitus* como um sistema de disposições adquiridas na relação com um determinado campo, conforme explanado acima. Dizer isso, então, nos remete a pensar na questão de que todas as vítimas que compõem este estudo relatam ter sofrido *bullying* em idade escolar, o que faz da escola o campo onde esse *habitus* específico ganha espaço e começa a fazer parte da vida desses sujeitos. Como vimos na primeira seção da presente pesquisa, o *bullying* é uma violência que pode estar presente em qualquer espaço, mas está, via de regra, predominantemente presente no ambiente escolar. Dizer isso, porém, não implica em afirmar que o ambiente escolar é o *berço* dessa violência, mas sim um campo de reforço e propagação, uma vez que o comportamento escolar é reflexo daquilo que aquele sujeito em formação vivenciou em outros campos, conforme outros *habitus*.

É nesse sentido que para Bourdieu (2012), a maior parte das ações que um sujeito desempenha em sociedade é produto do encontro entre um *habitus* e um campo, ou seja, nos termos do autor, é produto de duas histórias ajustadas igualmente. Dessa forma, enquanto *habitus* e campo estiverem afinados, tudo está de acordo com a lógica do mundo objetivo, o

que nos mostra que o problema está realmente na interação entre *habitus* e campos diferentes. No caso do *bullying*, estamos falando de sujeitos de *habitus* extremamente diferentes que vão conviver em um campo único, a escola. E, assim, é por conflitos de *habitus* distintos que a escola acaba se tornando o lugar em que a violação ao outro na forma do *bullying* entra em cena. Esse ponto, especificamente, pode ser evidenciado com as duas primeiras frases do depoimento de Gregório:

(23) Eu demonstrava ser afeminado, era assim... comportamentos diferentes. E apenas porque eu era afeminado, apenas por causa disso, e algumas vezes porque eu era negro também. (GREGÓRIO).

Com o breve trecho acima, Gregório, a quem já conhecemos, nos mostra exatamente, na realidade, os conceitos que temos discutido: como ele mesmo relata, *apenas porque* seu *habitus* era diferente daqueles que o agrediam, eles entravam em conflito no campo em que estavam inseridos. De acordo com Vieira, Mota e Santos (2020), a prática do *bullying* em determinado campo, nesse sentido, está enraizada como algo cultural, motivo pelo qual, por muitas vezes sua ocorrência acaba passando despercebida.

É, pois, em vista disso que falar de *habitus* nessa pesquisa requer que reflitamos e questionemos certas práticas, inclusive a respeito das que resultam em violência simbólica. Como já tratamos no início desse trabalho, vale lembrar que sempre que se busca refletir sobre violência, a primeira proposição que nos vem à mente diz respeito a violência na sua forma física. A essa altura das discussões, conseguimos perceber que tal predisposição está relacionada ao *habitus* e ao campo no qual estamos inseridos e, não menos relevante, também se deve ao fato de que a violência física é uma prática mais perceptível socialmente.

Conforme a discussão de Bourdieu (2012) em torno da construção da conceitualização do *habitus*, vale ressaltar que o autor aponta a seguinte questão: a depender do *habitus* e do campo em que um determinado sujeito está inserido, é possível saber se ele faz parte da classe dominante ou da classe dominada. Este *dominar*, nos termos do autor, é utilizado conforme ele exemplifica: no campo da arte, domina quem diz o que é arte; no campo da moda, domina quem diz o que é moda, e assim por diante. Esse, como se sabe, é um paradigma (a dominação) que age fortemente na sociedade atual, ao mesmo passo que os grupos *dominados* lutam pela quebra de tal paradigma. Dessa forma, a violência simbólica pode ser vista como uma maneira mais sutil de dominação. Voltando nossos olhares para o

bullying, devemos reforçar a questão de que não é porque essa é uma forma de violência menos visível do que a violência física, que ela possa ser vista como menos prejudicial. Muito pelo contrário: os depoimentos tratados até aqui têm nos mostrado como a violência simbólica – o *bullying* – pode agregar à sua vítima, agindo performativamente, através de conceitos e regras que a façam estar e permanecer na posição de dominado e, ainda, que pode ser percebido nos trechos já mencionados anteriormente, como quando Ana Luísa, nossa conhecida desde o primeiro capítulo, fala que:

(23) Pra falar quando que eu reparei que eu deixei isso tudo pra trás, eu vou falar de como que eu reparei que eu precisava mudar. E foi exatamente quando eu tava no último ano no ensino médio e... e veio aquela festança, e eu via a sala totalmente reunida, totalmente unida, e... eu tinha minhas amigas, óbvio, mas... eu olhava pra aquilo dali e eu queria fazer parte daquela felicidade e a única coisa que eu conseguia pensar era tipo “ahh acabou”, sabe?! E eu não queria que a faculdade fosse um reflexo do ensino médio, sabe?! E foi aí, naquele ponto, que eu falei assim “eu... eu preciso mudar”. E... tendo estudado sobre... ansiedade, sobre a cultura negra, sobre a transição capilar, e isso tudo foi no... na... mudança do meu primeiro, não.... É, foi saindo do meu terceiro pro quarto período da faculdade que eu olhei pra trás e vi, tipo assim, que eu tava totalmente feliz, que eu tava me sentindo pertencente ao lugar que eu tava, e... eu me sentia unida com meus amigos, com a minha família (...). (ANA LUÍSA).

Ana Luísa, como também já sabemos, fala a respeito da importância que tem de que os adultos olhem pelas crianças e adolescentes que pedem ajuda em algum momento, para que se dê a devida importância ao *bullying*, porque ela é tão ou mais prejudicial do que a violência física. Olhando para a noção de *habitus* que Bourdieu (2012) nos apresenta, fica mais clara a percepção de que o *bullying* tem sua origem, por assim dizer, como um comportamento – um *habitus* – que decorre de uma sociedade que, ao longo do tempo, criou crenças que influenciam diretamente no processo de socialização do sujeito. Dessa forma, podemos afirmar que o *bullying* é uma forma de violência que se manifesta em um campo por meio do *habitus* reproduzido pelos indivíduos em questão. Ainda, o *bullying* é uma forma de imposição de uma cultura, através do *habitus*, em um determinado campo onde o sujeito está inserido – e isto é válido tanto para o agressor, quanto para a vítima. Esse ponto pode, inclusive, ser muito bem ilustrado pelo relato de Gregório, que em um mesmo campo foi influenciado e utilizou-se de diferentes *habitus* – ele foi vítima e agressor no *bullying*.

Trouxemos seu caso no segundo capítulo, mostrando a forma como a violência agiu sobre ele e de que, logo em seguida, os papéis se inverteram, quando ele fala que “*Então foram as duas coisas que foram acontecendo: 1) eu passei a dar menos importância e isso acontecia com menos frequência e 2) a transição para o ensino médio. E foi aí que eu comecei a praticar bullying com as pessoas*”. A essa altura, o fato de que um *habitus* pode ser modificado conforme o campo e conforme a interação com outros *habitus* não é nenhuma novidade.

Portanto, aqui, chegamos ao ponto de compreender o *bullying* como uma violência simbólica que age performativamente através da iterabilidade, de acordo com o *habitus* de cada campo. Parece uma forma um tanto quanto reduzida de se explicar tudo que viemos discutindo até aqui, e em parte é sim, mas é também uma afirmação que, a essa altura, nos ajuda a perceber como a reprodução de um determinado *habitus* reflete práticas sociais culturalmente transmitidas dentro do que chamamos de cultura do *bullying*. A respeito disso, Olweus (2005) afirma que a cultura do *bullying* pode ser caracterizada pela intencionalidade do ato, a prolongação no tempo e o desequilíbrio de poder físico, psicológico e social entre os envolvidos. Conforme vimos através das discussões a partir dos relatos apresentados e com o que diz Fante (2005), na grande maioria das situações, as vítimas não provocam, de nenhuma forma, o seu agressor. Com isso, evidenciamos mais uma vez que as vítimas são *escolhidas* por conta de seu *habitus*. Nesse sentido, pautados em Bourdieu (2012), podemos dizer que se um determinado comportamento é considerado cultural, é sinônimo de que ele está *enraizado* como um *habitus* daquele campo.

CAPÍTULO 5

A REIVINDICAÇÃO DA NÃO VIOLÊNCIA

Temos de nos perguntar: “não violência contra quem?” e “não violência contra o que?”. (BUTLER, 2019).

PLANO DO CAPÍTULO

A ideia de propor uma discussão a respeito do *bullying* enquanto violência na linguagem nasceu de uma analogia ao trabalho proposto por Silva (2010), no trabalho *Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira*. Um ponto central na discussão do autor é a questão da circulação da violência na linguagem e o modo como ela fere o outro, o que, como temos visto, nos aproxima em relação à discussão.

Após todas as abordagens a respeito de violência linguística articuladas até aqui, bem como seu funcionamento e seus efeitos sobre os diferentes sujeitos aos quais conhecemos ao longo dos capítulos que se antecedem, a ideia desse último capítulo consiste em abordar a temática da não violência.

De forma geral, presente capítulo está estruturado da seguinte maneira: primeiramente, discutimos a conceitualização a respeito de não violência, a partir da perspectiva de Judith Butler (2009). Em seguida, articulamos a ideia da autora com a questão do discurso e das práticas de resistência observadas nas vítimas em questão. Para fechar a seção, ouvimos os sujeitos com a finalidade de discutir o porquê de eles estarem dividindo suas histórias com os outros, revivendo – ao relatar – suas experiências.

A não violência a partir de Judith Butler

Ao desenvolver a questão da não violência, Butler (2009) caminha pela psicanálise na busca por compreender o processo de formação dos indivíduos da forma mais aprofundada

possível. Para falar a respeito da reivindicação da não violência, Butler (2009) traz à tona a violência em si, o modo como ela acontece, se propaga e é reproduzida.

Judith Butler (2009) discute a questão da não violência que, segundo ela, surge como um discurso ou um apelo. Butler (2009) argumenta que a violência não é estranha para aquele a quem o discurso de não violência é dirigido. Nesse sentido, segundo a autora, a violência e a não violência são apenas estratégias ou táticas, mas configuram o sujeito e se tornam suas possibilidades constitutivas e, assim, uma luta permanente. A esse respeito, a autora nos lembra que somos, mesmo que parcialmente, formados por meio da violência, seja vivenciando ou testemunhando tal situação. É, pois, nesse sentido que a autora argumenta que

Fazer essa afirmação é sugerir que a não violência é a luta de um único sujeito, mas também que as normas que atuam sobre o sujeito são sociais por natureza, e que os vínculos que estão em jogo na prática da não violência são vínculos sociais. Portanto, o “um” singular que luta com a não violência está em processo de reconhecimento de sua própria ontologia social. Embora os debates sobre esse tema muitas vezes presumam que podemos separar com facilidade as questões da prática individual e as do comportamento de grupo, talvez o desafio da não violência consista precisamente no desafio à presunção dessas ontologias duais. Afinal de contas, se o “eu” é formado por meio da ação das normas sociais e invariavelmente com relação a vínculos sociais constitutivos, pode-se inferir daí que toda forma de individualidade é uma determinação social. Inversamente, todo grupo não só é delimitado por outro, mas também composto por um conjunto diferenciado, que pressupõe a singularização um aspecto essencial da sociabilidade. (BUTLER, 2009, p. 234).

A partir do que Butler (2009) fala, podemos questionar: seria a não violência uma ação ou negação de um ato que constitui a todos enquanto sujeitos? A autora ainda questiona a quem, a que sujeito, essa não violência se refere, lembrando que, na configuração social atual, existem certas formas de violência que são utilizadas para contrapor outras violências, como é o caso com as táticas de defesa pessoal ou as violências utilizadas em nome de causas sociais, entre outras, falando também que essa é uma discussão que deve ser melhor aprofundada em outro momento oportuno. Para a autora o fato de um sujeito ser formado através da violência o faz responsável por não repetir a violência de sua formação. Na visão de Butler (2009), uma pessoa pode, perfeitamente, ser formada no âmbito da violência, mas não necessariamente ela precisa reconstruir esse cenário ao longo de sua vida. É nesse sentido que, para a autora, para pensar essa questão é também necessário pensar no que significa ser formado, principalmente o que significa ser formado por nomes.

Judith Butler (2009) afirma que as normas atuam sobre a formação de certos tipos de sujeitos e, segundo ela, não somente no passado, mas também de uma forma iterável através do tempo. Nesse sentido, para Butler (2009), a produção normativa do sujeito constitui-se em

um processo de iterabilidade, uma vez que a norma é repetida, rompendo com o contexto e se realocando em uma nova cena – conforme vimos nos capítulos que se antecedem. Olhando sob tal perspectiva, a autora nos mostra alguns questionamentos os quais as vítimas criticamente devem fazer a si mesmas, tais como *como eu vivo a violência da minha formação? Como ela sobrevive em mim? Como ela me carrega, a despeito da minha resistência, e eu a carrego comigo? E em nome de que novo valor posso anulá-la e contestá-la?* Tais questionamentos, segundo ela, nos ajudam a perceber que justamente por conta da iterabilidade não estamos livres para dispensar nossa história. Ou seja, um sujeito que vivenciou a violência, não consegue deixar para trás tudo que passou; vai carregar consigo toda sua carga de consequências do *bullying*; a diferença, porém, é o que cada um faz com a carga que carrega.

Ao propor tais questionamentos, Butler (2009) evoca a ideia de que é preciso enfrentar a violência para colocar em prática a não violência, o que, de fato, consiste numa relação muito tensa, uma vez que a violência está imbricada na elaboração e na sustentação dos sujeitos. Nesse sentido, entra em cena, nos termos de Butler (2009), outro ponto importante em relação ao sujeito e a violência a qual ele está submetido, que é a questão da ressignificação, pois, segundo a autora, ferir o sujeito através da linguagem traz uma ressignificação para ele. Um dos trechos dos depoimentos que compõem nosso quadro de análise e que pode facilmente representar o que estamos falando pode ser o que fala Laryssa, a quem conhecemos no terceiro capítulo, quando ela relata que:

(25) A gente ter como reagir depois que acontece mesmo... tipo assim: reagir, meio que superar ... que falam... sabe, reagir?! Acho que uma vez eu briguei com um menino, mas também não foi uma coisa muito boa, porque foi assim: é... rebatendo o bullying com bullying. Aí ele foi falar comigo, não sei o que... e eu: seu gordo, seu gordo. E aí esse menino nunca mais falou comigo. Também não é uma boa forma de se reagir, fazendo a mesma coisa que as pessoas fazem com você, com outra pessoa. (LARYSSA).

Laryssa relata uma cena em que vemos a ressignificação sobre a qual Butler (2009) fala. Ao utilizar-se da violência que sofreu para agredir o outro, Laryssa experimentou uma inversão de papéis que, como relata, não lhe agradou. Para ela, reagir ao *bullying* com *bullying* não foi uma atitude correta e ela teve clareza para perceber esse ponto. Ainda, podemos perceber que atribuir um novo significado à violência que vivenciou, para Laryssa, seria algo contrário, a não violência. A esse respeito, podemos observar outro trecho do depoimento dela:

(26) Hoje quando eu vejo foto, por exemplo, dessa época, dessa época mesmo, 11, 12 anos, eu não tenho foto. Eu rasguei todas, eu sumi com todas as fotos que eu tinha, porque essa época mesmo é ruim de lembrar. Quando eu vejo as pessoas que estudaram comigo nessa época, eu mal cumprimento. Não gosto de ver, não gosto de lembrar, principalmente as que fizeram isso, porque eu... as pessoas que fazem isso superam muito mais rápido, é impressionante! (LARYSSA).

No trecho acima, a jovem relata sua atitude diante de fotografias da época em que sofria *bullying*. Algo que nos chama a atenção nesse ponto é justamente sua reação: em primeiro lugar, arrisco-me a dizer que sua atitude consiste em uma forma de evocar a não violência, pois, de acordo com Butler (2009), ela repensa a maneira como a violência de sua formação vive em si. Isso significa dizer que ao enfrentar a situação, sua postura demonstra como ela quer evitar reviver seu passado. Uma das fugas, se é que se pode chamar assim, fica explícita quando ela fala sobre ter rasgado as fotografias daquela época, como um gesto que, para ela, funcionaria como uma maneira de evitar memórias da época em questão. Para compreender melhor como tais relações se dão, caminhemos para a próxima seção.

A sujeição e a ressignificação das vítimas de *bullying*

Desde o início de sua teorização a respeito do processo de sujeição, Butler (2010), traz a noção de sujeito e agência para pensar em uma análise mais aprofundada em relação a sociedade. A autora discute o sujeito como resultado das relações de poder nos processos de interação social, em que a linguagem é central. Butler (2010) aprofunda sua discussão a partir da noção foucaultiana de poder, para pensar a constituição do sujeito e a possibilidade de agência.

Na perspectiva da autora, o poder, além de ser algo ao qual nos opomos, é também algo do qual nossa existência, em certo nível, depende. Nessa perspectiva, a autora nos mostra que, enquanto sujeitos, estamos inscritos em uma dependência aos discursos que nos formam, inclusive, como já vimos, aos discursos de violência. Baseando-se na teoria performativa, Butler (2010) dialoga com a teoria do poder em Foucault e da interpelação Althusser, para abordar a questão da subordinação do sujeito, argumentando que

O poder que dá origem ao sujeito não mantém uma relação de continuidade com o poder que constitui a sua potência (capacidade de ação). Quando o poder modifica o

seu estatuto, passando a ser condição de potência, converte-se em a própria potência do sujeito (constituindo uma aparência de poder na qual o sujeito aparece como condição de seu próprio poder), se produz uma conversão significativa e potencialmente permitida. (BUTLER, 2010, p. 23).

Para compreender essa relação entre sujeito e agência no pensamento de Butler (2010), a teoria da sujeição que a autora aprofunda é fundamental. Segundo ela, a sujeição, como forma de poder é paradoxal. A autora explica que

Uma das formas familiares e angustiantes como se manifesta o poder está no fato de sermos dominados por um poder externo a nós. Descobrir, no entanto, que o que “nós” somos, que nossa própria formação como sujeitos, de algum modo depende desse mesmo poder é outro fato bem diferente. (BUTLER, 2017, p. 09).

Então, Butler (2017) explica que o modelo para entender esse processo como um todo é de que o poder se impõe sobre nós. Ao estarmos sob o poder, somos enfraquecidos por sua força, nós interiorizamos ou, segundo a autora, aceitamos seus termos. A autora completa dizendo que em cada caso, o poder que aparece como externo, imposto ao sujeito e que o pressiona à subordinação, assume uma forma psíquica que constitui a identidade pessoal do sujeito (BUTLER, 2017). Também em sua perspectiva,

A insistência em que o sujeito tem um apego apaixonado por sua própria subordinação tem sido evocada cinicamente por quem tenta desacreditar as reivindicações dos subordinados. A ideia é que se for possível mostrar que o sujeito leva adiante ou sustenta sua condição de subordinado, talvez a responsabilidade final dessa subordinação seja do próprio sujeito. Em oposição a essa ideia, eu diria que o apego à sujeição é gerado pelo poder, e parte dessa operação do poder se estabelece nesse efeito psíquico, uma de suas produções mais insidiosas. Se, num sentido nietzschiano, o sujeito é formado por uma vontade que se volta sobre si e assume uma forma reflexiva, então o sujeito é a modalidade de poder que se volta sobre si; o sujeito é o efeito do poder em recuo. O sujeito que é ao mesmo tempo formado e subordinado já está implicado na cena da psicanálise. (BUTLER, 2017, p. 15).

Dessa forma, Butler (2017) explica que o sujeito não surge sem essa ligação de dependência, mas que, ao mesmo tempo, é como se ele não percebesse totalmente essa ligação, esse elo. Assim, é preciso, segundo a autora, que o sujeito deseje as condições de sua própria subordinação, pois é necessário para que ele possa persistir com si mesmo. Ainda, Butler (2017), o sujeito é a ocasião linguística para o indivíduo atingir e reproduzir a inteligibilidade, a condição linguística de sua existência e ação. Nenhum indivíduo se torna sujeito sem antes se tornar subjetivado ou passar por “subjetivação” (BUTLER, 2017). Além disso, a autora afirma que o poder, desse modo, não serve apenas como forma de dominação ou de opressão sobre os sujeitos existentes, mas sim para formar tais sujeitos. Então,

É evidente que o poder não traz as pessoas ao mundo no sentido comum do termo. Foucault associa o caráter formativo ou produtivo do poder aos regimes reguladores

e disciplinares. Em *Vigiar e punir*, o crime produz uma classe de criminosos, cujos corpos se engendram no gesto e no estilo da prisão. Mas como devemos entender esse sentido de produção e engendramento? Devemos entender a dimensão formativa do poder de maneira não mecanicista e não comportamental. O poder nem sempre produz de acordo com um propósito, ou melhor, a sua produção é tal que muitas vezes excede ou altera os propósitos para os quais produz. (BUTLER, 2017, p. 27).

A autora também reforça a ideia de que para descrever a sujeição é preciso acompanhar e compreender, em certo nível, a vida psíquica. Ainda, retoma a questão da vulnerabilidade, lembrando-nos que o sujeito está sempre subordinado ao poder. No entanto,

O fato de os sujeitos serem constituídos em vulnerabilidade primária não justifica os abusos que sofrem; pelo contrário, isso só deixa ainda mais claro o quanto a vulnerabilidade pode ser fundamental. (...) Fadado a buscar o reconhecimento de sua própria existência em categorias, termos e nomes que não criou, o sujeito busca o sinal de sua própria existência fora de si, num discurso que é ao mesmo tempo dominante e indiferente. As categorias sociais significam, ao mesmo tempo, subordinação e existência. Em outras palavras, o preço de existir dentro da sujeição é a subordinação. (BUTLER, 2017, p. 29).

Na visão da autora, a sujeição explora o desejo de existência que, nesse sentido, revela uma vulnerabilidade do sujeito diante do outro. Como já vimos anteriormente, também, a vulnerabilidade do sujeito está intimamente relacionada à linguagem. Sendo assim, Butler (2017) quer nos mostrar que esse sujeito reflexivo e resistente ao mesmo poder que o constitui, por si só não consegue dar conta do seu próprio tornar-se, mas consegue encontrar as possibilidades para ressignificar normas, discursos, experiências e práticas sociais. É, pois, essa concepção de sujeito que, para a autora, faz com que seja possível a condição de agência.

A essa altura, você deve estar se perguntando: *afinal, o que tudo isso tem a ver com bullying e as discussões até aqui?* Vejamos, então, dois pontos a esse respeito. Primeiramente, Butler (2017) nos fala que o poder se impõe sobre nós. Nesse sentido, durante todas as discussões nos capítulos anteriores, vimos que se é se impondo discursivamente sobre o outro que a violência na linguagem se constitui – o que, já sabemos, ocorre com o *bullying*. Justamente por questões de desigualdade de poder é que a vítima é deslocada e subordinada ao agressor, à violação linguística.

O segundo ponto, a autora tem nos mostrado que a violência, de certa forma, constitui os sujeitos, tal qual, segundo ela, o poder. Olhando para o *bullying*, então, a essa altura poderíamos dizer que todo sujeito, em sua formação, vivenciará o *bullying* – de uma maneira ou de outra, uns mais, outros menos. Para tanto, cabe-nos discutir, nesse capítulo final, o que os diferentes sujeitos, especificamente os que compõem nossos depoimentos para

análise, fazem com *bullying* ao qual foram submetidos em sua formação. Portanto, a reivindicação da não violência nos auxilia nesse sentido. Vamos em frente para compreender.

O sujeito e a agência em Butler

Para compreender melhor como todos esses pontos estão articulados e são úteis para nós nessa discussão, olhemos para o início da teorização de Judith Butler. Podemos observar, desde seus primeiros textos, que as noções de sujeitos e agência discutidas pela autora nos permitem uma análise mais ampla e aprofundada. Butler (2017), à luz da performatividade, caracteriza a agência como uma prática de articulação e de ressignificação oriunda ao poder de fazer. Para ela,

A afirmação de que um discurso “forma” o corpo não é nada simples, e precisamos começar por distinguir como esse “formar” não é a mesma coisa que “causar” ou “determinar”, muito menos uma ideia de que os corpos, de algum modo, são feitos de discurso puro e simples. (BUTLER, 2017, p. 90).

Essa é uma discussão ampliada por Butler (2017) em *Corpos que importam* em que a autora nos mostra que o indivíduo se formula como prisioneiro através de sua identidade constituída discursivamente. Butler (2017) nos mostra que a sujeição – o processo de formação do sujeito – é, literalmente, a feitura (nos termos da autora), de um sujeito, é o princípio de regulação se acordo com o qual um sujeito é formado/produzido. É nesse sentido que, para a autora, a possibilidade da agência, a qual podemos entender como capacidade de ação, é encontrada na sujeição e na subordinação, ou seja, de acordo com a autora, a mudança se dá na dinâmica do poder, que é capaz de reiterar formas de significação, produzindo, assim, novos efeitos. Ainda, alguns questionamentos são levantados pela autora em sua argumentação, como a questão do porquê, mesmo inconscientemente, nos apegarmos à sujeição, ao passo que nosso inconsciente está tão pouco livre do discurso normalizador quanto, também, o sujeito. Além disto, Butler (2017) também questiona a respeito do corpo como lugar e os investimentos que esse lugar é capaz de receber ou suportar. Buscando responder e debater seus questionamentos, uma das articulações da autora é que

O corpo não é um lugar onde acontece uma construção; é uma destruição em cuja ocasião o sujeito é formado. A formação desse sujeito é, ao mesmo tempo, o enquadramento, a subordinação e a regulação do corpo, e o modo como essa destruição é preservada (...) na normalização. (BUTLER, 2017, p. 99).

A perspectiva de Butler (2017) nos mostra que o poder da agência se configura como uma forma de resistência política. Segundo a autora, o poder da agência surge quando ocorre uma descontinuidade entre o poder constituinte do sujeito e o poder que o próprio sujeito assume. Portanto, na concepção dela, o sujeito, enquanto efeito do poder, detém a possibilidade de sua agência.

Ao pensarmos a questão da sujeição e da agência do sujeito, nossa discussão se volta ao tema central do presente estudo, a violência na linguagem. Quando olhamos para cenas nessa configuração, especificamente quanto ao *bullying*, podemos ver como de fato a sujeição funciona. Para exemplificar, voltemos nossa atenção para o caso de Álvaro:

(26) Particularmente, no meu caso, eu acho que foi bom... porque me fortaleceu em vários aspectos! Ah... o ponto negativo do bullying, tanto que eu passei, tanto que eu sofri, chegou num nível que me fez agir, de verdade! Igual: eu era obeso, e eu já não tava aguentando mais, era horrível aquela sensação, e eu me senti... por mais que você fala 'eu não vou me importar', você se importa, nem que seja um pouco, aquilo te leva pra dentro. 'Cê' pode exteriorizar que não, tá tudo bem, eu não tô passando por isso, tá tudo ótimo... mas cê fica... o seu inconsciente fica ali 'ó' (gestos com a mão girando)... sabe?! E aí, o bullying, por exemplo, foi uma das coisas que me fez emagrecer, que eu disse 'não, eu não aguento mais'. Então foi um impulso. Me fortaleceu em que sentido: o momento em que eu acabei partindo pra agressão física com esse colega meu, que a gente realmente brigou e tal(...). E aí, eu acho que isso foi muito importante pra mim, porque eu acho que muitas vezes, e eu carrego isso até hoje, as vezes uma pessoa me xinga, ou alguma coisa assim, toda essa carga que eu já tive me faz pensar 'por que eu vou deixar essa pessoa me afetar, se ela tá falando isso ou aquilo de mim? Não tem porquê'. Então eu acho que nesse aspecto, e pra mim particularmente, foi bom. Mas, o que eu vejo na maioria das pessoas, inclusive colegas meus, é o contrário. Então isso vai muito da personalidade da pessoa, do tipo de xingamento que ela tem, do tipo de bullying que ela tem, porque não é todo mundo que passa por isso de maneira positiva. Eu, se eu não tivesse tido consciência de muitas coisas, provavelmente hoje eu poderia ser uma pessoa extremamente retraída, uma pessoa super introvertida. O irmão da minha melhor amiga, por exemplo, a vida dele mudou 100% por causa do bullying. Ele... ele... é super antissocial, ele não sai de casa, exatamente pelas coisas que aconteceram com ele. Uma dessas coisas foi que, por exemplo, ele apanhou na sala, os colegas dele, de zoação, pegaram ele, bateram nele, filmaram, o vídeo foi veiculado e a

escola inteira ficava rindo dele, apontando. Ele demorou quase seis meses pra voltar na aula. Até hoje ele conversa muito pouco. As consequências pra ele foram ruins. Então por isso que eu acho que é extremamente individual, particular, o que acontece com cada um, as consequências do bullying. (ÁLVARO).

Álvaro, a quem conhecemos no terceiro capítulo, traz nesse trecho de seu depoimento algumas questões importantíssimas para nossa discussão. A primeira questão em Álvaro, nesse trecho de seu depoimento, está presente da sua forma de (re)agir diante do *bullying*. Quando ele relata que a violação o fez mudar, existe aí um grande efeito perlocucionário de um discurso performativo e iterável. O discurso do agressor sobre ele, nesse sentido, teve o poder de lhe fazer querer mudar de características de um modo que, segundo ele, trouxe uma forma de conscientização corporal. Não estamos falando que o *bullying* foi *bom* para ele, mas estamos falando, nos termos de Butler (2017) da maneira como ele se ressignificou, como ele agiu enquanto sujeito.

Em um segundo momento, é relevante olharmos para a conscientização que o *bullying* trouxe para ele, no sentido em que ele nos fala sobre saber que reagiu de uma forma muito mais *agradável* em relação a outras vítimas, quando, inclusive, menciona o primo da amiga.

Ainda, um terceiro ponto nesse trecho do relato de Álvaro nos mostra seu posicionamento crítico, formado em seu processo de sujeição no qual a violência estava presente. Álvaro fala que acha *que é extremamente individual*, reconhecendo, em certo nível, que tanto a violência, quanto a não violência fazem parte do processo.

Partindo do exemplo dado por Álvaro, conseguimos perceber que o sujeito, além de passar pelo processo de sujeição, entra, após estar exposto a uma cena de violência, em um dinamismo de ressignificação, conforme visto acima. Para tratar de ressignificação, a autora novamente parte da teoria dos atos de fala de Austin e da visão crítica de Derrida. Na concepção de Butler (1997), há um processo de ressignificação quando um termo, usado tradicionalmente em um sentido depreciativo ou pejorativo, é politicamente invertido por aqueles que fazem seu uso e o fazem atribuindo-lhe um sentido positivo. Dessa forma, a autora nos mostra que o discurso se torna um campo de batalha entre signos e seus significados, estando sempre em disputa. Ainda, segundo ela,

O sujeito não é determinado pelas regras através das quais ele é gerado porque significação não é um ato fundante, mas um processo regulado de repetição que ao mesmo tempo se inviabiliza e impõe suas regras justamente por meio da produção de efeitos essencialistas. (...) Performatividade não é assim um 'ato' singular, pois requer-se sempre a interação de uma norma ou de um conjunto de normas. E, à medida que esse processo adquire status de fato no presente, ele obscurece ou dissimula as convenções que regulam sua repetição. (BUTLER, 1997, p. 12).

A partir desse ponto, então, a autora trata de ressignificação com início em sua teoria de gênero e toma como partida para esse conceito as polêmicas do discurso de ódio. Na discussão que Butler (1997) realiza, a ressignificação é tratada como estratégia linguístico-política em relação à violência presente no discurso violento. Para ela,

Desapropriar a força da linguagem injuriosa para contradizer a injúria constitui uma estratégia que resiste à solução da censura patrocinada pelo Estado, de um lado, bem como o retorno à impossível noção da liberdade soberana de um indivíduo, de outro. (...) A ressignificação do discurso requer a abertura de novos contextos, falar de formas que ainda não foram legitimadas, produzindo daí legitimação em uma forma nova e ainda futura. (BUTLER, 1997, p. 41).

Para entender o modo como Butler (1997) trata da ressignificação, é preciso olhar para como ela constrói a categoria em quatro pontos fundamentais. O primeiro ponto do qual Butler (1997) parte já não é novidade a essa altura do texto: a teoria dos atos de fala de Austin, a qual enfatiza o papel do corpo em suportar a força performativa da linguagem. Em especial, a autora se interessa com mais ênfase pelo ato de fala performativo, no momento em que uma dada expressão linguística executa uma ação. Butler (1997) também se pauta na visão derridiana de que todo ato performativo tem sempre uma repetição, segundo a qual é a iteração dos atos de fala que faz com que a comunicação seja possível, como vimos anteriormente.

Em um segundo momento, a teoria da ressignificação de Butler (1997), segue a concepção da interpelação². A autora nos mostra que há, na interpelação, uma performatividade que contribui para a constituição do sujeito. É nesse sentido que ela diz que ninguém domina de forma plena o processo de sua própria constituição da subjetividade. Dessa forma, Butler (1997) nos mostra que a maneira pela qual somos interpelados pelos outros interfere em nossa auto compreensão subjetiva.

O terceiro ponto é a questão de que Butler (1997) rejeita, de certa forma, o determinismo linguístico de Bourdieu (1982), dando ênfase maior aos atos de fala e sua possibilidade performativa. Para a autora, a sociologia da linguagem de Bourdieu é

² Conceito desenvolvido por Althusser, para explicar o endereçamento linguístico que nomeia alguém.

conservadora e acaba por eliminar o elemento crítico presente em todo e qualquer ato de fala. Por fim, o quarto ponto ao qual Butler (1997) recorre é o conceito de iterabilidade de Derrida (1990), e o investiga/trabalha do ponto de vista de sua estabilização social. Em sua argumentação, a autora mostra que a iterabilidade do signo linguístico é estruturada socialmente. Para ela,

Em outras palavras, quando palavras executam ações ou se constituem, elas mesmas, em uma forma de ação, isso ocorre não porque elas refletem o poder da intenção ou da vontade individual de um sujeito, mas porque elas recorrem a convenções que obtiveram seu poder precisamente através de uma iterabilidade sedimentada. (BUTLER, 1997, p. 134).

Então, esse é o quadro geral diante do qual a conceituação de Butler (1997) é desenvolvida. A autora parte da crítica que Derrida faz da teoria dos atos de fala de Austin, rejeita determinismo linguístico de Bourdieu e vê no momento da interpelação de Althusser a cena em que ocorre a subjetivação e a sujeição às estruturas de poder que se inter-relacionam. A argumentação de Butler (1997) nos mostra que a ressignificação ocorre sempre em um sentido progressista ou emancipatório, alegando também que não há ato de fala ou discurso soberano.

Dizer isso, então, significa dizer que um discurso violento não pode dominar, para sempre, um determinado sujeito. A reivindicação da não violência seria, pois, a chave para a contraposição. Assim, se não há ato de fala ou discurso soberano, essa afirmação é válida também para os atos de fala que buscam trazer a ressignificação dos conceitos espalhados através das relações de poder socialmente estabelecidas. É dessa forma, pois, que Butler (1997) caracteriza a agência como uma prática de articulação e de ressignificação imanentes ao poder de fazer. A autora explica que a ressignificação do sujeito, frente a certos discursos violentos, consiste na possibilidade da agência, que é entendida como capacidade de ação e se encontra na sujeição e na subordinação. Assim, o que Butler (1997) quer dizer é que a mudança ocorre dentro da própria dinâmica do poder, que pode reiterar certas formas de ressignificação, produzindo, assim, novos efeitos. Como novo efeito podemos entender, no nosso caso, a não violência, que é, ainda, uma forma de resposta para as vítimas utilizarem em seu auxílio frente às situações de *bullying* ou outras formas de violação.

Para explicar tal questão, a autora argumenta que nascemos em um mundo no qual determinadas limitações são também a possibilidade da condição de sujeito. Isso ocorre porque, segundo a autora, essas não são características físicas do sujeito e estão, desse modo,

sujeitas à renovação através da ação do próprio indivíduo que, de forma implícita e inconsciente, tem novos hábitos que passam a se repetir. Portanto, Butler (1997) diz que mesmo que a agência esteja condicionada por tais limitações, ela pode, até certo ponto, alterá-las. No entanto, esse ponto não significa que um indivíduo possa se libertar totalmente das limitações que o poder formativo sobre ele, constituinte de si desde a infância, através da socialização ou de uma certa reiteração constante.

É nesse sentido que, para Butler (1997), o que impulsiona e move a agência é o desejo. Nos termos da autora, o desejo é a força que impulsiona a mudança e que, conseqüentemente, é desestabilizadora, ao passo que um desejo não permanece sempre o mesmo. Na concepção da autora, a consciência não controla e nem dirige o desejo; o que ocorre é o oposto, pois a consciência é o resultado de um condicionamento ao desejo. Dessa forma, percebemos que para Butler (1997), é através da força que o desejo exerce que surge a possibilidade de passar de um nível de organização ao outro, mesmo que a consciência não seja a responsável por tal. Vale, também, ressaltar que na visão da autora, todas essas operações ocorrem através do meio linguístico, atravessados por discurso (e portanto, por poder) que impõem os limites e as possibilidades às quais permitem que o sujeito possa se tornar inteligível, dado determinado contexto social. Sendo assim, nos termos dela, a agência excede ao poder que lhe é possível (BUTLER, 2010).

Para a autora, é esse excesso que oferece a possibilidade da resignificação e através do qual surge o desejo do sujeito que tem, por grande parte das vezes, o objetivo de romper com o sujeito conformado com as convenções sociais. Sendo assim, o que vemos é que o desejo, segundo Butler (1997) é o que move a agência. Conforme os apontamentos da autora, o desejo é um aspecto central para ativar a consciência reflexiva. Essa consciência leva o sujeito a resistir, de certa forma, a uma ordem social, política, cultural ou religiosa que impõe, assim, limites à ação humana. No pensamento de Butler (1997), podemos ver que um sujeito é capaz de se apropriar da lógica do poder dominante presente tanto em termos linguísticos como no reconhecimento dos direitos humanos universais, de forma a resignificar práticas sociais, produzindo novos efeitos, através do rompimento com determinadas cadeias de repetição. Nessa mesma percepção em torno da resignificação, podemos voltar nossos olhos aos depoimentos que fazem parte desse estudo e observar parte da situação que relata Laryssa:

(27) Teve um momento que foi quando eu pensei “não, realmente, tá triste isso aqui”. Me peguei lanchando dentro do banheiro, pra ninguém encher meu saco. Eu falei

“nossa, realmente tá ruim pra você ter que lancher dentro do banheiro, tá...”. Aí eu me senti como naqueles filmes americanos: uma coisa que a gente acha totalmente estereótipa, nunca vai acontecer, mas o que não faz pra fugir né?! Eu ficava na biblioteca também... Na época eu era melhor amiga acho que do bibliotecário... Eu ficava mais tempo lá eu acho, do que fora da sala. Mas acho que depois de um tempo cê vai encontrando pessoas que não... te fazem sentir bem, apesar de tudo aquilo. Aí foi quando eu realmente consegui fazer amigos, amigos que eu tenho até hoje, amigos de verdade, que eu fui superando. Ce vai... não acho que vai deixando de acontecer de uma hora pra outra, mas ce vai deixando de se importar com o que as pessoas pensam, porque você sabe que tem outras pessoas que pensam coisas melhores de você. Então cê muda o lado que cê vai reparar, porque acho que você coloca muita força quando a gente se importa com o que o outro pensa. E a medida que cê vai desconstruindo isso, “não interessa o que os outros pensam de mim”, você não é aquilo, e aí eu acho que vai ficando mais fácil de superar. (LARYSSA).

Na fala de Laryssa, especificamente no trecho acima, percebemos o momento em que há uma conscientização de que aquela situação de violência, aquele contexto de *bullying* e sua postura de vítima está *errada*. A virada, por assim dizer, percebemos que é a atitude dela, justamente, de se ressignificar e buscar a não violência, através de estratégias que, para ela, funcionaram.

É a esse ponto da ressignificação e da reconstrução de identidade, que ocorre em diversos momentos, inclusive – como já vimos – na cena de violência, que também Rajagopalan (2003) fala a respeito e nos lembra que as identidades estão, todas elas, em constante formação e transformação. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo. A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo. Ou seja, as identidades são definidas estruturalmente. (RAJAGOPALAN, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação, abordamos a questão da performatividade como elemento fundamental na cena da violência. O ato de fala performativo, conforme vimos, tem forte papel no processo de resignificação de sujeitos que protagonizam cenas de *bullying*. Gerando uma forma de desorientação, a relação entre violência e significação, especificamente em se tratando da violência na linguagem, coloca o sujeito-vítima em um posicionamento de vulnerabilidade e subordinação, mostrando-nos que alguns usos linguísticos tendem a ser mais carregados do que outros, conforme a cena de interação.

Dito isso, percebemos que as palavras que possuem significado mais carregado do que outras são, então, palavras que ferem. Ao olhar para os atos de fala em sua dimensão violenta, a análise ponderada nesse estudo traz à tona a violência e os sujeitos afetados por ela, colocando em ênfase o fato de que eles têm suas estruturas corpóreas e psíquicas mais ou menos abaladas e modificadas.

As questões relacionadas a violência, amplamente discutidas nos meios social e científico, têm demonstrado sua urgência como um aspecto que não deve ser deixado de lado nos debates. Butler (2019) nos lembra de que somente quando estamos expostos à violência é que somos eticamente obrigados a pensar na forma como reagiremos ao ato de violação. Olhar para o que a autora nos diz a esse respeito nos faz perceber certas regularidades em relação ao comportamento e pensamento que as vítimas do presente estudo relataram. Dentre o grupo das seis vítimas que compõem a análise do presente trabalho, quatro relatam ter buscado alguma forma de reação aos episódios que vivenciavam. Um dos exemplos é o caso de Gregório, que a essa altura é nosso *velho conhecido*:

(28) Assim, não tem como você sofrer bullying e ignorar por completo. Tem como você parar de sofrer, assim, dar menos importância àquilo. Então, foram duas coisas que foram acontecendo: 1) eu passei a dar menos importância e isso acontecia com menos frequência e 2) a transição para o ensino médio. E foi aí que eu passei a praticar bullying com as pessoas. Fui mais comunicativo e passei do lado do oprimido para o lado do opressor, basicamente. Eu era um adolescente, de 16 até 18 anos por aí, que queria zoar, que queria brincar e tal, e... conhecimento, a gente vai conhecendo, a gente vai desmistificando algumas coisas, você vai conhecendo as brincadeiras que não

são legais, as consequências, e... acho que não são legais, as consequências e... acho que pelo conhecimento mesmo, eu passei a pensar nas consequências... que isso não tinha sentido, era desnecessário, poderia prejudicar alguém e tal... e foi bem isso (...). A gente era um grupinho na sala e as pessoas... ninguém confessava o que a gente falava, então a gente sentia o conforto em falar o que a gente quisesse. A gente falava tudo com todo mundo, assim. Tinha umas meninas lá que eram da zona rural e a gente fazia bullying com elas por elas serem de uma zona rural da cidade, (...) tipo: ah, sei lá... “não tô vendo seu cabelo, tô vendo só poeira”, porque tem terra sabe?! (...) Eu fui um monstro (...). Essa sensação de ser superior, no ensino médio, por algum motivo, me trazia esse conforto de praticar bullying com essas pessoas, e quando eu fazia isso eu nem lembrava que eu já sofria (...). Talvez se eu pensasse nisso seria “estou do outro lado agora”. Eu não tinha empatia. (GREGÓRIO).

Ao longo de nossas discussões e com trechos como esse, em que Gregório relata como passou de vítima para agressor, confirmamos que Butler (2009) está certa ao falar que é necessário que pensemos o que faremos com a violência da nossa formação e com seus efeitos sobre nós – nossa ressignificação. Gregório mostra, acima, que chegou a pensar que esse seu ato de *descontar no outro* os sentimentos que tinha em si, não ajudou em sua superação dos fatos. Ainda, ao longo de seu depoimento, ele nos mostrou que sua atitude o fez pensar em como, na verdade, ele sabia que não deveria praticar contra o outro o mesmo *bullying* que sofreu, justamente por saber as consequências que tal violência trouxe para sua vida.

Dessa forma, através dos depoimentos analisados, inclusive com esse exemplo de Gregório, percebemos uma certa regularidade comportamental entre as vítimas, tais como a maneira de se portar/reagir diante da cena da violência. Isso se dá, como temos visto ao longo desse texto, por conta da performatividade da linguagem. As cenas de *bullying* relatadas nesse estudo têm nos mostrado a forma como a linguagem age (Austin, 1970) sobre o interlocutor.

Depois de constatar o caráter performativo da língua, outro ponto essencial consiste em compreender que para este enunciado ter efeito sobre o outro é necessária uma série de adequações do locutor. Essas adequações consistem em sua função social e do discurso que o sujeito pronuncia. A essas adequações referem-se também as formas linguísticas utilizadas, quanto a posição de um sujeito (agressor) frente ao outro (vítima), de forma que esse outro sinta-se atingido, agredido, violentado. Nesse ponto, vimos que é o poder que entra em cena:

não se trata apenas do fato de alguém dispor do poder de pronunciar em determinado enunciado, mas também de uma relação interpessoal na qual um sujeito sente-se em posição de autoridade em relação a outra. Nessas situações de violência, o agressor não sente apenas que é detentor do poder no sentido de ser, em certa medida, superior ao outro, mas também o poder em sentido de achar que pode, por isso, agredir o outro. É válido lembrar que, como vimos, é justamente o poder perlocucionário da fala e o agir performativo da língua que possuem uma força capaz de colocar qualquer pessoa na posição de vítima.

O outro ponto importante em se tratando de como o *bullying* é articulado através da linguagem e as diferentes formas como ele pode agir sobre a vítima, é a questão da iterabilidade (ou citacionalidade). Através da crítica de Derrida (1990), percebemos que a iterabilidade consiste na propriedade discursiva de um signo em poder ser repetido na ausência de seu referente, seu significado e sua intenção. Nesse momento final de articulação, conseguimos perceber que é justamente essa propriedade que traz a violência para a cena da interação e coloca o outro no não-lugar. Em uma determinada cena, um enunciado pode ser dito e nenhuma forma de violência ocorrer; porém, ao romper com o contexto e ser utilizado em outra cena, esse mesmo enunciado pode ocasionar ofensa e trazer a violência para o centro da questão. Em certa medida, esse tipo de situação ocorre devido ao *habitus* e ao campo em que estão inseridos ambos sujeitos. Essa visão é possível porque, segundo Bourdieu (1991), a noção de *habitus* é entendida, de forma muito ampla, como a principal força que impulsiona a ação social.

Conforme discutimos ao longo desse texto, violência e significação estão diretamente relacionados e atuam sobre o processo de formação dos sujeitos. Na concepção de Butler (2009), violência e não violência são elementos que configuram o sujeito e se tornam suas possibilidades constitutivas. Conseguimos compreender, a partir da discussão proposta no último capítulo da presente dissertação, que a sujeição consiste não apenas no processo de formação do sujeito, mas na dependência a um discurso ao qual não escolhemos, mas que sustenta a nós mesmos. No entanto, esse discurso é, por muitas vezes, violento. É também nesse sentido que o poder age, produzindo o sujeito, e ao receber esse poder pelo qual é inaugurado, contribui na forma como o sujeito social é produzido através de meios linguísticos.

Por fim, acredito que o presente trabalho tenha suas limitações calcadas no fato de termos analisado um pequeno grupo de vítimas. Com isso, quero dizer que podemos encontrar

situações muito diferentes e mais graves em outros sujeitos. No entanto, a dificuldade em encontrar vítimas que queiram falar sobre o assunto foi um grande desafio para alcançar sujeitos com discursos a serem analisados. Acredito, depois de tudo que discutimos, que a principal motivação para tal dificuldade seja justamente uma das consequências do *bullying*, a qual vimos também em nossos depoimentos: as pessoas, as vítimas, não querem falar sobre o assunto – seja por medo, por reviver sentimentos ruins, por *revirar o baú* das emoções que estão guardadas no subconsciente etc. Ainda, acredito que o tema *bullying* deva ganhar mais destaque em outras áreas, as quais atuam com mais ênfase principalmente na escola e no processo de formação dos sujeitos, para que, de alguma maneira, possam auxiliar as vítimas, observar a ocorrência dessa violência e, quem sabe – se não for sonhar alto demais – encontrar uma forma de diminuir ao máximo possível a ocorrência do *bullying*. E, digo *sonhar alto demais* porque as discussões que tivemos ao longo do presente trabalho nos mostram que não apenas a ocorrência da violência é algo complexo, como os sujeitos, as intenções, os efeitos e todos os elementos envolvidos em tal contexto, que pedem sempre uma reflexão amplamente aprofundada.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Lagshaw. **Quando dizer é fazer: Palavras e ações**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. São Paulo: Autêntica, 2012. 134 p. Tradução de: Guilherme João de Freitas Teixeira com colaboração de Jaime A. Clasen.

BUTTURI JUNIOR, Atilio; LARA, Camila de Almeida. AS NARRATIVAS DE SI E A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA DO HIV NA CAMPANHA O CARTAZ HIV POSITIVO. **Linguagem em (dis)curso**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.393-411, ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-180208-12217>.

CHAVES, Denise Raissa Lobato; SOUZA, Mauricio Rodrigues de. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 23, p.1-17, 5 abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230019>.

Fante, C. (2005). *O fenômeno bullying*. Campinas: Versus.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GUIMARÃES, Thayse Figueira; LOPES, Luis Paulo da Moita. Entextualizations criativas de discursos sobre raça em multi-situada práticas discursivas no Brasil 'periferia'. *_, Rio de Janeiro*, p.0-0, Não é um mês valido! 2018.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. São Paulo: Parábola, 2013.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MARCAS de uma geração. Direção de Leandro Resende Lacerda. Produção de Maria Carolina Ferreira Netto. Realização de Mariana Silva Morato. Minas Gerais, 2017. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AG9XnVaSesw&t=694s>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MULIK, Kátia Bruginski. **Linguística Aplicada: Diálogos Contemporâneos**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2019.

OLWUEUS, Dan. **Dan Olweus Org.:** Disponível em: <https://danolweusorg.wixsite.com/org-pe/quienes-somos?fbclid=IwAR1yaJDb0PeLSkaAPAS72a1Y9wAvsbpSLwOm1geii14zhAEDDM3JPsZ0XXs>. Acesso em: 30 jul. 2019.

PALÁCIOS, Marisa; REGO, Sérgio. Bullying: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 30, p.03-05, abr. 2006.

PINTO, Joana Plaza. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. **Cadernos Pagu**, Goiás, p.117-138, maio 2009.

PINTO, Joana Plaza. O percurso do Performativo. **Revista Cult**, São Paulo, p.35-36, nov. 2013.

RAJAGOPALAN, Knavillil. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola, 2010.

RAJAGOPALAN, Knavillil. **Por uma linguística crítica: Linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2013.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTE, Marilda C. (Org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Daniel do Nascimento e. **Pragmática da Violência: O Nordeste na mídia brasileira**. 2010. 181 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Unicamp, Campinas, 2010.

SILVA, Daniel do Nascimento e. Memória e Iterabilidade. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, p.149-173, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/30617347/2016._Memória_e_iterabilidade_sobre_lógica_Austin_e_Derrida._Morpheus>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SILVA, Daniel do Nascimento e; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. A propósito da Violência na Linguagem. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, p.129-146, jul. 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/16305744/A_prop%C3%B3sito_da_viol%C3%Aancia_na_linguagem._Cadernos_de_Estudos_Lingu%C3%ADsticos_UNICAMP_v._55_p._129-146_2013>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SILVA, Daniel do Nascimento e; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. A propósito da Violência na Linguagem. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Capinas, p.129-146, jul. 2013.

SILVA, Daniel N.; FERREIRA, Dina M. M.; ALENCAR, Claudiana N. (Org.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

VALLE, Ione Ribeiro; SOULIÉ, Charles (Org.). **Pierre Bourdieu: uma sociologia ambiciosa da educação**. Florianópolis: Editora Ufsc, 2019.

VOGT, Carlos. **Linguagem, Pragmática & Ideologia**. 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

VOLOCHINÓV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carços: Pedro e João Editores, 2013[1893].

VOLOCHINÓV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXO A – Depoimentos

Transcrição das entrevistas – *corpus* de análise:

Ana Luiza	<p>“A parte que eu sempre achei interessante do bullying - e é uma teoria que eu tenho tido agora - é que o bullying... ele é como se fosse tipo... os preconceitos que tão ali e aí eles vão se aparecendo na forma do bullying. É a pessoa que não... tem a cor dos outros coleguinhas, ou tem uma origem mais humilde, não tem aquela escolaridade assim... não é escolaridade, mas não tem aquele passado de ah... parecer que ‘eu sou descolado’, que ‘eu tenho a roupa de moda’, é a pessoa que se aparenta diferente, sendo que o diferente... não é ser um padrãozinho: hétero, ‘sis’, branco e classe média alta.</p> <p>Eu tinha um apelido, uma época, que era “cresbunda”, que era o cabelo que eu tinha na cabeça, as meninas tinham na bunda. E.. é.. eu virei pra professora, eu contei pra ela isso e ela falou assim: - você é? ... aí eu falei assim: - não, mas tá me incomodando. Aí ela falou assim: - mas não é isso que tá acontecendo. Você... você se.. você é aquilo que eles falam? Aí eu: - não! Aí ela falou assim: - então tá, então ignora. Era sempre a reação: você, eu como indivíduo ter que tomar uma postura de tentar ignorar aquilo que tava acontecendo, nunca de confrontar, nunca de acabar com aquilo.</p> <p>Quando alguém implicava com meu cabelo e tal... eu já tive duas reações bem violentas na situação. Eu xinguei o jovenzinho “lá na alta”, e ele ameaçou contar pra professora. E eu disse “por favor não conta que eu te xinguei... de nomes muito feios”. E a outra foi uma menina que colou no meu cabelo e eu dei um “chutasso” nela, na primeira série. 7 anos de idade e eu lá... (gestos de luta). Mas... quando... à medida que eu fiquei mais velha, eu internalizei. Então... como a minha... a minha reação primária que era tipo assim, de violência, ou de xingar, ela basicamente foi encolhendo. Eu não falava, eu simplesmente... quanto mais invisível eu aparecer, ou seja, não aparecer, menos eles vão me notar, menos eu vou ser o alvo. Então eu acho que a partir daí que tem aquela anulação do ser, né?! Você vai se anulando aos poucos, quem você é, não pra você ser igual a quem te... quem te... tipo, oprime, mas pra você simplesmente parar de ser o alvo; pra ir quebrando um pedacinho de quem você é, pra simplesmente ver se desaparece.</p> <p>Eu tive um trabalho muito grande pra tentar me reconstruir de novo e aí foi aí que eu reparei quanto dano tinha sido feito. Porque você vai se diminuindo tantas vezes que você não tem noção de quanto que você tá basicamente enterrada mais... você não tem noção do quanto você se quebrou pra, tipo assim, desaparecer. “Cê” vira basicamente pó, emocionalmente, mentalmente, fisicamente. E isso vai se mostrando em outras áreas da vida, então minha habilidade emocional de lidar com qualquer coisa era nula, zero, eu não tinha nenhuma motivação pra estudar ou pra imaginar um futuro, porque simplesmente não... não merecia, sabe (?!), só aqueles coleguinhas legais, que “uhul”, todo mundo adorava ia conseguir aquilo, porque eles sempre... sempre estavam integrados, eles sempre pertenciam, e eu não pertencia, então não tinha o direito de sonhar com alguma coisa além daquilo. Então... se... quanto mais você confronta é melhor, porque você evita essa anulação, porque eu lidei com isso dessa</p>
-----------	--

forma. E quem tem depressão? Eu tenho ansiedade severa, e aí? Isso me impacta até hoje, e eu tô formando na faculdade, vou entrar no mercado de trabalho tendo crise de ansiedade, tipo assim, constantes; emagrecendo; Tendo que... as vezes, tendo ataque de claustrofobia nos lugares mais inesperados, por causa disso. E... “cê” não percebe que é por causa de que alguém, tipo, te chamou de “cresbunda”, ou porque falou que você não pertencia ali, ou porque falavam assim “ah, mistura aí esse tanto de cor de lápis porque não tem sua cor aqui”. “Cê” não vai entender, enquanto “cê” tá tendo uma crise de ansiedade por causa de uma prova, ou por causa de alguma coisa assim que é a raiz de uma série de violações que você sofreu ao longo da vida. Então... eu tive amigos que sofreram bullying, de uma forma muito severa, e se suicidaram. E aí? (Choro) Então... eu fico muito feliz quando eu vejo pessoas falando do bullying cada vez mais, porque evitam disso acontecer de novo; porque a gente não tem dimensão de quanto a gente vai se anulando aos poucos e quanto a gente merece viver, ou de que a vida é uma coisa boa. A gente só quer que o sofrimento acabe. E às vezes não viver é a forma que a pessoa encontra de parar de sentir dor. Então, assim... nunca não confrontar o bullying, nunca não confrontar o agressor é uma coisa boa.

Quando eu vejo as fotos que eu tirei, os textos que eu escrevi, os poemas que eu fiz, os contos que eu gostava no facebook, é aí que eu reparo o quanto eu tava insatisfeita, tanto que tinha me impactado, e eu acho muito triste de olhar, tipo, pra uma criança, basicamente, de 14 anos e saber que ela era totalmente infeliz com a vida dela e com as coisas e ela não tinha a menor... ideia de como mudar aquilo. Tipo assim: noção zero, porque ela achava que aquilo ali era normal... e que ela nunca ia encaixar, e ela nunca taria com os coleguinhas maneiros, ela nunca ia pertencer.

Pra falar quando que eu reparei que eu deixei isso tudo pra trás, eu vou falar de como que eu reparei que eu precisava mudar. E foi exatamente quando eu tava no último ano no ensino médio e... e veio aquela festança, e eu via a sala totalmente reunida, totalmente unida, e... eu tinha minhas amigas, óbvio, mas... eu olhava pra aquilo dali e eu queria fazer parte daquela felicidade e a única coisa que eu conseguia pensar era tipo “ahh acabou”, sabe?! E eu não queria que a faculdade fosse um reflexo do ensino médio, sabe?! E foi aí, naquele ponto, que eu falei assim “eu... eu preciso mudar”. E... tendo estudado sobre... ansiedade, sobre a cultura negra, sobre a transição capilar, e isso tudo foi no... na... mudança do meu primeiro, não... é, foi saindo do meu terceiro pro quarto período da faculdade que eu olhei pra trás e eu vi, tipo assim, que eu tava totalmente feliz, que eu tava me sentindo pertencente ao lugar que eu tava, e... eu me sentia unida com os meus amigos, com a minha família, com a minha faculdade, com o meu propósito de vida, e aí eu escrevi sobre isso. Tem um post sobre isso no meu facebook, sobre o marco de um ano dessa transição, e foi aí que eu reparei assim: “cara, eu consegui!”. E terminar aquele texto, que foi um parto pra escrever... eu basicamente vivi todas aquelas emoções e eu... quando eu terminei eu publiquei, eu me senti nova, eu falei assim: “é aqui que eu quero estar”, e... passou! E essa foi a hora que, assim, eu “YES! VIDAAA!”. (Ela abre o post no facebook e mostra para as câmeras) Essa é a foto que, como eu tenho um apreço muito grande por

	<p>memes, eu decidi basicamente colocar um grande, superando, pra marcar né, essa diferença entre a antiga Ana e a nova, basicamente. É tão engraçado que... a primeira foto, a de cima, teve tipo uma superprodução pra eu conseguir fazer ela. Meu cabelo não ficava certo de jeito nenhum, totalmente espigado. E aí a de baixo foi assim, basicamente eu, de pijama, aí falei assim, Júlia - que é minha irmã - pelo amor de Deus, tira uma foto aqui pra mim, rapidinho. E foi só isso! E... era tão importante, antes, que eu estivesse arrumada, com a aparência perfeita, e que tudo parecesse certo... agora isso é tão... tão fácil! Não tem muito o que pensar sobre o que ser e como eu devo parecer; é só natural, é só eu mesmo.</p> <p>A única coisa que eu queria acrescentar é que nunca banalizem o bullying, ele é real, é muito dolorido pra quem sofre, e que então nunca tente menosprezar o sentimento de alguma pessoa que tá passando por isso, porque... é foda!”</p>
Laryssa	<p>Todos acham que têm direito de julgar os outros, principalmente pela condição financeira. E quando você não tem exatamente a condição financeira que todos os outros lá tem, é um pouco pior isso. Eles achavam explicação de você mesmo. ‘Quê que tem de errado né?, pra tá me enchendo o saco e fazendo isso comigo.’ Eu cheguei a conclusão que eu acho que era... ai cara, não sei, acho que eu era bem feia no ensino fundamental. Eu tenho muito hormônio, então já desde nova, tipo 11 anos, eu tinha muita espinha, muito pêlo - no braço, sobrelha...- e aí ficava aquela coisa tipo... apelidos. Já me chamaram de Toni Ramos, tipo ai... - a cara dela é cheia de espinhas, a minha é lisinha, olha o meu rosto, é liso, o seu não. E é... é estranho isso, porque é uma coisa que cê não controla. Porque o que que eu vou fazer? Raspar o pêlo do corpo todo? Eu vou... no caso da espinha nem tem o que fazer... E na questão, tipo... eu fazia tratamentos dermatológicos, mas é aquilo né?! Não resolve da noite pro dia...</p> <p>A gente ter como reagir depois que acontece mesmo... tipo assim: reagir, meio que superar ... que falamos... sabe, reagir?! Acho que uma vez eu briguei com um menino, mas também não foi uma coisa muito boa, porque foi assim: é... rebatendo o bullying com bullying. Aí ele foi falar comigo, não sei o que... e eu: seu gordo, seu gordo. E aí esse menino nunca mais falou comigo. Também não é uma boa forma de se reagir, fazendo a mesma coisa que as pessoas fazem com você, com outra pessoa.</p> <p>As marcas que a gente fica é... por exemplo, quando eu era criança, eu era uma criança muito mais comunicativa! Eu falava com todo mundo, conversava com todo mundo, o tempo todo, e depois disso a gente fica mais fechado, né?! Eu ainda sou bem comunicativa, mas é que você demora um tempo pra você conversar com uma pessoa, ser mais aberto com a pessoa. Você fica mais fechado porque “cê” não sabe o que a pessoa pode fazer, o que ela pode te julgar, porque que ela pode te julgar, então a gente fica mais receoso, com o pé atrás, sem querer - principalmente hoje - falar da vida da gente, a gente quer ficar fechado quanto a isso.</p> <p>Hoje quando eu vejo foto, por exemplo, dessa época, dessa época mesmo, 11, 12 anos, eu não tenho foto! Eu rasguei todas, eu sumi com todas as fotos que eu tinha, porque essa época mesmo é ruim de lembrar. Quando eu vejo as pessoas que estudaram comigo nessa época eu mal cumprimento, não gosto de ver, não gosto de lembrar, principalmente as que fizeram isso,</p>

	<p>porque eu... as pessoas que fazem isso superam muito mais rápido, é impressionante! Hoje o pessoal te encontra mais velho e “Meu Deus, tudo bem com você” - (tom de espanto e deboche), e vem te cumprimentar e você fica assim... “oi? Não lembra né, o que você fez?!”. Isso é ruim... dessa época mesmo, saudade nenhuma, vontade nenhuma de ver foto, de ver lembrança!</p> <p>Teve um momento, que foi quando eu pensei “não, realmente, tá triste isso aqui”, me peguei lanchando dentro do banheiro, pra ninguém me encher o saco. E eu falei “nossa, realmente, tá ruim, pra você ter que lancha dentro do banheiro, tá...”, aí eu me senti como naqueles filmes americanos, uma coisa que a gente acha totalmente estereótipa, nunca vai acontecer, mas o que não faz pra fugir, né?! Eu ficava na biblioteca também... Na época eu era melhor amiga acho que do bibliotecário... eu ficava mais tempo lá, eu acho, do que fora da sala. Mas acho que depois de um tempo ‘cê’ vai encontrando pessoas que não... que te fazem sentir bem, apesar de tudo aquilo. Aí foi quando eu realmente consegui fazer amigos, amigos que eu tenho até hoje, amigos de verdade, que eu fui superando. ‘Cê’ vai... não acho que vai deixando de acontecer de uma hora pra outra, mas ‘cê’ vai deixando de se importar com o que as pessoas pensam, porque você sabe que tem outras pessoas que pensam coisas melhores de você. Então ‘cê’ muda o lado que ‘cê’ vai reparar, porque acho que você coloca muita força quando a gente se importa muito com o que o outro pensa. E a medida que ‘cê’ vai desconstruindo isso, “não interessa o que os outros pensam de mim”, você não é aquilo, e aí eu acho que vai ficando mais fácil de superar.</p> <p>É brincadeira de criança? É criança implicando com criança... era muito estranho porque... toda essa teoria que tem de criança... é muito... “ah, é pura, é brincalhona...”... as pessoas não sabem como criança pode ser má! Pode fazer coisas ruins... eu acho que talvez nem é da essência da criança, mas aquilo que a criança vê em casa, que os pais fazem ou que veem outros pais fazendo, reproduz muito. Com criança é muito mais difícil de entender.</p>
Álvaro	<p>Ninguém tá nem aí, pode falar que tá, mas ninguém tá nem aí. Ninguém liga. As pessoas gostam de fazer bullying... ah... por fazer. Pela, talvez, pressão social, de amigos, de querer fazer algum tipo de gracinha, ou até acho que de auto-afirmação no meio de uma sala, no meio dos amigos. Então sempre gostam de menosprezar alguém ou procurar... eu não digo defeito, mas procurar talvez alguma coisa que a pessoa se sinta incomodada, que sabe que vai machucar, pra poder mexer com a pessoa. Então, ah... no meu caso, por exemplo, de que eu era muito gordo, eu era obeso, e aí sempre ficavam ah... ‘baleia’, ‘chupeta de baleia’, ‘ó o gordinho ali’, não sei o que... aí dependendo dos trejeitos ainda ficavam assim ah... ‘bichinha gorda’, ah.. não sei o que... Aí se qualquer... gesto que você fazia falavam assim... ‘á lá, tá fazendo ballet’, ‘bichinha gorda fazendo ballet’, ‘se achando Bila Bilu’, e aí quanto mais você reagia... talvez triste, talvez de maneira negativa, se você expressasse que não tava feliz, era mais... era mais intenso o tipo de xingamento, era mais intenso o jeito que eles gostavam de menosprezar, era mais pejorativo os tipos de chamado. Era bem... bem complicado!</p>

No começo, eu... é... no começo eu ficava triste! Até que teve um dia que eu reagi, eu comecei a brigar com o menino que tinha... que tinha me xingado, fez um monte de coisa comigo. E aí eu peguei e... nós dois, no caso, a gente partiu para a agressão física. E aí, quando eu cheguei em casa, ainda, eu peguei e contei tudo pra minha mãe. Falei “ah, (burbúrios que indicam que ele estava contando para a mãe) eu reagi e tal. E tipo assim, a escola, professores, diretoria e todo mundo que trabalha ali, eles não tão nem aí! Isso é fato! Ninguém tá nem aí! Pode falar que tá, mas ninguém tá nem aí, ninguém liga! “Cê” pode chegar pra reclamar e eles vão falar assim “ah não sei o quê, questão do bullying”, mas tomar providência, ninguém toma, ninguém faz nada, isso é fato! Aí... Am... Cheguei em casa, minha mãe me bateu, virou e falou assim: “isso é pra você aprender a não deixar ninguém fazer nada com você. Porque se ninguém toma providência, então você vai lá e toma e faz alguma coisa. Não deixe que ninguém te humilha, você não merece isso.”. E aí depois disso, assim... quando alguém ia mexer comigo eu pensava mil vezes “por que você tá fazendo isso comigo? Não!” Então eu, eu, deixei de me importar! Eu deixei de trazer pra dentro de mim aquela sensação de inferioridade, de que aquilo me afetava e não deixar que a pessoa acabasse com o meu dia, nenhum fator externo me prejudicasse desse jeito. “Por que eu vou deixar uma pessoa falar de mim e vou me importar com isso? Não! Não vou deixar”. E aí eu parei. E aí as vezes alguém ia falar alguma coisa comigo e eu entrava na onda, só isso.

Particularmente, no meu caso, no meu caso, eu acho que foi bom... porque me fortaleceu em vários aspectos! Ah... O ponto negativo do bullying, tanto que eu passei, tanto que eu sofri, chegou num nível que me fez agir, de verdade! Igual: eu era obeso, e eu já não tava aguentando mais, era horrível aquela sensação, e eu me senti... por mais que você fala “eu não vou me importar”, você se importa, nem que seja um pouco, aquilo te leva pra dentro. “Cê” pode exteriorizar que não, tá tudo bem, eu não tô passando por isso, tá ótimo, mas “cê” fica... o seu inconsciente fica ali ó (gestos com a mão girando)... sabe?! E aí, o bullying, por exemplo, foi uma das coisas que me fez emagrecer, que eu disse “não, eu não aguento mais”. Então foi um impulso. Me fortaleceu eu que sentindo: o momento em que eu acabei partindo pra agressão física com esse colega meu, que a gente realmente brigou e tal, e aí eu cheguei em casa, daí contei pra minha mãe, eu apanhei por causa disso, e ela falou que eu não devia deixar ninguém me humilhar, foi tipo um choque de realidade pra eu não deixar as pessoas ficarem interferindo no que eu sinto. E aí eu acho que isso foi muito importante pra mim, porque eu acho que muitas vezes, e eu carrego isso até hoje, as vezes uma pessoa me xinga, ou alguma coisa assim, toda essa carga que eu já tive me faz pensar “por que eu vou deixar essa pessoa me afetar, se ela tá falando isso ou aquilo de mim? Não tem porquê.”. Então eu acho que nesse aspecto, e pra mim, particularmente, foi bom. Mas, o que eu vejo na maioria das pessoas, inclusive colegas meus, é o contrário. Então isso vai muito da personalidade da pessoa, do tipo de xingamento que ela tem, do tipo de bullying que ela tem, porque não é todo mundo que passa por isso de maneira positiva. Eu, se eu não tivesse tido consciência de muitas coisas, provavelmente hoje eu poderia ser uma pessoa extremamente retraída, uma pessoa super introvertida. O irmão da minha melhor amiga,

	<p>por exemplo, a vida dele mudou 100% por causa do bullying. Ele... ele... é super antissocial, ele não sai de casa, exatamente pelas coisas que aconteceram com ele. Uma das coisas foi que, por exemplo, ele apanhou na sala, os colegas dele - de zoação - pegaram ele, bateram nele, filmaram, o vídeo foi veiculado e a escola inteira ficava rindo dele, apontando. Ele demorou quase seis meses pra voltar na aula. Até hoje ele conversa muito pouco, as consequências pra ele foram ruins. Então por isso que eu acho que é extremamente individual, particular, o que acontece em cada um, as consequências do bullying.</p> <p>Ah... eu sempre lembro de... principalmente quando eu vejo o pessoal da sala, as vezes, quando eu olho fotos da escola... geralmente a gente tá em turma, e é impressionante que as vezes eu não consigo me identificar tanto na foto. A primeira coisa que eu olho na foto... a gente vê os colegas e o primeiro rosto que vem são as pessoas, exatamente, que faziam bullying com você, que não te tratavam bem, que não te respeitavam e dá aquele sentimento de... tipo assim... ranço. Entendeu? Aí ao mesmo “cê” para e pensa “poxa, será que eu tenho que tá assim”, e não sei o quê... “tanto tempo...”, mas fica aquilo na sua cabeça... não sai.</p>
Gregório	<p>Eu demonstrava ser afeminado, era assim... comportamentos diferentes. E apenas porque eu era afeminado, apenas por causa disso, e algumas vezes porque eu era negro também.</p> <p>Assim, não tem como você sofrer bullying e ignorar por completo. Tem como você parar de sofrer, assim, dar menos importância àquilo. Então foram as duas coisas que foram acontecendo: 1) eu passei a dar menos importância e isso acontecia com menos frequência e 2) a transição para o ensino médio. E foi aí que eu comecei a praticar bullying com as pessoas. Fui mais comunicativo e passei do lado do oprimido para o opressor, basicamente. Eu era um adolescente, de 16 até 18 anos por aí, que queria zoar, que queria brincar e tal, e... conhecimento, a gente vai conhecendo, a gente vai desmistificando algumas coisas, você vai conhecendo as brincadeiras que não são legais, as consequências, e... acho que pelo conhecimento mesmo, eu passei a pensar nas consequências... que isso não tinha sentido, era desnecessário, poderia prejudicar alguém e tal... e foi bem isso... parei de... achei que era uma coisa infantil. Tem necessidade pra quê?... A gente era um grupinho na sala e as pessoas... ninguém confessava o que a gente falava, então a gente sentia o conforto em falar o que a gente quisesse. A gente falava tudo com todo mundo, assim. Tinha umas meninas lá que eram da zona rural e a gente fazia bullying com elas, por elas serem de uma zona rural da cidade, bullying de todos os sentidos, tipo: ah sei lá... “não tô vendo seu cabelo, tô vendo só poeira” porque tem terra, sabe?! A gente fazia bullying e elas eram... elas não falavam nada, elas ficavam lá tímidas e tal. Tanto que eu fui um monstro, a gente foi um monstro. Então muitas vezes a gente juntava, eu e mais uma amiga, mais outra, as vezes quatro, e a gente fazia bullying com os colegas, assim... a gente... porque por algum motivo a gente se sentia superior. Essa sensação de ser superior, no ensino médio, por algum motivo me trazia esse conforto, de praticar bullying com essas pessoas, e quando eu fazia isso eu nem lembrava que eu já sofria e que eu acho que nem fique na minha mente... talvez se eu pensasse nisso seria “estou do outro lado agora”. Eu</p>

	<p>não tinha empatia.</p> <p>Teve uma época que, assim logo no início do semestre, quando eu entrei, eu engordei bastante, aí as pessoas comentavam, e tal, aí faziam uma brincaderinha, e isso me incentivou a emagrecer, e eu quase... eu entrei em estado anoréxico, quase evolui pra bulimia. Isso foi uma das coisas que me influenciou a emagrecer, porque eu não queria voltar a sofrer bullying por estar gordinho...</p> <p>Faz mal quando eu vejo em uma foto minha é... eu... eu olhava assim... eu mudei muito e eu... eu penso assim “Nossa época foi muito triste, olha como eu era”. As vezes eu até penso “as pessoas estavam certas de fazer bullying comigo”, coisas do tipo, só de olhar minhas fotos antigas. É uma fase triste, eu não queria... eu acho que eu melhorei, de alguma maneira eu me sinto melhor.</p> <p>A minha infância não foi boa, por ‘n’ motivos, bullying era uma delas.</p>
Matheus	<p>A principal motivação do bullying que eu sofria era o fato de eu ser muito afeminado, assim... E ter a minha sexualidade o tempo todo questionada para além do que seria considerado normal né, que é ser heterossexual. E.. foi algo que... que antes mesmo de eu ter a minha identidade como gay eu já era questionado a respeito disso. Antes mesmo de eu entender o que era sexualidade, do que que era atração sexual, é... através do meu comportamento as pessoas já me questionavam, já me maltratavam por causa disso.</p> <p>A gente sempre tenta reagir de alguma forma, seja tentando não se importar, seja... é...chorando, depois, sozinho... isso eu fiz também. É... mas reagir... com outra violência, com xingamento, isso eu nunca fiz não, sempre foi algo que acabou ficando pra mim mesmo.</p> <p>Ah, eu acho que o caso que mais me marcou foi... na 6ª série, que... é... eu, tipo, sentava mais pra trás assim, e aí tinha um menino que era muito babaca, escroto, que tipo, ele tava na escola só pra zoar mesmo, e aí ele não prestava atenção em nada na aula e ele sentava, tipo assim, a uma fila de distância da minha, só que um pouco mais pra trás, e aí... é... tava começando a febre do celular... os alunos estavam começando a ter celular na época, e aí, tipo, ele levou o celular pra escola e, tipo, foi a sensação, assim, aí... teve um momento em que ele pegou o celular tipo vibrando e tentou enfiar em mim, porque ele achou que eu fosse gostar, sabe?! Então... aí eu lembro que, tipo, eu levantei e... é... Fiquei muito, muito, muito nervoso, chorando e tremendo, e aí eu cheguei na professora e gritei com ela, que eu não aguentava mais aquilo porque, tipo, me enchia o saco todo dia, é... e esse foi o ponto mais físico, sabe?! Porque antes era tudo muito verbal, assim... mas sei lá, eu acho que chega num ponto em que as pessoas acham que têm liberdade de encostar em você e eu fiquei, nossa... Muito puto com isso! Foi algo que me marcou muito, assim...</p> <p>Eu acho que eu acabei desenvolvendo coisas que eu chamo de “técnica da sobrevivência da sociabilidade”, porque... eu sou muito calculista hoje, no sentido social, no que eu posso, do que eu não posso fazer, dependendo do lugar que eu tô, eu tenho que... silá, calculando o tempo todo é... como me adaptar. Eu acho que isso é algo que eu desenvolvi que eu não tinha, assim. É... a gente acaba perdendo um pouco dessa espontaneidade, eu acho, pra sobreviver mesmo, assim... sem um conflito muito grande, sabe?! Porque as pessoas se conflitam por tão pouco, sabe? olhada na rua, é... traz um</p>

conflito muito grande, e... assim, eu sou uma pessoa que gosto... hoje não estou mais, mas eu já tive cabelo colorido, eu gosto de pintar a unha... Então, por exemplo, dependendo do lugar que eu tô, eu, intuitivamente, escondo as mãos, pra não mostrar que eu tô com a unha pintada, por exemplo, e é um cálculo que é... é chato de ficar fazendo o tempo todo, mas eu também não sei como viver de outra forma.

Eu acho que eu gosto bastante dessas fotos assim (se refere a fotos antigas)... É... são fotos que... mostram que eu fui, de fato, uma criança bem diferente, assim... no sentido de... eu acho que os pais têm uma expectativa muito forte em cima dos meninos de que ele vai crescer, vai gostar de futebol, vai gostar de brincar de carrinho, e isso não aconteceu comigo, assim. Eu punha blusa de frio na cabeça pra fingir que era cabelo grande, eu gostava de brincar de boneca, de dançar, de cantar, e todas essas fotos mostram isso, assim... Então, hoje quando eu vejo essas fotos, eu vejo um poder muito grande nelas de mostrar que eu e outras milhares de crianças que eram assim existiram, sabe?! E que não tem nenhum motivo pra oprimir, tratar mal, subjugar a gente. Eu acho que a gente fica muito tempo sendo tratado mal pelos outros e acaba guardando algumas feridas de...de parece que você ser quem você é, é errado sabe?! E aí quando eu vejo essas fotos em que a minha infância eu era muito mais espontâneo, eu fazia o que eu queria, é... e essa espontaneidade foi começando a ser violentada, é... isso traz algo negativo, assim. E aí eu acho que ver essa fotos me lembra que essa espontaneidade não tem nada de negativo, que eu posso ser quem eu sou, que não tem nenhum problema em ser gay, em ser afeminado... E eu gosto muito dessas fotos por isso. Elas me empoderam, de certa forma, sabe?! Sei lá... eu acho que a minha subjetividade fica mais forte ao ver essas fotos, ao saber que a minha origem é... era espontânea e alegre. E eu tento buscar um pouco disso pra mim hoje, também.

(mostra as fotos para a câmera) Eu gosto muito dessa foto porque a minha vizinha tinha uma boneca e... tipo, eu queria muito ter um boneca, mas meus pais nunca me permitiram. Então eu pegava as bonecas dela que já eram tipo... quebradas e stragas pra brincar assim... E era, sei lá... alguma festinha que ia ter na escola, e eu fui vestido com essa roupa, assim, bem viadinho, numa pose bem viadinha. Essa foto (outra) sou eu com uma blusa de frio na cabeça, fingindo que era cabelo grande, porque eu queria muito, muito ter o cabelo grande e eu queria, mas também não me permitiam, assim. E... eu lembro que quando a gente foi... minha família foi pra Porto Seguro, eu tinha uns 5 anos de idade, eu... vi umas perucas na loja e eu queria muito comprar, mas os meus pais não deixaram, então eles só deixaram comprar essa de rastafari (mostra a foto) que era mais discreta. Aí eu lembro que nessa viagem foi quando eu vi uma 'dreg' pela primeira vez, que era o show de uma transformista que tinha a noite, e eu, tipo, fiquei tão fascinado, assim, que eu fui cantar no palco, a Marisa Monte, "Amor I Love You", aí minha mãe até escreveu aqui: "Matheus cantando no palco Marisa Monte, lá em Porto Seguro, chegou, subiu no palco e pediu pra cantar, pode?!"... porque eu gostava muito de cantar, dançar, é... Essa foto (mostra mais uma) eu também acho muito engraçadinha que é bem "Priscila, rainha do deserto", assim, tipo: "ao vento". E aí tem várias outras fotos, assim, que tem uma feminilidade, que... o meu olhar capta (mostra

	<p>mais fotos). Aí tem várias fotinhas de criança... bem viadinho. Eu acho que o momento de superação foi quando... eu conheci, né, pessoas que eram parecidas comigo, isso sem dúvida, e... como meu ensino médio foi tipo... é...em campus de uma universidade, que era maior, tinha uma diversidade gigante de gente, eu acho que essa mentalidade mais madura também ajudou muito com que eu é... fosse mais respeitado pelas outras pessoas. Eu acho que o meio, nesse sentido, em que eu estava inserido, ajudou, também, a sair dessa, juntamente com os amigos que eu fiz no ensino médio, que eram parecidos comigo, entendiam o meu lado, que sabiam um pouco já do que eu tinha passado, que sabiam o que eu tinha sofrido. Eu acho que essa questão da empatia é decisiva, assim.</p>
<p>Depoimento Anônimo</p>	<p>Bom, os meus traumas escolares começaram com... há um tempo atrás, eu tinha cerca de 8 ou 9 anos, não sei, e eu sempre fui mais alta que os meus coleguinhas e sempre fui gordinha, e eu notei que isso começou a incomodar algumas pessoas. E isso pra mim nunca fez diferença, porque eu nunca, nunca notei isso. Eu comecei a notar quando as pessoas começaram a notar e vários coleguinhas se afastaram de mim por influência de outras pessoas, e foi aí que eu comecei a notar que tinha alguma coisa errada. E... isso eu tava na terceira ou quarta série... na quinta eu mudei de escola e as coisas lá não foram muito fáceis porque eu nunca fui muito de me enturmar, porque eu acho que por ter sido tão excluída na outra escola, eu criei uma certa resistência por medo de me magoar. E... nessa escola, as pessoas riam, me zoavam e brincavam sem motivo nenhum. Creio eu que o fato de ser gordinha colocou um alvo nas minha costas e... sei lá... irritava as pessoas o fato de eu não ser igual a elas. E já aconteceu casos de eu ver alguém sofrendo bullying e eu não conseguir ficar quieta porque eu acho que ninguém merece isso e... puxaram a cadeira de uma menina, ela caiu e machucou as costas. Eu ajudei ela e no final da aula ela se juntou com as meninas que machucaram ela pra me bater. Porque as meninas não gostaram de eu ter ajudado ela e ela queria enturmar com as meninas. Então foram 5 meninas me batendo, da escola até na minha casa; e puxaram meu cabelo; e me arranharam e... me machucaram... muito. E pessoas viram, adultos viram, e ninguém fez nada. Eu tinha 11 anos. E isso foi uma coisa que me magoou muito, e nessa escola eu passei por muita coisa e... pessoas iam na minha casa me ameaçar por fofocas que alguém contou. Criavam histórias sobre mim, e assim... Era uma perseguição diária. Eu pedi minha mãe, implorei minha mãe pra mudar de escola. Eu mudei de escola e as coisas não melhoraram. Nessa outra escola eu continuava gordinha, então continuava esse problema pra eles. E já aconteceu de pedirem a chave ao professor, da sala, e o professor dar a sala pros alunos e no final da aula me trancarem sozinha na sala, eles irem embora e eu ficar 1 ou 2 horas chorando dentro da sala, esperando alguém abrir, porque o professor não se deu ao trabalho de avisar que eu tava na sala. E... professores faziam piadinha e às vezes eu tava na sala, e já aconteceu de fincarem um lápis do meu braço, passarem o estilete e falarem “opss...”. E... puxarem o meu cabelo, e me baterem, e fazerem várias coisas do tipo, e eu simplesmente não saber o porquê. E quando eu perguntava o motivo daquilo, eram respostas do tipo “ah, você é gorda”, “ah, não gosto de você, ninguém gosta de você”. Isso me traumatizou muito! Foram anos e anos aguentando isso, ficando trancada no banheiro e não poder fazer educação</p>

física, porque todo mundo ficava apontando e rindo. Eu desenvolvi transtornos alimentares, perdi muito peso e arrisquei muito a minha saúde por causa disso. E as brincadeiras continuavam porque acho que o problema era eu. E com isso eu desenvolvi depressão e síndrome do pânico, crises de ansiedade. Eu não consegui terminar o meu ensino médio porque eu tentei cometer suicídio, porque eu não tava aguentando mais, eu tive que sair da escola. Até hoje isso é uma coisa que me persegue. Eu faço curso e às vezes eu tenho crises de pânico só de pensar em ir pro curso. Eu não sei o que vai acontecer, eu não sei quando alguém vai me agredir na sala e eu não tenho muita facilidade pra confiar nas pessoas, porque sempre que eu vejo alguém conversando eu acho que é de mim, e eu fico esperando quando que vai ser o próximo golpe, e quando vão vir e começar a rir de mim. Isso acabou muito com a minha autoestima, me marcou muito. As vezes eu vejo as pessoas na rua e eu simplesmente travo, começo a ter crise de ansiedade, porque eu não sei o que vai acontecer. Até hoje eu sinto muito medo e são marcas que eu acho que vão me acompanhar até o resto da vida. E eu passei por tudo isso sozinha, porque eu não soube pedir ajuda. As pessoas acham que por ter tamanho, você te que ter força, mas eu nunca, eu nunca soube agredir ninguém. Eu nunca soube bater em ninguém, então sempre apanhei calada. Minha mãe foi ficar sabendo dessas histórias agora há cerca de um ou dois anos atrás. Eu nunca tive coragem de contar pra ela, porque eu sempre me envergonhei e sempre achei que aquilo era culpa minha, que de alguma forma eu tinha merecido aquilo. E é isso, eu tenho muitas marcas, tanto físicas e principalmente psicológicas. Eu tento lidar com isso da melhor forma possível, mas acho que é uma dor que vai me acompanhar pro resto da vida, porque foram anos e anos, anos e anos. Acho que praticamente durante toda minha vida escolar eu tive esse problema, de pessoas que não gostavam de mim pelo simples fato de eu não ser igual a elas. Eu nunca entendi o porquê de me odiarem tanto, mas... é isso.

Fonte: Transcrição da autora.